

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Mestrado em Lingüística

Simone Muller Costa

**PRÁTICAS DISCURSIVO-INTERACIONAIS DE “NÃO-RESPOSTA”:
evadir-se ou não da pergunta em contextos institucionais**

Juiz de Fora

2010

SIMONE MULLER COSTA

PRÁTICAS DISCURSIVO-INTERACIONAIS DE “NÃO-RESPOSTA”: evadir-se ou não da pergunta em contextos institucionais

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras – Lingüística.

Orientadora: Sonia Bittencourt Silveira, D.Sc.

Co-orientadora: Amitza Torres Vieira, D.Sc.

Juiz de Fora

2010

AGRADECIMENTOS

Para alcançar esta vitória, contei com o carinho e apóio de muitas pessoas, por isso, gostaria de agradecê-las, mesmo sabendo que estas simples palavras não serão capazes de expor a dimensão do meu agradecimento.

Agradeço: primeiramente, a Deus que me deu saúde e fé para persistir;

à minha mãe, que sempre foi uma grande amiga, me incentivando e aconselhando, que sempre acreditou que eu era capaz e me consolou nas minhas crises de choro;

à minha irmã, que me fazia companhia nas horas de cansaço e tentava me distrair;

ao meu pai, que sempre buscou me apoiar da forma dele e me fazer rir das suas idéias;

ao Pablo, que se mostrou um grande amigo e soube compreender a minha falta de tempo;

às minhas queridas professoras e amigas Sonia Bittencourt Silveira, Nilza Barrozo Dias e Amitza Torres Vieira, que conseguiram fazer com que a cada dia eu me apaixonasse ainda mais pela lingüística e me transmitiram conhecimentos imensuráveis;

à minha amiga Louise, que como sempre esteve por perto, sendo simplesmente amiga;

aos tios e primos de Espera Feliz, que sempre estiveram de lá torcendo por mim;

à minha madrinha Graziela, que com seu carinho e palavras corretas, nos momentos de apreensão, foram fundamentais para eu continuar acreditando que chegaria até aqui.

Obrigada a todos que me apoiaram e que não mencionei aqui, simplesmente porque seria impossível fazer um agradecimento pessoal a cada um de vocês, neste curto espaço.

RESUMO

Neste trabalho, investigamos as respostas produzidas nos contextos de entrevista política (entrevista com o Ministro da Educação Paulo Renato no programa *Roda Viva*) e em duas audiências de conciliação do PROCON. Nosso objeto de estudo são as “não-respostas”, em especial, as respostas evasivas. Observamos que, nesses contextos, os respondentes freqüentemente produziam respostas “insatisfatórias” se considerarmos o posto e/ou pressuposto das perguntas realizadas. Assim, buscamos verificar: qual a relação entre a natureza das perguntas utilizadas nesses contextos e os tipos de respostas produzidos; como o contexto institucional influenciava na produção de respostas do tipo “não-respostas”; quais os motivos pessoais/ profissionais que poderiam contribuir para a produção de “não-respostas”. Adotamos uma abordagem qualitativa e interpretativa de pesquisa para a geração e análise dos dados, coerente com as perspectivas teórico-metodológicas de uma abordagem interacional em Linguística. Os resultados do trabalho mostram que as práticas discursivas de “não-resposta” devem ser analisadas de forma situada, de forma local, ou seqüencialmente, não ignorando, contudo, que seu uso pode ser determinado por contingências de natureza macro-contextual. As atividades de fala aqui estudadas - entrevista política e audiência de conciliação - exercem papel relevante no uso estratégico ou retórico de respostas evasivas abertas ou encobertas para atender às metas comunicativas dos participantes geralmente conflitantes.

Palavras-chave: práticas de evasão, contextos institucionais, “não-respostas”, enfoque interacional

ABSTRACT

This work investigates the answers produced in the political interview contexts (an interview with The Minister of Education Paulo Renato on the program *Roda Viva*) and in two conciliation hearings at PROCON. Our object of study is the “non-answers”, especially, the evasive answers. We observed that, in these contexts, the respondents frequently built “unsatisfactory” answers if we consider the assertions/pressupositions of the questions performed. Thus, we tried to check: what is the relation between the nature of these questions in these contexts and the type of answers built; how the institutional context influenced the production of “non-answers”; what are the professional/ personal reasons which could contribute to the production of “non-answers”. We adopt the qualitative and interpretative approach of researching for the production and analysis of the data, which are coherent to the theoretic-methodological perspectives of an Interactional approach in Linguistics. The results of this study shows that discursive practices of “non-answers” must be analyzed in a situated way, in a located form, or sequentially, not ignoring, however, that the use can be determined by contingences of macro-contextual nature. The speech activities studied here - political interview and conciliation hearings - have a relevant role in the strategic and rhetoric use of over or covert evasive answers in order to attend the participants’ communicative goals which are generally conflicting.

Keywords: evasive practices; institutional contexts, “non-answers” and interactional focus.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
2.1. ATIVIDADE DISCURSIVA DE RESPONDER	13
2.1.1. O que é responder	13
2.2. ORGANIZAÇÃO SEQÜENCIAL	14
2.2.1. UM DETALHAMENTO DE PARES ADJACENTES	15
2.2.2. Problemas com o conceito de “pares adjacentes”	15
2.3. CONCEITOS DE POSTO E PRESSUPOSTO	18
2.4. TIPOS DE PERGUNTAS	20
2.4.1. Outros tipos de perguntas	21
2.4.1.1 You say x questions	21
2.4.1.2. <i>Silly questions</i>	27
2.4.2. Perguntas retóricas	28
2.4.2.1. Definição	29
2.4.2.2. Problemas com a definição e a identificação de perguntas retóricas	29
2.5. TIPOS DE RESPOSTAS	32
2.5.1. Respostas (des)alinhadas e (des)afiliativas	32
2.5.1.1. Respostas iniciadas por “WELL”	33
2.5.2. O TRATAMENTO DE MOESCHLER (1986)	35
2.5.3. O TRATAMENTO DE CLAYMAN (2001)	38
2.6 EVASÃO	39
2.6.1. TIPOS DE EVASÃO	40
2.6.1.1. TIPOLOGIA DE EVASÃO DE CLAYMAN (2001)	40
2.6.1.2. TIPOLOGIA DE EVASÃO DE GALASINSKI (1996)	46
2.7. RESPOSTAS INTERMEDIÁRIAS	52
3. METODOLOGIA	54
3.1. Enfoque teórico-metodológico	55
3.2. Contextos de pesquisa	55
3.2.1. PROCON	55
3.2.2. Entrevistas com políticos	56

3.3. Abordagem qualitativa	57
3.4. Estudo de caso.....	58
3.5. A geração dos dados	58
3.6. Unidades de Análise	60
4. ANÁLISE DOS DADOS	64
5. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	92
6. CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	105
Anexo I.....	105
Anexo II.....	121
Anexo III	122
Anexo IV	127
Anexo V	148

1 INTRODUÇÃO

Muitos dos trabalhos realizados no Brasil têm estudado o par Pergunta-Resposta de forma isolada, sem considerar a relação seqüencial de suas partes, conforme propõe a Análise da Conversa (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974). Com isso, notamos que esses estudos adotam uma perspectiva textual de análise e consideram, portanto, apenas questões como: a relação tópica entre a pergunta e resposta; a realização formal dos enunciados; os elementos gramaticais utilizados em cada uma das partes do par Pergunta-Resposta; etc.

São, portanto, estudos que não focalizam as funções desses enunciados de acordo com os contextos; não tratando das questões relativas às metas comunicativas dos interlocutores ao produzirem perguntas e respostas ou da sua localização seqüencial no curso da interação; etc, isto é, não consideram a interação como uma atividade social em que os significados dos enunciados vão além das palavras, sendo co-construídos e negociados entre os participantes da interação (Gumperz, [1982] 1998; Goffman, 1967).

Antes de tratarmos especificamente do nosso objeto de estudo no presente trabalho, gostaríamos de fazer algumas considerações a respeito do título do nosso trabalho. Primeiro: embora acreditemos que não exista, de fato, não-respostas, visto que até mesmo silêncios após a formulação de perguntas podem ser considerados responsivos, adotamos o termo “não-resposta”, entre aspas, para nos referirmos às respostas que eram produzidas, mas não mantinham relação com a pergunta formulada, isto é, respostas que não atendiam ao que foi projetado pela pergunta. Segundo: adotamos o termo “práticas discursivas” com base em Gumperz (2003), pois, para este autor os termos “práticas discursivas” e “práticas comunicativas” podem ser usados intercambiavelmente para fazer referência aos processos de sinalização verbais e não-verbais utilizados pelos falantes em encontros conversacionais.

Neste trabalho, investigamos, portanto, as “*não-respostas*” nos contextos de uma entrevista política e de audiências de conciliação no PROCON, ou seja, em contextos institucionais. Essas “*não-respostas*”, conforme veremos podem se realizar de diversas formas e, geralmente, constituem práticas de evasão. Para nossa análise, utilizamos a abordagem qualitativa e interpretativista dos dados. Destacamos que o

presente trabalho se diferencia dos demais trabalhos já realizados no Brasil sobre respostas por adotar um enfoque interacional de análise e se embasar nas contribuições teóricas da Análise da Conversa e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1983). Embora existam trabalhos no Brasil como o de Pereira & Basílio (1993) que analisam o par pergunta-resposta com enfoque interacional e com base na Análise da Conversa, eles se diferenciam do nosso trabalho por não abordarem apenas os pares em que as respostas podem ser consideradas evasivas ou “não-respostas”, conforme fizemos.

Nas atividades de fala, selecionadas para análise dos dados, os respondentes, muito freqüentemente, optam por fornecer respostas vagas, que fogem ao posto/pressuposto das perguntas. Tais respostas, embora sejam oferecidas de forma adjacente às perguntas, não podem ser consideradas respostas satisfatórias.

As práticas de evasão são, geralmente, divididas em dois grandes grupos: práticas de evasão abertas e encobertas (Clayman, 2001 e Galasinki, 1996). Cada grupo apresenta vários subtipos. Destacamos ainda que autores como Bavelas *et al* (2008) apontam que respostas evasivas, em muitos casos, ocorrem em decorrência do tipo de perguntas utilizadas em determinados contextos. Tais perguntas demandam respostas que comprometem de alguma forma a imagem do respondente que, por sua vez, opta por “não respondê-la”. Entretanto, conforme pressupomos, quando uma pessoa se recusa abertamente a fornecer respostas, ela prejudica sua imagem, principalmente, se ela for uma pessoa pública. Assim, uma alternativa encontrada por essas pessoas é utilizar respostas evasivas/ “não-respostas”.

Perguntas de pesquisa e objetivos

Nos perguntamos: (i) por que os respondentes produzem “não-respostas”? (ii) Qual a relação entre o tipo de resposta utilizado e o contexto institucional em que elas ocorrem? E (iii) qual a relação entre o tipo de pergunta e as respostas evasivas/ “não-respostas”?

Objetivamos, assim, por meio da análise dos nossos dados, investigar as razões que levam os respondentes a produzirem “não-respostas”; verificar se há alguma relação entre respostas evasivas e os contextos estudados; investigar se, de fato, a natureza das

perguntas utilizadas nos contextos analisados influencia o tipo de resposta dado pelo respondente.

Nosso trabalho, a partir da análise dos dados, propõe uma tipologia de “não-respostas”. Neste quadro, apresentamos as práticas evasivas sugeridas pelos autores estudados (Clayman, 2001; Galasinski, 1996) que ocorreram em nossos dados e também outras práticas que não foram observadas por esses autores, além de uma outra forma de construir “não-respostas” sem ser por meio da evasão. Ressaltamos, contudo, que a tipologia proposta não sugere uma divisão dicotômica das categorias, mas sim uma abordagem que reconhece a existência de um *continuum* composto por categorias cujas fronteiras ou bordas são, na maioria das vezes, imprecisas.

Pretendemos com este estudo trazer uma contribuição teórica e aplicada ao estudo das práticas discursivas de evasão sob o olhar de uma perspectiva interacional em lingüística.

Organização dos Capítulos

Para uma melhor compreensão e orientação do leitor, começamos a estruturação deste trabalho pelo material teórico que perpassa nossos estudos. Assim, após a introdução, iniciamos o capítulo com os pressupostos teóricos. Nesse capítulo, centramos no que consiste a atividade discursiva de responder; expusemos as noções de organização sequencial e a importância dessa noção para a análise dos denominados pares adjacentes; mostramos como a noção de posto/pressuposto da pergunta é importante para sabermos o que deve constar na resposta; apresentamos os tipos de perguntas apontados pela literatura e mostramos como se dá a relação entre as perguntas e os contextos em que ocorrem; apresentamos as noções de (des)alinhamento e (des)afiliação, propostas por Stivers (2008); sistematizamos as tipologias de respostas apresentadas por Clayman (2001) e Moescheler (1986); apresentamos o conceito de evasão e as tipologias de respostas evasivas sugeridas por Clayman (2001) e Galasinski (1996); expusemos o conceito de respostas intermediárias (Bull, 1994).

Em seguida, no terceiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre a metodologia de pesquisa adotada, os contextos de pesquisa e a geração dos dados utilizados. No quarto capítulo, aplicamos a teoria à análise dos nossos dados, realçando

o que os dados traziam de novo em relação ao que foi proposto na literatura. No quinto capítulo, realizamos algumas discussões sobre os resultados da análise dos dados, mostrando de que forma as teorias estudadas não davam conta de explicar o que ocorria em nossos dados. No sexto capítulo, a conclusão, discutimos os resultados obtidos, comparando o tipo de respostas e a atuação dos respondentes nos dois contextos analisados: Entrevista com político e audiências de conciliação do PROCON. Neste mesmo capítulo, propomos um quadro de tipologias de “não-respostas”, o qual traz as tipologias de respostas que encontramos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 ATIVIDADE DISCURSIVA DE RESPONDER

2.1.1 O que é responder

Tradicionalmente “Pergunta” tem sido definida como um pedido de informação não conhecida e “Resposta” como o enunciado que traz tal informação. Porém, quando focalizamos dados reais de fala em nossas análises, notamos que uma perspectiva sintático-semântica não dá conta da complexidade do par Pergunta-Resposta. Desta forma, nos perguntamos o que constitui uma Resposta?

Para nós, a atividade de responder deve ser analisada como a segunda parte do par pergunta-resposta (doravante P-R), ou seja, como uma ação vinculada diretamente a outra ação que a precede. Para Levinson (2007) a *responsividade* é “*uma propriedade complexa composta pela localização seqüencial e pela coerência tópica entre duas elocuições*” (p. 390).

Assim, a relação P-R não é meramente *formal*, sendo de primordial importância a atuação de fatores como conhecimento compartilhado, possibilidades de continuidade tópica, distribuição das posições relativas das duas partes do par, etc, questões essas que serão discutidas na próxima seção.

Ressaltamos que buscaremos um estudo do par P-R com foco nas ocorrências em que as respostas sejam evasivas, ou em termos mais gerais, “não-respostas”, visto que essas respostas constituem o nosso objeto de estudo. Neste estudo, analisaremos a evasão nas respostas sob uma perspectiva interacional, fazendo uso das contribuições teórico-metodológicas da Análise da Conversa, de base etnometodológica, e da Sociolinguística Interacional.

Dentre os pressupostos partilhados por essas duas abordagens, em Estudos do Discurso¹, destacamos a orientação segundo a qual todo e qualquer fenômeno lingüístico deve ser estudado de forma situada, isto é, em seu contexto de uso.

Abordaremos nas seções seguintes conceitos vinculados direta ou indiretamente ao tratamento teórico das relações entre perguntas e respostas, tais como: organização seqüencial, afiliação/desafiliação da resposta em relação à pergunta, definição de pares adjacentes, relevância condicional, posição de turno, posto/pressuposto, tipos de perguntas, perguntas e seus contextos, tipos de respostas, evasão, tipos de evasão, respostas intermediárias, perguntas retóricas. Essas questões são muito importantes, pois nos fornecem os aspectos a serem observados nas respostas analisadas e nos possibilitam, assim, definir e identificar as “não-respostas”.

Na próxima seção, trataremos da organização seqüencial, mostrando como a produção dos turnos de fala se dá em forma de seqüência, isto é, com a produção de um enunciado, um outro enunciado deve ser produzido, atendendo às exigências projetadas pelo primeiro. Com isso, a fala-em-interação, muitas vezes, se organiza em forma de pares adjacentes.

2.2 ORGANIZAÇÃO SEQÜENCIAL

Segundo Schegloff (2007), é a organização seqüencial da fala-em-interação que permite que uma interação seja bem-sucedida. As seqüências constituem formas de organização de turnos de fala e possibilitam a realização de atividades específicas. Os turnos de fala têm por base a gramática, a realização fonética e o reconhecimento da ação em um contexto, podendo se configurar como: sentenças, cláusulas, orações e itens lexicais. Os turnos de fala são, portanto, unidades de conduta que podem dar pistas sobre qual o lugar eminente para que se completem os turnos, auxiliar na seleção do próximo falante e orientar sobre quais são as respostas relevantes que devem ocorrer nos turnos subseqüentes. Desta forma, é por meio da organização dessas seqüências constituídas por turnos de fala que a interação se realiza. Estudos têm mostrado que os

¹ Segundo Van Dijk (1997), a expressão “estudos do discurso” é preferida à “ Análise do Discurso”, visto que esta última focaliza a análise, parte do que se faz, podendo dar margem a que se ignore a vasta produção de teoria nessa área. No Brasil, esta denominação encontra-se vinculada a uma perspectiva “francesa” dos estudos do discurso.

turnos, muitas vezes, se organizam em forma de “pares adjacentes” e é a segunda parte de um desses pares de ações (P-R) que será o foco do presente trabalho.

2.2.1 UM DETALHAMENTO DE PARES ADJACENTES

“Pares adjacentes” constituem uma forma de administrar a fala-em-interação², sendo prototípicos os seguintes pares: pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, oferecimento-aceitação, desculpas-minimização, etc. Segundo Levinson (2007), há uma regra que controla o uso desses “pares adjacentes”: *“tendo produzido uma primeira parte de certo par, o falante atual deve parar de falar, e o falante seguinte deve produzir, nesse ponto, uma segunda parte do mesmo par”* (p.385).

Vejamos os exemplos do par pergunta-resposta (Urbano & Favero, 2002):

Exemplo 1:

A- *Há um lugar específico para as bailarinas se trocarem?*

B- *Sim.*

Exemplo 2:

Doc. – *E onde é que as bailarinas se trocavam se maquiavam? (...)*

Inf. – *(...) tem os camarins (...)*

Notamos que as perguntas impõem restrições ilocucionárias e discursivas às respostas e que as respostas indicam se essas restrições foram respeitadas. Lembramos mais uma vez que no presente estudo, teremos como foco a segunda parte do par Pergunta-Resposta, isto é, a Resposta.

2.2.2 PROBLEMAS COM O CONCEITO DE “PARES ADJACENTES”

É a existência desses “pares adjacentes” que torna possível que as perguntas sejam entendidas como a primeira parte de um par e as respostas dos respondentes como a segunda parte. Assim, após a realização de uma pergunta (primeira parte do par),

² A expressão “fala-em-interação” é utilizada como um termo guarda-chuva que engloba todas as atividades de fala: conversas, entrevistas, consultas médicas, etc

espera-se que haja uma resposta do receptor na segunda parte, mesmo que a resposta não seja a esperada.

Cabe lembrar que essa definição de pares adjacentes pode não abranger muitos aspectos importantes da interação. Além disso, a adjacência estrita como muitos autores propõem, muitas vezes, não é encontrada, pois frequentemente ocorre um “par encaixado”, denominado “seqüência inserida” por Schegloff (1972a *apud* Urbano & Favero, 2002). Vejamos o exemplo da ocorrência dessas seqüências inseridas:

Exemplo 3:

A: Posso tomar uma garrafa de Minch?

B: Você tem vinte e um anos?

A: Não.

B: Não.

(Exemplo extraído de Levinson (2007 [1983], p. 386))³

No exemplo acima citado, observamos que entre as partes do par adjacente (Posso tomar uma garrafa de Minch?/ Não) ocorre uma seqüência inserida (Você tem vinte e um anos?/ Não). Fica claro, portanto, que nem sempre há “adjacência estrita”, pois entre a primeira e a segunda parte pode ser introduzida outra seqüência o que impede que suas realizações se dêem de forma contígua.

Levinson (2007) alerta que a conversação não é constituída basicamente por esses pares e que perguntas podem ser seguidas por respostas parciais, por rejeições de pressuposições da pergunta, declarações de desconhecimento, negações de relevância da pergunta, etc. Observem o exemplo abaixo:

Exemplo 4:

A: O que John faz?

³ Este exemplo é uma tradução da versão original em inglês que encontra-se em anexo, (ANEXO I), no final deste trabalho. Neste mesmo anexo, estão as versões originais dos outros exemplos que foram aqui traduzidos.

B: a. *Oh, isto e aquilo*

b. *Não faz.*

c. *Não tenho idéia.*

d. *O que uma coisa tem a ver com a outra?*

Observamos, no exemplo (4), que a pergunta “O que John faz?”, pode ser seguida, de forma bem-sucedida, por qualquer uma das respostas sugeridas, ou seja, há uma variedade de segundas partes possíveis. Assim, muitas reações a perguntas, que poderiam ser vistas como “não-respostas”, podem ser consideradas segundas partes aceitáveis, tais como a recusa em oferecer uma resposta (Não tenho idéia) e o questionamento das pressuposições ou da sinceridade da pergunta (Não faz; O que uma coisa tem a ver com a outra).

Levinson (op. cit) propõe que o critério de adjacência estrito deve ser substituído pela noção de **relevância condicional**. A noção de relevância **condicional** estabelece que “*o que une as partes dos pares adjacentes não é uma regra de formação especificando um discurso bem-formado, mas o estabelecimento de expectativas específicas que é preciso atender*” (p. 389). Assim, feita uma pergunta, uma segunda parte (resposta) é esperada; entretanto, se essa segunda parte (resposta) não ocorrer ou se outra primeira parte for produzida (ex: uma seqüência inserida), mesmo assim elas serão vistas como “estratégias” que colaboram para a feitura da segunda parte, pois considera-se que a relevância só caduca quando é atendida ou quando é cancelada pelo fracasso.

Levison (op. cit) ressalta ainda a importância da noção de **posição de turno** apresentada por Schegloff (1991). De acordo com Schegloff, a **posição de turno** é “*a resposta a um turno prévio, mas não necessariamente adjacente*” (p.448). Deste modo, não devemos observar apenas os *turnos* da interação e sim a seqüência de *posições* que apresenta, pois, muitas vezes, a *segunda posição* se encontra em turnos subseqüentes, afastados da primeira parte do par, ou seja, não são, necessariamente, adjacentes.

Exemplo 5:

PERGUNTA - T1 C:..Por favor, você tem em estoque alguma L.T. um oito oito?

((POSIÇÃO 1))

T2 R: Um oito oito ((VERIFICAÇÃO DE ESCUTA))

T3 C: Sim= ((ESCUTA APROVADA))

T4 R: Pode aguardar um momento, por favor? ((PAUSA))

T5 C: Obrigado ((ACEITAÇÃO))

(L.5)

RESPOSTA - T6 R: Sim, tenho uma ((POSIÇÃO 2))

T7 C: Ótimo. Eu poderia...reserve essa para H.H.Q.G., por favor

((POSIÇÃO 3))

No exemplo (5), apresentado por Levinson (2007, p.448), notamos que há uma seqüência de *posições*, assim, no primeiro turno, encontramos a POSIÇÃO 1, enquanto a POSIÇÃO 2, ou seja, a resposta à POSIÇÃO 1, se encontra no sexto turno. Neste mesmo exemplo, notamos ainda como foi, de certa forma, tardia a realização da POSIÇÃO 3, a qual só se realizou no sétimo turno.

Para compreendermos melhor a relação de interdependência entre as partes do par Pergunta-Resposta, julgamos necessário fazer algumas considerações a respeito dos conceitos de posto e pressuposto, pois é a partir do posto e pressuposto das perguntas que se projetam as respostas.

2.3 CONCEITOS DE POSTO E PRESSUPOSTO

Uma conceituação importante para a análise das respostas é a de **posto** e **pressuposto** da pergunta que a projeta. Afinal, é observando o posto e o pressuposto da pergunta que podemos analisar se há ou não evasão nas respostas. Moura (2000), com base em Ducrot (1987), explica que uma proposição apresenta dois níveis de informações. No primeiro nível, o nível literal, temos os significados contidos no próprio sentido das palavras. No segundo nível, por meio da enunciação das sentenças,

temos acesso a outras informações que não foram afirmadas literalmente, mas que podem ser inferidas dos enunciados.

De maneira sintética, Ducrot (1987 *apud* Moura, 2000) estabelece que o **posto** é a informação literal das palavras que formam uma sentença; já o **conteúdo pressuposto** ou **pressuposto** são as informações que se pode inferir com a enunciação dessa sentença.

Assim, as pressuposições constituem o pano de fundo da conversação e dependem de um conhecimento partilhado dos participantes da interação para que possam ser compreendidas.

Vejamos um exemplo de posto e pressuposto citado por Moura (2000, p.12):

Pedro deixou de fumar.

Assim, no plano literal, somos informados de que João não fuma mais e a partir dessa informação somos levados a inferir que João fumava antes.

Moura (op. cit) destaca ainda que, em alguns casos, o uso de determinadas expressões ativa pressupostos. Exemplos dessas expressões são: descrições definidas, verbos factivos, verbos implicativos, verbos de mudança de estado, iterativos, expressões temporais e sentenças clivadas.

Vejamos alguns exemplos citados por Moura (2000, p.18) do uso de algumas dessas expressões:

Exemplo (6):

João viu *o homem com duas cabeças*.

Exemplo (7):

O professor *sentiu* que tinha pisado na bola.

Exemplo (8):

João *conseguiu* abrir a porta.

No exemplo (6), observamos que é o uso do artigo definido que faz com que o ser descrito seja compreendido como um ser específico – [o homem]. No exemplo (7), temos o uso de um verbo factivo- [sentir], o qual introduz um fato dado como certo, isto é, leva à pressuposição de que “o professor pisou na bola”. No exemplo (8), temos o uso do verbo implicativo - “conseguiu”, assim, a partir desse verbo, pressupomos que João tentou abrir a porta.

Moura (op. cit) destaca ainda a relação entre **pressuposição** e **contexto**. Os participantes de uma interação acionam um conjunto de pressuposições e durante o fluxo conversacional, em um determinado contexto, algumas dessas pressuposições são recuperadas. Vejamos um exemplo em que se observa a relação pressuposição e contexto (Moura, 2000, p.27):

Exemplo (9):

IML divulga hoje laudo do médico assassinado.

A partir da leitura dessa sentença, podemos inferir a existência de um médico que foi assassinado, mas não conseguimos identificá-lo, embora se tenha usado o artigo definido – “o”. No entanto, essa sentença foi retirada de um jornal e na época esse crime foi um crime de repercussão; por isso, o leitor não tem dificuldades em identificar quem é o referido médico.

Na seção a seguir, tratamos dos tipos de perguntas, pois a resposta pode variar em decorrência dos diferentes tipos de perguntas que as projetam, além, com certeza, de outros fatores tais como: a especificidade do contexto em que o par é produzido, das diferentes metas comunicativas dos participantes de uma dado evento de fala, dentre outros.

2.4 TIPOS DE PERGUNTAS

Conforme foi dito, embora nosso foco sejam as respostas, é indispensável fazer algumas considerações sobre as perguntas, visto que pergunta e resposta constituem um par que mantém relação de dependência. Tradicionalmente, as perguntas estão diretamente relacionadas à busca de informação. No entanto, muitas das perguntas utilizadas pelos falantes não têm por objetivo a obtenção de informação. Afinal, o uso

de perguntas para checar ou confirmar informações é bastante comum. Além disso, a Teoria dos Atos de Fala ressalta o fato de que as os enunciados possuem caráter multifuncional e, assim, uma pergunta pode ter a função pragmática de realizar um questionamento, um pedido, uma oferta, um convite, etc.

De acordo com um tratamento tradicional, as perguntas são classificadas em dois tipos:

Perguntas Fechadas – são aquelas que demandam *sim* ou *não* como resposta, conforme se observa no exemplo 1, anteriormente citado⁴;

Perguntas Abertas – são perguntas que buscam informação sobre *algo*, informação que está ausente na pergunta em si, conforme se observa no exemplo 2, anteriormente citado⁵.

2.4.1 Outros tipos de perguntas

Estudos mais recentes têm apontado a existência de perguntas que se assemelham em alguns aspectos às *perguntas fechadas* e em outros às *perguntas abertas*, mas que diferem delas por apresentarem certas características que lhes são específicas. Deste modo, haveria um terceiro grupo de perguntas que não são abertas nem fechadas e que apresentam diversos formatos, aos quais denominamos *Outros tipos de perguntas*.

As perguntas do terceiro tipo, isto é, que não são abertas nem fechadas, podem se apresentar de várias formas.

2.4.1.1 “You say x questions”

Steensig & Larsen (2008) apontam a existência de perguntas que apresentam o seguinte formato: “**você disse+ reformulação do que foi dito**”, tais perguntas são denominadas por esses autores como “you say x questions”. Já Stokoe & Edwards (2008) apontam a existência de perguntas denominadas “silly questions/perguntas idiotas/bobas”, utilizadas pelos policiais britânicos em interrogatórios.

⁴ Cf. p. 14 deste trabalho.

⁵ Cf. p. 14 deste trabalho.

Por outro lado, destacamos que a forma não é um fator confiável para a identificação da função de um ato de fala, pois conforme defende Schiffrin (1994), “*uma mesma sentença, com as palavras com as mesmas relações sintáticas, podem ser ora uma pergunta, ora uma ordem, ora uma oferta, ora um insulto, dependendo de entendimentos tácitos com uma comunidade*” (p. 154).

A seguir, trataremos da necessidade de se estudar as perguntas, associando-as a seus contextos de uso e às suas especificidades das mesmas para atentar às necessidades comunicativas dos usuários da língua.

As “*you say x questions*” são muito semelhantes às “*perguntas fechadas*”, visto que demandam “*sim*” ou “*não*” como resposta. Entretanto, essas perguntas diferenciam-se das perguntas fechadas por serem utilizadas, principalmente, quando se busca a confirmação de algo que **foi dito anteriormente**. Ao analisarem dados de telefonemas para serviços de emergência, Steensig & Larsen (2008) puderam observar a ocorrência desse tipo de pergunta e estabelecer alguns comentários a respeito da sua função nesse contexto institucional específico. Afinal, para um atendimento eficaz em momentos de emergência, informações corretas e precisas são indispensáveis. Vejamos:

Exemplo 10:

Atendente: você disse ((nome da rua))?

Atendido: sim ((número da casa))

Atendente: o que há de errado aí?

No exemplo acima, podemos observar que o primeiro turno de fala do atendente constitui uma pergunta do tipo “*you say x questions*”. Essa pergunta é confirmada pela pessoa que liga, confirmando a pergunta por meio do uso de “*sim*” e acrescentando o número da casa para complementar sua resposta. Em seguida, o atendente busca informações sobre o que está acontecendo para que seja solicitada uma ambulância. Notamos, portanto, que o uso da pergunta “*você disse ((nome da rua))?*” foi feito somente para se confirmar uma informação dada e, assim, evitar equívocos, o que nesses casos são inadmissíveis.

Entretanto, destacamos que, em alguns casos, as perguntas com o formato: “*you say x question*” podem ser usadas para expressar desafiliação entre as partes.

Exemplo 11:

Atendente: sim, como ele está se sentindo agora?

Atendido: bem, ele está simplesmente perambulando e a gente não consegue

Atendido: conversar com ele,

Atendente: ninguém consegue ter uma conversa completa com ele

Atendido: oh, ele gostaria apenas de ter uma ambulância, agora e - agora e aqui

*Atendente: sim, mas mas **você disse que ele está perambulando?***

Atendido: o quê, sim

Atendente: ele foi ferido?

Atendido: Não, não foi

Atendente: Ele não foi ferido

((trecho omitido em que o atendente pergunta como o jovem homem é. A pessoa que está telefonando diz que ele precisa de ajuda rapidamente. Depois o atendente pergunta sobre a exata localização do atendido))

Atendido: ele diz que tem que ser rápido

Atendente: certo mas sabe, soa como se ele estivesse

Atendido: mas

Atendente: se sentindo meio que bem, não é?

No exemplo acima, notamos que o atendente usa uma pergunta do tipo “you say x question” para se desafiliar do que o atendido/solicitante está dizendo, isto é, “você disse que ele está perambulando?” O que, segundo a interpretação do atendente, indica que o homem não precisa de uma ambulância com tanta urgência conforme a pessoa que está ligando alega.

Observamos que as “you say x questions”, geralmente, buscam a confirmação de algo que foi dito anteriormente. Entretanto, em alguns casos, essas perguntas podem não apenas buscar a confirmação de algo, mas também podem levar a um movimento desafiliativo, conforme pudemos observar no exemplo 11, citado acima (p.22).

Assim, o objetivo do estudo realizado por Steensig & Larsen (2008) foi descobrir como os participantes da interação conseguem distinguir as perguntas do tipo “you say x questions” que são apenas busca de confirmação daquelas que além de buscar a confirmação são também desafiliativas. Além disso, os autores buscaram estabelecer as características principais desse fenômeno e abordar as perspectivas de alinhamento e afiliação propostos por Stivers (2008), as quais serão por nós apresentadas mais adiante neste capítulo teórico.

Devido à complexidade dessas perguntas, questiona-se que tipo de ação as “you say x questions” estabelecem. Primeiro, devemos notar que essas perguntas se realizam como asserções e não como interrogativas, embora realizem um questionamento e busquem uma confirmação.

Conforme visto, o *token* de confirmação pode se realizar como “Yes/sim”, entretanto, essas não são as únicas formas de respostas possíveis, pois as respostas a esse tipo de pergunta podem se realizar ainda como *repetições parciais* ou *combinações*. Vejamos:

Exemplo 12:

Jens: você disse terça ou quarta

Martin: terça ou quarta

Exemplo 13:

Vendedor: você disse que ela está em Kolding ((nome da cidade))?

Clerk: Kolding ((nome da cidade)) sim

No exemplo (12), Martin responde à pergunta realizada por Jens por meio da repetição de parte da pergunta realizada “terça ou quarta”, isto é, realiza uma resposta com repetição parcial; já no exemplo (13), Clerk dá uma resposta combinada como resposta, pois repete “Kolding”, palavra que faz parte da pergunta, e combina tal palavra com “Yes/sim”.

Em alguns casos, as “you say x questions” apresentam certos equívocos em relação às informações que fornecem e são, conseqüentemente, respondidas como uma desconfirmação. Vejamos:

Exemplo 14:

Atendente: e é uma senhora, você

Atendido: NÃO é um HOMEM

Essas perguntas são relevantes, pois a ausência de respostas a elas são notáveis e reparáveis. Notou-se também que a **confirmação** das perguntas desse tipo são condicionalmente **relevantes** e **preferidas**. Esse tipo de pergunta parece ter comportamento semelhante ao das perguntas fechadas (Yes/No questions). Assim, do mesmo modo que as perguntas fechadas, as perguntas do tipo “you say x questions”

apresentam uma determinada ação como “ação de preferência”⁶. Dependendo da ação em que ocorrem, elas podem sinalizar *aceitação*, *confirmação*, *concessão*; além desses aspectos, esses dois tipos de perguntas compartilham também o aspecto da “preferência de polaridade”, isto é, a resposta *positiva* ou *negativa* depende da polaridade da própria pergunta. Entretanto, as “you say x questions” parecem se diferenciar das perguntas fechadas por não darem preferência à *tokens* de negação ou afirmação como resposta, mas por preferirem repetições parciais e/ou combinações de repetições parciais.

As “you say x questions” do mesmo modo que as afirmações/repetições buscam uma confirmação do interlocutor sobre um evento, porém não se limitam a isso, podendo buscar outros tipos de informações, tais como: informações sobre lugares, regras, sugestões, categorizações, avaliações, etc. No entanto, enquanto grande parte das “you say x questions” buscam apenas confirmação, as repetições são, na maioria das vezes, usadas com múltiplas funções, podendo ser utilizadas para iniciar reparos ou para criar envolvimento interpessoal (Schiffrin, 1994, p.167)

As “you say x questions” parecem estar atreladas à instituição de atendimento de emergência e serem utilizadas para confirmação de uma informação relevante para a instituição, por isso, as informações relevantes devem ser expressas de forma explícita ao serem gravadas.

A análise prosódica desse tipo de perguntas tem mostrado que quando elas buscam apenas confirmação de informação, elas não apresentam nenhum tipo de contorno entonacional marcado. Além disso, por essas perguntas constituírem as primeiras partes dos pares adjacentes, elas, geralmente, são alinhadas e afiliativas.

As “you say x questions” desafiliativas ocorreram com uma frequência muito baixa no *corpus* analisado pelos autores e se caracterizaram por levantar algum problema com a fonte do enunciado; por seguirem outras indicações de possível “conflito”; por serem desalinhadas, pois suas respostas, embora sejam as segundas partes dos pares, não dão continuidade às ações iniciadas nas primeiras partes; e por apresentarem movimentos prosódicos marcados na parte repetida das perguntas.

⁶ Para a Análise da Conversa a interação apresenta uma organização de preferência, isto é, produzida uma primeira parte de um par, uma segunda parte específica é esperada. Por exemplo, quando na primeira parte ocorre um convite, na segunda deve ocorrer uma aceitação ou uma recusa.

As “you say x questions” podem ser também do tipo “busca de explicação/descrição”. Esse tipo de pergunta ocorre quando após a formulação da pergunta, o interlocutor responde e fornece, em seguida, comentários que servem para esclarecer melhor o que ele disse. Vejamos o exemplo a seguir retirado de Steensig & Larsen (2008):

Exemplo 15:

Atendente: qual a razão dela estar se sentindo mal?

Atendido: [hhh] bem isso, você sabe ela foi ao médico e ela toma hh (.) hh u=toma

d= comprimidos anti-depressivos (0.3) d- (0.4)d- comprimidos anti-depressivos =h

Atendente: sim ((minutos de conversa omitidos, cuja seqüência tratava sobre o possível horário do desaparecimento da esposa))

*Atendente: hhh u-=hhhfh- (0.4) **você disse que ela toma algum medicamento anti-depressivo?***

Atendido: pth sim, hh nós vamos ela

Atendente: sim (0.2)

Atendido: ela= uh tem uma vez ou outra alguma u: h = não eu não vou dizer depressões profundas ma- ma- mas ela tem algumas algumas depressões leves que duram hhh (0.3)alguns meses e e -e isso é o que ela tem

Atendente: sim

Atendente: entendi então hhh (0.4) em =uh= hhhem =em=em=uh= hh

No exemplo acima, notamos que após a pergunta “you say x question” o atendido faz uma confirmação e, rapidamente, começa a fazer descrições sobre o estado da esposa com intuito de minimizar a gravidade de sua enfermidade. Desta forma, a “you say x question” busca não apenas a confirmação, mas também a elaboração do que foi dito, assim, o uso de “sim” pelo atendente após a confirmação do atendido, é uma forma incentivar o atendido a continuar sua elaboração.

Observou-se que as “you say x questions” de explicação são alinhadas e em parte desafiliativas, já que, a princípio, as respostas tendem a enfatizar o problema. Porém, no decorrer a interação, o respondente tenta aceitar a perspectiva introduzida pela pergunta e a afiliação é restabelecida. Essas perguntas não focam as informações a serem gravadas, mas sim as razões/explicações sobre algo que foi dito anteriormente. Essas construções são marcadas prosodicamente, porém de forma menos forte que as perguntas desafiliativas.

2.4.1.2 “Silly questions”

No contexto de interrogatórios britânicos, Stokoe & Edwards (2008) apontam a existência de perguntas denominadas “silly questions/perguntas idiotas”.

Esses autores observaram como essas perguntas se realizam e como são respondidas; qual a posição que ocupam na entrevista; e qual os papéis interacional e institucional que exercem. Os policiais fazem essas perguntas que soam como “idiotas” e que têm repostas óbvias para que as respostas sejam gravadas. Em alguns casos, os suspeitos podem se alinhar às perguntas dos policiais e concordar em dar respostas “idiotas” (exemplo 17) e, em outros, podem tratar a pergunta como “idiota” e dar respostas que demonstrem isso (exemplo 16 - resposta com tom enfático). Vejam os exemplos abaixo:

Exemplo 16:

P: Melvin te deu permissão para jogar o martelo na porta de entrada da casa dele?

(pausa)

S: NÃO!!

Exemplo 17:

P: Hum, pode soar um pouco bobo mas você sabe de quem é a janela?

(pausa)

S: Sim! ((rindo))

Já que os suspeitos já declaram suas ações antes das “perguntas idiotas” serem feitas, por que essas perguntas são feitas após a admissão? Essas perguntas, embora pareçam ser desnecessárias, apresentam um papel central para a articulação do estado mental declarado do suspeito e para medir a intencionalidade do suspeito na hora que ele executou as ações criminosas, o que acaba, por conseguinte, influenciando na escolha da pena a ser aplicada.

Para que os suspeitos se alinhem aos policiais e respondam as “perguntas idiotas”, os policiais devem introduzir essas perguntas, como ocorre no exemplo 10 acima “*pode soar um pouco bobo mas...*”. Caso contrário, os suspeitos podem não se afiliar ao policial e dar respostas menos afiliadas. Observem o exemplo abaixo:

Exemplo 18:

P: Certo (0.5) Então: (1.5) você concordaria que você não tinha nenhuma desculpa para quebrar aquela janela
 S: ahhh (0.3) sim (0.4)
 P: o que é que sim você tem uma desculpa ou sim você não tem nenhuma desculpa
 S: sim, eu não tenho nenhuma desculpa
 P: sim (0.4) hhhh th e uh (0.8) qual era a sua intenção (0.2) em (0.6) quebrar uma janela com o bastão? (0.7)
 S: quebrá-la: e iss- ia arrumar a janela
 P: quebrá-la (0.2) euh: (0.3) hhh acertar a janela assim (0.2) e obviamne- (.) você deve concordar que é que é r- errado; (1.4)
 S: bem, si::m? (0.6)

A utilizar “w’ll ye:h”, o suspeito sabe que sua ação foi errada e ao utilizar “ye:h?”, com alongamento e subida entoacional, dá a entender que isso é algo tão óbvio que é até difícil ter que dizê-lo.

Perguntas desse tipo, em que as respostas já foram ditas ou são conhecidas, também ocorrem em outros ambientes institucionais, tais como: clínicas psiquiátricas (Brown & Drugovich’s, 1995) e escolas (Koshik, 2002a; Lee, 2007; Macbeth, 2004; Mehan, 1979a).

No próximo item, veremos mais um tipo de pergunta citado na literatura: *perguntas retóricas*. Assim, apresentaremos a seguir algumas considerações a respeito desse tipo de pergunta.

2.4.2 Perguntas retóricas

2.4.2.1 Definição

Frank (1990) destaca que a tática retórica *de construir perguntas que não esperam resposta* é conhecida desde a Grécia e Roma antigas, sendo muito utilizada, na atualidade, por falantes influentes. Esse tipo de pergunta é historicamente utilizado como um *artifício eficaz de persuasão*.

Acrescentamos ainda que, segundo Schiffrin (1994, p.150), as perguntas retóricas “*não buscam resposta verbal ou ação das outras pessoas*”.

2.4.2.2 Problemas com a definição e a identificação de perguntas retóricas

Frank (1990) destaca que estudos apontam que embora a maioria dos falantes reconheça as denominadas “perguntas retóricas” e seja capaz de fornecer exemplos dessas perguntas, ao se analisar falas espontâneas, observou-se que as perguntas retóricas são tão difíceis de serem definidas quanto são estrategicamente eficazes, o que as torna um objeto interessantíssimo a ser estudado.

As “perguntas retóricas” são inerentemente complexas por apresentarem diversidade e imprecisão em suas definições, o que torna difícil, portanto, uma identificação precisa e confiável desse fenômeno. Não há um consenso entre os estudiosos sobre a função das “perguntas retóricas” e uma teoria consistente e única ainda está longe de ser alcançada.

Estudos mostram que as “perguntas retóricas” podem ser utilizadas com a função argumentativa de convencer/persuadir. Deste modo, elas são comuns em contextos em que o discurso é utilizado para se conquistar adesão a nossos pontos de vista (Anzillotti, 1982 *apud* Frank, 1990). Segundo pesquisadores da área da psicologia (Cacioppo & Petty, 1982 *apud* Frank, 1990), os efeitos persuasivos das “perguntas retóricas” são muito superiores aos efeitos persuasivos das asserções.

Retomamos alguns exemplos analisados por Frank (op. cit) para ilustrar alguns de seus possíveis usos:

Exemplo 19:

R: Eu não sei por que eu comprei isso. Eu não sei, eu não sei o que foi, eu apenas comprei. Você fica nesse clima às vezes em que você só gosta quer comprar alguma coisa porque o título parece interessante?

J: Isso parece claramente “Parada Cardíaca”. No lado negativo de “Our House”

Segundo as explicações do autor, no trecho transcrito acima, Richard e Joe estão discutindo sobre o que vão ouvir no som de Richrad. Durante essa conversa, Richard utiliza uma pergunta retórica para explicar porque comprou um dos álbuns. No turno subsequente Joe não responde à pergunta de Rui. Parece tratá-la como um comentário e não como um pedido de informação.

Para mostrar como é difícil identificar as ocorrências de “perguntar retóricas”, o autor analisa outros exemplos:

Exemplo 20:

Joe: A parte que ele está correndo na rua dizendo “Eles estão aqui, eles estão aqui”.

Tim: “Eles estão aqui”, está certo. E as únicas pessoas que respondem são as vagens. Elas são vagens grandes. Mas elas duplicam as pessoas naquelas vagens.

Mary: (Gargalhadas...)

*Sherie: (para Joe) **Esse é o seu tipo de filme, né?** (gargalhadas)*

*Joe: **Esse é um dos filmes mais importantes dos anos cinquenta***

A pergunta destacada no texto acima é uma “pergunta retórica” e, portanto, não tem a intenção de buscar informação, mas pode ter sido utilizada por Sherie para fazer uma asserção do tipo: “você gosta desse tipo de filme”, como uma tática retórica persuasiva usada para a obtenção de concordância com a lógica de Sherie: você sabia os diálogos do filme de cor o que me leva a crer que você deve gostar desse tipo de filme, ou como uma simples “tag”.

Ao discutirem o relacionamento, a esposa, Mrs. P, queixa-se da falta de diálogo com o marido e durante a discussão do casal, o marido, Mr. P, produz uma pergunta retórica. Vejamos:

Exemplo 21:

Mrs. P: Sim. Eu nem queria ouvir nada (Terapeuta: Hm-m) ele estava falando sobre ir ver esse homem e conversar e sobre seu...porque eu...eu...

*Mr. P: (voz sobe como um grito) Bem, Sally, **com quem eu vou falar?***

*Você sabe- aqui nós vamos de novo. Você sabe um dos problemas que você diz- declara sobre mim- é que eu não falo e isso é verdade. Uh...você sabe, Se eu não posso falar com você...eu certamente não posso sentar e falar para as crianças sobre esse tipo de coisa. Agora, **com quem eu vou falar?***

Terapeuta: Então você está dizendo que você tem que achar alguém?

As perguntas acima têm a forma clássica das perguntas que não esperam resposta. Mrs. P sabe a quem Mr. P está endereçando as perguntas e ela não pode dar uma resposta, pois se desqualificou como ouvinte. Deste modo, sendo essa pergunta feita diretamente para ela, não precisa de resposta.

Frank (1990) apresenta ainda exemplos em que as denominadas “perguntas retóricas” podem ter dupla interpretação:

Exemplo 22:

Senhora P: Claro! Qualquer um quer fazer isso. Mas um dia, em algum lugar, isso vai dar errado. (vozes em sobreposição e conflito) e você vai fazer isso? Cortar os pulsos porque uma coisa deu errado?

Senhor P: Não. Eu não estou cortando meus pulsos. Eu não estou cortando meus pulsos.

Notamos que no exemplo acima, podemos ter tanto uma interpretação literal da pergunta, pedindo uma informação (No. I'm not slitting my wrists) ou podemos entendê-la como pergunta retórica, cuja intenção é produzir uma asserção com o seguinte efeito: “Você vai fazer o que fez antes e tentar suicídio de novo”. Observamos que a pergunta é ambígua e que ambas as interpretações são possíveis.

O fato de que o marido e a esposa compartilham o conhecimento de que “cortar os pulsos” = “tentar suicídio” corrobora a interpretação dessa pergunta como “pergunta retórica”, a qual é utilizada, portanto, para intensificar e exagerar o efeito da asserção, produzindo certo *sarcasmo*. O sarcasmo também pode ser observado quando as pessoas reformulam as perguntas dando ênfase vocálica em palavras específicas. Notamos que, mesmo que se analise as perguntas inseridas na seqüência, não há como afirmar por meio de evidências que as perguntas são retóricas.

Frank (op. cit) conclui que há contextos que favorecem o uso desse tipo de pergunta. Assim, por essas perguntas terem como função primária a **persuasão**, elas são encontradas em freqüência maior em conversas com predomínio de **conflito**. O autor conclui ainda que uma teoria universal que dê conta das formas e funções das “perguntas retóricas” está longe de ser produzida/alcançada e que muitos dos trabalhos realizados sobre essas construções foram baseados em dados de fala monitorada e não em dados de fala naturais.

Após termos apresentado algumas considerações sobre as perguntas e o seus contextos, isto é, sobre a primeira parte do par Pergunta-Resposta, trataremos, nas próximas seções, mais especificamente do nosso objeto de estudo: a segunda parte desse par – *as respostas*.

2.5 TIPOS DE RESPOSTAS

2.5.1 Respostas (des)alinhadas e (des)afiliadas

Para a realização deste trabalho, as noções de (des)alinhamento e (des)afiliação são de fundamental importância, pois ajuda-nos a entender melhor o funcionamento do par Pergunta – Resposta (P-R). Segundo Stivers (2008), o conceito de **(des)alinhamento** está relacionado à **progressão da ação**, isto é, com a atividade de fala em progresso.

Ressaltamos que os termos alinhamento/desalinhamento não estão sendo empregados com base no conceito goffmaniano de “footing”, pois Goffman (1979) correlaciona alinhamento e *footing*. Assim, para este autor *footing* “*representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção*” (p.70). Os falantes mudam constantemente de *footing* durante a fala, pois essa mudança constitui uma característica inerente à fala natural. O *footing* pode sinalizar aspectos pessoais (maneira de falar – fala afável, sedutora, etc), papéis sociais (relações sociais – professor/aluno, médico/paciente, etc) e papéis discursivos (ex.: entrevistador/entrevistado, etc).

Já **(des)afiliação** está relacionado às idéias de **concordância/compartilhamento do que foi dito** pelo locutor que faz a pergunta. Deste modo, muitas respostas podem dar progressão à interação (serem alinhadas), mas não apresentarem afiliação, por não mostrarem que o interlocutor compartilha do ponto-de-vista do locutor que fez a pergunta.

As **respostas desafiliativas**, embora dêem progressão à interação, podem não mostrar relação com aspectos importantes das perguntas que, normalmente, estão relacionados com o ponto-de-vista ou a expectativa do locutor.

No presente trabalho, adotaremos os conceitos de (des)alinhamento e (des)afiliação propostos por Stivers (2008). Buscaremos mostrar que há respostas que são alinhadas, mas são explicitamente desafiliativas.

2.5.1.1 Respostas iniciadas por “WELL”

Schegloff & Lerner (2009) analisam a ocorrência de “well” em um ambiente seqüencial específico: início de turno de fala que seja a segunda parte de um par adjacente cuja pergunta da primeira parte do par se realiza como uma pergunta–QU (WH- questions). Os autores mostram que “well” nesse ambiente seqüencial, geralmente, indica que não haverá uma resposta direta imediata, o que, em alguns casos, pode significar que haverá uma desafiliação na resposta. Embora tenha se estudado muito sobre o uso de “well” não há estudos sobre esse vocábulo no ambiente específico que Schegloff & Lerner (2009) o estudaram. Vejamos um dos exemplos apresentados pelos autores:

Exemplo 23:

(0.5)

Han: Por que aquela câmera está montada?

Bet: Bem eles- ela veio e perguntou se nos importáramos se ela gravasse nossa conversa= eles estão fazendo isso apenas para um projeto da escola.

Han: Mm hm=

Bet:= e nós nós dissemos que nós não nos importávamos e nós todos assinamos isso aprovando que não haveria problema

Tom: =heh=heh=

Bet:=heh=heh=(0.6)

No exemplo acima, observamos que Betty utiliza o “well” para introduzir uma história que acabará por responder a pergunta colocada por Han, isto é, utiliza “well” para alertar que a resposta não será imediata.

No exemplo (23), notamos que a pessoa que responde interpreta o enunciado como uma possível crítica e se defende como o uso do marcador discursivo “BEM”.

Logo, embora, o uso de “BEM” não seja visto como um desacordo, propriamente dito, pode ser visto como uma justificativa por ter permitido algo de que o outro parece discordar.

O uso de “well” (em português “BEM”) serve para alertar que não haverá uma resposta imediata e direta e que, por isso, merece a atenção do interlocutor para que haja entendimento. Pode-se alertar que a resposta não será imediata por meio do uso de outras estratégias, tais como: *Cut-offs*- que podem ser uma substituição, inserção, recomeço, etc; *outros vocábulos*- *huh* ou *what*; *prefácio* com *oh*.

Schegloff & Lever (2009) ao estudarem “well” em início de resposta à perguntas –QU, observaram que essa palavra era usada, como já foi dito, para demonstrar que não haveria uma resposta imediata. “Well” também foi utilizado com função semelhante em alguns casos em que na primeira parte do par adjacente se encontrava uma pergunta que, embora não se configurasse como “WH- question”, era interacionalmente tratada como se fosse. Vejam o exemplo a seguir:

Exemplo 24:

Bet: Você sabe, é uh eh, é um modo de vida. É apenas uma daquelas coisas, nós uh::uh::infelizmente, no íntimo th –uh muitos de nossos queridos amigos uh você sabe morreram fim uh

Fny: Alguém que eu conheça?

Bet: Uh bem eu não sei se você conhecia uh::: bem você se lembra da Ellen Fisher, não se lembra?

Fny: sim,

Bet: Você sabe, o marido dela morreu (1.2) hhh uh::, d-eh umas outras pessoas que uh::

Fny: Você sabe nós somos daquela geração Betty

Bet: sim

Observamos no exemplo acima, uma pergunta SIM/NÃO é entendida como uma pergunta-QU. Deste modo, podemos dizer que a forma gramatical não determina a função interacional de um enunciado. Além disso, podemos notar que o respondente se desafia, pois não diz se é alguém que o locutor conhece, isto é, não compartilha do

ponto-de-vista colocado na pergunta “pessoa conhecida”. Vejamos outros exemplos que demonstrem que a forma gramatical não determina a função interacional do enunciado:

Exemplo 25:

Ros: Você sabe eu tenho [uma casa grande jardim

Bea: sim

Ros:hh por que você não vem me visitar algumas vezes eu gostaria apenas ih de deixe-me apenas

Bea: hhh eu apenas não sei onde é esse endereço é::

Ros: bem você- onde d-uh em que parte da cidade você mora?

Bea: hhh eu moro na 512 East Isley (1.0)

Ros: thh bem ...você não mora muito longe de mim (0.2) se você continuar na Estrada Estado (0.6) não: se você for direto passar a missão

Bea: sim

Ros:Foothill Ok?

Bea: Sim.

Ros: Vá para o Foothill ((continua dando as direções)

No exemplo (25), temos uma “afirmação” que funciona interacionalmente como uma pergunta-QU e tem na segunda parte do par adjacente uma resposta iniciada por “well”. Com isso, fica mais uma vez evidente que o que determina o uso de “well” não é apenas a forma gramatical da pergunta da primeira parte do par, mas sim a função interacional que ela porta, isto é, como o respondente interpreta a pergunta.

2.5.2 TRATAMENTO DE MOESCHLER (1986)

De acordo com Moschler (1986), qualquer estudo pragmático do par pergunta-resposta deve responder à seguinte pergunta: “O que é uma resposta apropriada possível para uma dada pergunta?” (p.248) Além disso, o autor propõe que os estudos do par pergunta-resposta devem se embasar na seguinte asserção:

“Numa seqüência U_i-U_j , o enunciado U_i pode ser interpretado como uma pergunta (função ilocucionária) se ele impuser restrições seqüenciais (ou condições de satisfação, SC) sobre a U_j ; o enunciado U_j é interpretável como uma resposta (função ilocucionária) se ele satisfizer as condições de satisfações” (p.248).

As condições de satisfações, ou seja, as condições que tornam a resposta satisfatória são as seguintes:

- *condição temática* – o movimento de resposta deve ser tematicamente relacionado com o movimento de pergunta (implícito ou explicitamente);
- *condição do conteúdo proposicional* – o movimento de resposta deve ser semanticamente relacionado com o movimento de pergunta, através de relações semânticas como: paráfrase, oposição ou implicação;
- *condição ilocucionária* – o movimento de resposta deve ser de um tipo ilocucionário compatível com o tipo de pergunta;
- *condição da orientação argumentativa* – o movimento de resposta deve ser da mesma orientação argumentativa que o movimento da pergunta.

Vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 26:

A: Você está livre hoje à noite?

B1: Sim, claro.

B2: Não, desculpa.

B3: Você quer ir ao cinema?

B4: Não sei. Eu tenho que olhar na minha agenda.

As respostas acima demonstram uma escala de satisfação. Assim, a primeira resposta (B1) é mais satisfatória que a segunda resposta (B2) que a terceira e assim sucessivamente.

Deste modo, notamos que há uma escala dessas condições e que a condição da relação temática ocupa o primeiro lugar nessa escala, sendo seguida, respectivamente, pelas condições de conteúdo proposicional, ilocucionária e orientação argumentativa. Assim, quanto mais o movimento de resposta satisfizer as primeiras SC, mais apropriado será o movimento de resposta. No entanto, lembramos que a satisfação da primeira condição (condição temática) é necessária e condição suficiente para o

movimento de resposta. Além disso, a condição de orientação argumentativa ocupa a quarta posição porque é utilizada para a conclusão/fechamento da troca, embora essa condição constitua o primeiro nível das expectativas interacionais.

Entretanto, gostaríamos de deixar claro que não concordamos com o que este autor coloca a respeito da condição de orientação argumentativa, pois não entendemos como ela pode ser considerada o elemento mais importante para atender as expectativas interacionais e ao mesmo tempo ser apontada como o último nível da resposta. Será que só se observa essa condição na conclusão da resposta? Os falantes não argumentam durante toda a sua resposta?

Se apenas uma das condições não for satisfeita, o movimento de resposta será impróprio apenas em relação àquela condição. Por exemplo, se a condição temática não for satisfeita, o movimento de resposta será simplesmente tematicamente impróprio.

Essa proposta busca atender aos requisitos de uma análise discursiva: explicar as relações hierárquicas dos constituintes da conversa; formular as regras de seqüenciação e as regras de interpretação que permitem a produção e interpretação do significado do discurso. O modelo de Moeschler (1986) constitui, portanto, uma tentativa de formular regras explícitas de seqüenciação que expliquem as relações hierárquicas e funcionais possíveis entre os constituintes da conversa. Segundo Moeschler (1986), seu modelo apresenta muitas vantagens, pois possibilita uma constante relação entre análise de *corpus* e desenvolvimento teórico; possibilita o trabalho tanto com dados artificiais e *corpus*; as SC possibilitam a descrição de diferentes tipos de estratégias utilizadas pelos participantes para conduzir a negociação, interpretar e mostrar reação às interpretações feitas.

Embora consideremos as propostas de Moeschler (1986) interessantes, optamos por seguir as propostas de Clayman (2001), em nossas análises, pois ele propõe critérios mais precisos e de mais fácil identificação. A seguir, apresentaremos as tipologias de respostas propostas por Clayman (2001).

2.5.3 O TRATAMENTO DE CLAYMAN (2001)

Clayman (2001) também estuda perguntas e estabelece alguns critérios para a classificação dos enunciados como respostas. O autor aponta que as respostas para serem consideradas adequadas devem se enquadrar em algum dos quatro modelos que ele propõe:

1. *Roundabout trajectory* – começam com uma unidade de fala que não pode ser por si uma resposta possível, mas que é parte de segmento de uma fala maior que pode ser vista como um todo como uma resposta. Vejamos um exemplo desse tipo de resposta:

Exemplo 27:

R: Senhor Howell quais são as vantagens assim como você as vê :uh dessa idéia de apoio aos desempregados?

E: uh...bem hh me parece ridículo que nós gastemos de acordo com o governo mais de oito milhões de libras para ajudar os desempregados sendo que eles não fazem absolutamente nada para ajudar a sociedade hh e eu acredito que chegou o tempo em que nós temos que reconhecer que reduzir benefícios não é a saída . Que não é dessa maneira que se vai economizar...Economias...grandes economias poderiam ser feitas ..e ah...se fosse oferecido a uma pessoa desempregada o direito de trabalhar e lhe fosse dada uma oportunidade de trabalhar

2. *Minimal answer +elaboration-* começa com uma unidade de fala que fornece a informação alvo colocada pela pergunta de forma mínima, depois segue uma fala que a esclarece e elabora (Yes/No question). Vejamos um exemplo desse tipo de resposta:

Exemplo 28:

R:Você está querendo pessoalmente acabar com a violência naquele país?

E: Sim, eu vou...quer dizer eu disse isso no sábado que eu estava com esse projeto

3. *Marking question-relevance* - coloca uma **palavra-chave** da pergunta na resposta. Vejamos um exemplo desse tipo de resposta:

Exemplo 29:

R: Jonathan primeiro deixe-me te perguntar...qual é a última situação em que nós estamos mais perto do confronto real, direto entre tropas e estudantes na praça?

E: Bem...eu acho que nós já tivemos esse **confronto** ...Os cidadãos de Pequim é claro

4. *Indexical expressions*- uso de **palavras de referência anafórica**, tais como: *pronomes, alguns verbos, frases, porque*. São palavras muito dependentes da pergunta, pois é na pergunta que elas adquirem referência.

Exemplo 30:

IR: .hhhhh as notícias hoje são claro de que

a violência continua uh o que você escutou que – se o estado de emergência

está ou não funcionando de fato?

(0.4)

HB: tch. hhhhh Talvez seja muito cedo:: para fazer

Fazer um julgamento sobre isso ...

Aqui, portanto, buscamos apresentar o que se considera como resposta na literatura. Entretanto, há respostas que, de fato, não constituem respostas, pois são não respondem satisfatoriamente ao posto/pressuposto da pergunta. Essas respostas, conforme dissemos na metodologia são consideradas “não-respostas” e dentro de um *continuum* podem ser identificadas como práticas de evasão abertas, práticas de evasão encobertas e respostas intermediárias. Por isso, na próxima seção trataremos dos conceitos de evasão e das propostas de identificação de respostas evasivas encontradas na literatura.

2.6 EVASÃO

Bavelas *et al* (2008) aponta que em situações denominadas “*avoidance-avoidance conflict*”, uma resposta é esperada e uma resposta direta pode acarretar sérios prejuízos ao falante. Assim, o falante opta (intencionalmente) por construir uma resposta “inadequada”. Tais respostas são denominadas *evasivas* e estão relacionadas, portanto, com a intenção do falante de não responder diretamente. Para Badac & Ng (1993 *apud* Galasinski, 1996), “*são mensagens evasivas aquelas que são produzidas para serem irrelevantes*”.

Deste modo, observamos que tradicionalmente a evasão vem sendo definida como uma ação consciente do falante de produzir respostas que fogem à agenda tópica da pergunta, com o propósito de evitar danos a si mesmo. Conforme nos coloca Bull (2003), “*a linguagem não precisa ser sempre concisa, clara, como Grice recomendou, pois, muitas vezes, é vantajoso ser ambíguo ou evasivo*”.

2.6.1 TIPOS DE EVASÃO

2.6.1.1 TIPOLOGIA DE EVASÃO DE CLAYMAN (2001)

Clayman (2001) considera que há *duas formas* de se *evadir* e que, por isso, temos: *práticas abertas* e *encobertas de evasão*. As primeiras são situações em que o falante deixa explícito que não responderá o que lhe foi perguntado; já as segundas são situações em que o falante produz respostas inadequadas, mas tenta mascarar que não respondeu adequadamente. As primeiras embora tornem a resistência mais fácil de ser identificada pelo entrevistador e pelo público, possuem a vantagem de permitir que o falante se defenda, pois tendo admitido a evasão, o falante busca meios de minimizar os prejuízos que ela pode lhe causar.

A. PRÁTICAS ABERTAS DE EVASÃO (Clayman, 2001)

Para Clayman (2001), as práticas abertas de evasão podem se realizar de cinco formas:

1. *Respeito ao entrevistador*- o entrevistado pede permissão ao entrevistador para mudar a agenda tópica da pergunta. Vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 31:

R: Bem o que acha? você acha isso reforça bastante a mão de Zaoh Ze Young e os reformistas, os radicais?

E: Eu acho que Young assim como ele foi responsável por tirar a China da turbulência que sucedeu a renúncia de Hu Yan Bung do cargo de secretário geral em 5 de Janeiro de 1987. Uhh assim como ele tirou a China daquela turbulência ele irá tirar a China dessa turbulência hhh e eu acho que o seu estatus já aumentou por causa dos eventos recentes h e ah eu acho que vou adiante um pouco e dizer eu acho que é provável que seja aumentado mais pelos eventos futuros. Mas eu gostaria fazer dois comentários rápidos

R: Muito rapidamente se você puder

E: há uma generalização aqui...uhu ih Deng Zhao Peng terá oitenta e cinco anos no dia 22 de Agosto deste ano..Hh ele se juntou ao partido comunista h em 1924hh quando o Ministro Baldwin tinha se tornado o primeiro ministro pela primeira vez neste país.: Apenas..Hhh (0.3) Em segundo lugar (0.6) corrupção hh muito do..que é...chamado de corrupção hhhé de fato subproduto de um sistema de preços múltiplos hhh que eu acho vai ter que ser relaxado

No exemplo (31), o entrevistado pede permissão ao entrevistador para fazer dois comentários, ou seja, mudar a agenda tópica da pergunta. Em seguida, o entrevistador dá a permissão solicitada: “muito rapidamente se você puder”. Com isso, o entrevistado começa a falar dos tópicos que escolheu.

2. *Token de pedido para mudança de agenda-* parece um pedido, mas não requer uma resposta do entrevistado. Vejamos um exemplo desse tipo de evasão:

Exemplo 32:

1R: Jill Knight eu posso te perguntar até onde isso vai ser colocado em prática ..o quem vai decidir o qu=

3E: sim

4R:=é sério e o que é um substancial-

5E: sim hh uh

6 E: bem ...claro que o médico e uh

7 [em outras áreas onde médico- a profissão da medicina

8 (): I()

9 E: é praticada hhh médicos têm sido muito capazes de

10 decidir o que é sério e o que quer dizer substancial (.)

11hhh eeu posso também apontar que o

12 Professor Hunting a quem você confiou hh seu

13 programa em Dezembro::hh a favor do ato abortivo

14hhhh ele disse (.) que de fato (.) novamente muito recentemente

15 que não há dúvidas sobre issoe =nós temos pedido o

16 abortoo hhh isso é o que o parlamento NÃO questionou

No exemplo acima citado, notamos que ao produzir “eu posso também apontar” (linha 11), o entrevistado comunica que vai “apontar” algo, mas não espera uma aprovação/desaprovação do entrevistador para fazer isso e fala sobre o que deseja. Destacamos que, no exemplo em inglês, nós temos essa frase estruturada muito semelhantemente a uma pergunta, pois o verbo modal apresenta-se anteposto ao sujeito “can I also point out”, o que talvez possa, em inglês, sugerir a ocorrência de uma resposta ou permissão do entrevistador para prosseguir a ação de “apontar”.

3. *Minimizar a divergência*- caracteriza a divergência como apenas uma pequena digressão (Just, quick). Vejamos um exemplo dessa forma de evasão:

Exemplo 33:

E: Mas eu gostaria de lhe mostrar dois pontos muito rapidamente

Em (33), o entrevistado caracteriza a sua divergência do tópico como sendo “rápida”, o que diminui a força dessa divergência.

4. *Justifica a mudança*- o entrevistado tenta explicar e justificar os seus esforços em divergir da discussão, conferindo um aspecto favorável à quebra do discurso, isto é, à produção de uma “não-resposta”. Vejamos um exemplo desse tipo de evasão:

Exemplo 34:

IR:hhhh Senador Metzenbaum vamos voltar para aquela

diferença: que uh o Senhor Forbes falou há um tempo atrás,

entre monopólios e o que temos hoje:, o que

parece em- em alguns momentos estar se movendo. Hh pelo menos (0.2)

gradualmente em direção a um monopólio. não é?

(0.3)

*HM: Bem eu acho que algumas fusões de empresas (.) em geral não têm nada de monopólio ..hh (.) Uh, por exemplo, quanto à General Motors comprar a Hugles Aircraft (Eu estou) não estou totalmente certo de que há algum tipo de monopólio (.) questões ali (0.5) por outro lado eu acho que **a preocupação real não tem sido discutida** (.) previamente (.) nesse programa (0.7)*

TEM a ver com o fato que...

((comentário parentético omitido))

quando você tem uma junção grande como desse tipo, (0.2) do tipo que nós estamos falando nesse programa (.) hh

você fica meio preocupado isso elimina (.) a competição e como de fato afeta os consumidores., uh-h

*segundo, **você deve estar preocupado com o impacto (.) para os sócios, (0.4) e terceiro, que certamente não é o último dos problemas, (.) é o impacto sobre a comunidade***

No exemplo (34), o entrevistado muda a direção da discussão e justifica essa mudança. Segundo o entrevistado, as pessoas não devem ficar preocupados com o fato de se há ou não monopólio de empresas, mas sim com os danos sociais e econômicos que essa monopolização pode causar.

5. *Caso especial de recusa-* retira a responsabilidade do entrevistado e a transmite a algum **fator social**. Vejamos um exemplo dessa prática evasiva:

Exemplo 35:

R: Uh duas perguntas finais. Doutor Rosenberg você vê isso tendo aplicação para outras doenças como esclerose múltipla ou até mesmo AIDS?

E: Nós ainda não começamos explorar isso, embora eu acredite que haja possibilidades ..necessárias de ser investigadas...eu acho que outros cientistas vão olhar para essas questões

No exemplo (35), o entrevistado não responde a pergunta que lhe foi direcionada, pois ele não tem como respondê-la, visto que ainda não há estudos suficientes sobre o que lhe foi perguntado (fator social): “Nós ainda não começamos a explorar isso, embora eu acredite que haja possibilidades”. Assim, a “não-resposta” do entrevistado não é porque ele não sabe ou não quer responder a pergunta, mas porque não há ainda uma **resposta**.

B. PRÁTICAS ENCOBERTAS DE EVASÃO (Clayman, 2001)

Ainda segundo Clayman (2001), podem ocorrer **práticas encobertas de evasão**. Essas práticas são denominadas “encobertas” porque tentam esconder, tornar menos explícita, a evasão. A evasão encoberta ocorre de duas formas:

1. *Repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos*- as pessoas usam a repetição de palavras e de pronomes anafóricos não apenas para responderem, mas também para fornecer um tipo de **camuflagem superficial** para **mascarar** que as respostas são **substancialmente resistentes**. Vejamos um exemplo dessa forma de evasão:

Exemplo 36:

R: Qual a diferença entre o seu Marxismo e o comunismo do Senhor Mc Gahey?

E: ou a diferença é que é a imprensa que constantemente me denomina Marxista quando eu não o sou...e nunca dei essa descrição de mim mesmo

No exemplo (36), observamos que o entrevistado repete em sua resposta as palavras “a diferença” presentes na pergunta. Segundo Clayman (2001), essa repetição serve para mascarar a sua “não-resposta” sobre a diferença apontada pela pergunta. Afinal, ao invés de o entrevistado falar sobre as diferenças entre o Marxismo que ele defende e o Marxismo defendido por Gahey, ele fala que sobre a diferença entre ele e Gahey, pois enquanto este é Marxista , ele não o é. Destacamos que esse parece não ser

um bom exemplo, pois observamos que o entrevistado não aceita o pressuposto da pergunta.

2. *Operando na pergunta*- muda a agenda da pergunta fazendo antes referência à pergunta, caracterizando-a, parafraseando-a. Assim, **modifica a pergunta** de forma que **facilite e oculte a mudança de agenda**. Deste modo, os entrevistados ajustam a pergunta para encaixar a resposta que eles pretendem dar. Observemos abaixo um exemplo dessa prática evasiva:

Exemplo 37:

*R:uh..eu disse pra você...alguns dias atrás quando nós conversamos, e eu disse para o nosso público essa noite que eu iria te fazer ambas as perguntas. Eu vou fazer a primeira agora logo antes dos comerciais porque eu acho que eu sei qual será a sua resposta. **Você teve algum envolvimento com a senhorita Rice?***

E:Senhor Kippler...se a pergunta é nos meus vinte nove anos de matrimônio incluindo, incluindo duas separações públicas eu fui absolutamente e totalmente fiel a minha esposa...eu sinto dizer que a resposta é não

No exemplo (37), notamos que o entrevistado reformula a pergunta feita pelo entrevistador e responde que não foi fiel à esposa durante o casamento, porém, não diz se teve um relacionamento com “Rice”, conforme a pergunta original do entrevistador demandava.

É importante ressaltar que Clayman (2001) considera que a evasão pode ser dupla, ou seja, tanto por parte do respondente como por parte do locutor, pois quando a pessoa que faz a pergunta aceita a resposta evasiva, ele também está sendo evasivo.

Abaixo, apresentamos um quadro sinóptico das práticas de evasão apontadas por Clayman (2001):

Clayman (2001)

RESISTÊNCIA	
ABERTA	ENCOBERTA
A1- Respeito ao entrevistador- o respondente pede permissão para mudar a agenda.	E1- Repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos- o respondente utiliza repetição de palavras e pronomes anafóricos para mascarar que as respostas são substancialmente resistentes.
A2- Token de pedido de mudança- parece um pedido, mas não requer resposta.	E2- Operando sobre a pergunta- o respondente parafraseia a pergunta.
A3- Minimizar a divergência- caracteriza a divergência como uma pequena digressão.	
A4- Justifica a mudança- o respondente tenta explicar e justificar seus esforços em divergir da discussão.	
A5- Caso especial- o respondente retira a responsabilidade de si e a transmite a algum fator social.	

Fonte: Adaptado de Clayman, 2001.

2.6.1.2 TIPOLOGIA DE EVASÃO DE GALASINSKI (1996)

Assim como Clayman (2001), Galasinski (1996) também vê a evasão como uma ação consciente do respondente de não construir uma resposta “adequada” e também divide as mensagens evasivas em abertas e encobertas. No entanto, podemos notar que Galasinski (1996) apresenta-nos alguns tipos de evasão que não foram apontadas por

Clayman (2001), por isso, julgamos interessante apresentar também as classificações utilizadas por ele.

A. EVASÃO ABERTA (Galasinski, 1996)

Galasinski (1996) considera que a evasão aberta, ou seja, aquela que ocorre de forma explícita, se subdivide em dois tipos: **DESAFIOS/PROVOCAÇÕES** e **MUDANÇA DE TÓPICO**.

A) **Desafios/ provocações** podem se realizar de quatro formas:

1. O falante **desvaloriza a pergunta** e diz que aquela pergunta não pode ser respondida. Exemplo 38:

*A: Você quer **sentenças mais severas** para os criminosos adultos?*

*B: A questão não é que se elas são mais **severas ou não**, a questão é qual **sentença é apropriada**.*

Ao observarmos o exemplo (38), percebemos que o entrevistado desvaloriza a pergunta e não a responde, pois para ele não é a questão da severidade da pena que deve ser questionada e sim o fato se ela é ou não apropriada.

2. O falante diz que aquela pergunta foi **mal endereçada**, isto é, que não deveria ser feita a ele.

Exemplo 39:

A: O que o Primeiro Ministro pode fazer em relação a isso?

*B: ah, eu acho que isso é realmente para **ele responder**, não para mim*

No exemplo (39), o entrevistado se nega a fornecer uma resposta para a pergunta que lhe foi endereçada, pois, segundo ele, a pessoa indicada para responder a tal pergunta é o próprio ministro. Ou seja, a pergunta foi mal-endereçada, pois não compete a ele respondê-la.

3. O falante alega que **a resposta é impossível**, difícil, etc.

Exemplo 40:

A: *Quando você deixar de ser primeiro ministro você será tão ativo quanto ela (Thatcher) é agora ou menos ativo?*

B: *Quem sabe? Quem sabe? Eu não estou fazendo previsões tão longes.*

No exemplo (40), o entrevistado não responde a pergunta que lhe foi feita porque, para ele, a pergunta não possui resposta possível. Afinal, ele não tem como saber se ele será tão ativo quanto Thatcher, isso dependeria de conhecimento sobre o futuro e ele não faz previsões para o futuro.

4. O falante pode **optar por não responder** à pergunta.

Exemplo 41:

A: *E essas quantias, elas são em termos de problemas financeiros de lidar com essas questões e assim por diante- elas também são tributadas?*

B: *Se você me perdoar, as tributações dos meus negócios são inteiramente privadas*

No exemplo acima, o entrevistado opta por não responder à pergunta que lhe foi direcionada e deixa explícito que não vai respondê-la por questões pessoais –“as tributações dos meus negócios são inteiramente privadas”.

B) A evasão aberta denominada **Mudança de tópico** engloba as respostas realizadas por meio de *implicaturas conversacionais*, isto é, são respostas indiretas, que são feitas por meio de implicaturas conversacionais.

As evasões abertas por **Mudança de tópico** diferem das evasões abertas **Desafios/Provocações**, pois enquanto as evasões do tipo **Desafios/Provocações** mostram que **não há resposta** porque a pergunta foi mal formulada/endereçada, as evasões do tipo “**Mudança de tópico**” dependem da **interpretação do ouvinte**. Vejamos um exemplo de evasão aberta denominada **Mudança de tópico**:

Exemplo 42:

A: *Você votaria a favor do projeto de lei anti-aborto proposta pelo Senado?*

B: *Que tipo de posição um membro do grupo dos Cristãos pode tomar?*

Ao observarmos o exemplo (42), notamos que o entrevistado não fornece uma resposta explícita. Assim, dependendo da interpretação do falante a resposta fornecida pelo entrevistado pode ser considerada irrelevante e ser vista como uma violação à Máxima da relação, isto é, como uma “Mudança de tópico”. Por outro lado, a resposta realizada por meio de implicatura, pode ser considerada relevante, visto que uma pessoa Cristã deve ser contra o aborto, espera-se que o entrevistado vote a favor do projeto de lei, ou seja, ele respondeu, de certa forma, que votará a favor de projeto de lei anti-aborto proposto pelo Senado.

B. EVASÕES ENCOBERTAS (Galasinski, 1996)

As **evasões encobertas**, para Galasinski (1996), são consideradas como aquelas em que o entrevistado **manipula o foco** da pergunta e se realizam de três modos:

1. *Reformulação da demanda da pergunta* – o falante embora não queira responder à pergunta, **não deixa isso explícito**. Exemplo 43:

*A: Você **defende o direito** da indústria de tabacos de **incentivar** os alunos da escola Elaine Foster a fumar algo que irá prejudicar-lhes a saúde?*

*B: Eu **defendo o direito** da indústria de tabaco **de anunciar** seus produtos*

No exemplo (43), segundo Galasinski, o entrevistado não respondeu, pois ele usou a estratégia de reformular a demanda da pergunta, isto é, B ao invés de responder se ele defende o incentivo ao uso do tabaco, diz o que ele defende. Entretanto, podemos notar que essa interpretação é um pouco confusa, pois o pressuposto da pergunta parece sugerir que *anunciar* é igual a *incentivar*, no entanto, o entrevistado não faz essa relação. Para o entrevistado, *incentivar* é negativo e *anunciar* é neutro, por isso, ele defende o direito de anunciar das empresas de cigarros.

2. *Expansão do escopo da pergunta* – o entrevistador pergunta **questões** mais ou menos **específicas**, o respondente, porém, focaliza o **contexto mais geral**.

Exemplo 44:

*A: Como a dívida nacional afetou **cada um de vocês**?*

B: Eu acho que a dívida nacional afetou a todos.

No exemplo citado acima, de acordo com as explicações de Glansinski, o entrevistado realiza uma expansão do escopo, pois ao invés de dizer como a dívida nacional o afeta, individualmente, e diz como a dívida afeta a todos, em geral. Entretanto, se levarmos em consideração o fato de que o entrevistado faz parte desse “todos”, a questão da evasão passa a ser questionada, pois devemos pensar que sendo ele parte desse “todos” ele se inclui na resposta. Assim, nos perguntamos se, no exemplo (44), houve, de fato, uma não-resposta, uma evasão? Afinal, houve apenas uma troca do quantificador participativo “cada um de vocês” por “todos”, o que para nós indica que foi dito a mesma coisa, mas com palavras diferentes, isto é, não houve evasão.

3. *Mudança do argumento e do contexto com o qual é referido-* a) o falante produz uma proposição que não é coerente com a pergunta; b) o falante escolhe um dos elementos da pergunta que não foi focalizado e o focaliza; c) o falante produz um enunciado com afirmações sobre uma proposição contida na pergunta. Vejamos alguns exemplos em que há mudança do argumento e do contexto referidos:

Exemplo 45:

*A: Mas você não diz que você **não recebe bem** seu envolvimento (de Thatcher) num debate como aquele?*

B: Não temos talvez a mais livre, a mais aberta democracia do mundo. Você não pode destruir essa democracia

No exemplo (45), o entrevistado produz uma proposição que não é coerente com a pergunta, pois enquanto o entrevistador quer saber a opinião do entrevistado sobre o desempenho de Thatcher no debate, ele fala sobre a democracia. O enunciado produzido pelo entrevistado parece, portanto, ser incoerente com a pergunta formulada.

Exemplo 46:

A: Você consegue manter isso [o nível de inflação] por todo esse parlamento?

B: Bem, a redução da libra esterlina pode ter um impacto nos preços de uma vez por todas. Nós temos muito pouco espaço para movimentos na meta que nós mesmos estabelecemos.

No exemplo acima, o entrevistado se foca em um dos elementos da pergunta que não foi focalizado na pergunta. Assim, ao invés de responder se o nível da inflação será mantido, ele fala sobre a importância de se ter uma inflação baixa.

Exemplo 47:

A: O governo tem atuado excepcionalmente mal. Qual você acha que é a razão disso?

B: Bem...eu acho que tem tido uma melhoria ..eu não acho que é certo dizer que estamos em uma posição tão ruim quanto há alguns meses atrás

O exemplo (47) é um exemplo em que o entrevistado questiona o conteúdo da pergunta. Deste modo, notamos que o entrevistado não aceita o pressuposto da pergunta de que “a atuação do governo é ruim”, com isso, no turno subsequente, ele se ocupará de negar esse pressuposto, dizendo que houve um desenvolvimento e que a situação já não é mais ruim.

Abaixo, apresentamos um quadro sinóptico das práticas evasivas apontadas Galasinski (1996):

Galasinski (1996)

EVASÃO	
ABERTA	ENCOBERTA
A1- Desvaloriza a pergunta- o respondente contesta a importância da pergunta, os dados que ela contém, etc	E1- Reformulação da demanda da pergunta- o respondente faz uma paráfrase da pergunta, arranjando-a à sua maneira.
A2- Pergunta mal-endereçada- o respondente diz que a pergunta deveria ser direcionada a outra pessoa e não a ele.	E2- Expansão do escopo da pergunta- o respondente dá uma resposta considerando um contexto mais geral.
A3- Resposta impossível- o respondente diz que é impossível responder o que lhe foi perguntado, seja por razões de tempo, falta de dados apropriados, etc	E3- Proposição incoerente com a pergunta- o respondente produz um enunciado que não faz sentido, considerando-se a pergunta.
A4- Opta por não responder- o respondente	E4- Muda o elemento focalizado da pergunta-

simplesmente diz que não vai responder o que lhe foi perguntado.	em sua resposta, o respondente fala sobre algo que foi dito na pergunta, mas que não constituía seu foco.
A5- Implicatura- o respondente constrói uma resposta indireta.	E5- Afirmações sobre uma proposição contida na pergunta- o respondente se prende a uma proposição contida na pergunta, mas essa não constitui seu foco.

Fonte: Adaptado de Galasinski, 1996.

Além das práticas evasivas abertas e encobertas aqui mostradas, autores como Bull (1994) afirmam que há respostas que embora não sejam evasivas, não podem ser consideradas respostas satisfatórias. Tais respostas negam o pressuposto da pergunta e são denominadas “respostas intermediárias”. Apresentamos mais explicações sobre essas respostas na seção seguinte.

2.7 RESPOSTAS INTERMEDIÁRIAS

Rassiah (2009) faz um estudo sobre a evasão no discurso parlamentar. Nesse estudo, ele ressalta a inexistência no mundo de um trabalho sistematizado sobre esse tema e propõe, a partir da análise dos seus dados, classificar as repostas em: respostas, repostas intermediárias e evasão. Para a realização do seu trabalho, Rassiah (2009), utilizou os pressupostos de Wilson (1990), Harris (1991), Bull and Mayer (1993), Bull (1994) and Clayman (2001).

As reuniões parlamentares na Austrália, no Reino Unido, na Índia e na Nova Zelândia apresentaram-se muito semelhantes em todos esses países, com algumas poucas diferenças. O autor destaca alguns detalhes interessantes a respeito das reuniões parlamentares nesses países: na Austrália tem-se como regra que as respostas devem ser relevantes; na Austrália e no Reino Unido intervenções ilegais- gargalhadas, gritos de desaprovação, gritos para chamar alguém- são permitidas.

As perguntas constituem um importante instrumento na batalha política e, por isso, são hostis, o que resulta em evasão.

Segundo Dillon (1990 *apud* Rassiah, 2009), a evasão constitui é uma forma de responder sem de fato responder, em outras palavras, é uma forma de fingir que se está respondendo. Para Rassiah (2009), a evasão no contexto político, parlamento e

entrevistas televisivas, decorre do tipo de perguntas que são utilizadas nesse contexto, pois elas são perguntas com posições contrárias que demandam, muitas vezes, uma resposta direta. No entanto, uma resposta direta a essas perguntas pode significar a aceitação de diversos pressupostos contidos nas perguntas, conseqüentemente, respostas diretas são evitadas.

Rassiah (2009) destaca que podem ocorrer respostas diretas, indiretas e “intermediárias”, sendo essas últimas (segundo Bull, 1994) um tipo de resposta que está entre resposta adequada e evasão. As “respostas intermediárias” estão relacionadas aos pressupostos das perguntas, por isso, nessas respostas, geralmente o entrevistado corrige um pressuposto incorreto ou desafia a força ilocucionária da pergunta. Além disso, as respostas em que o entrevistado se diz incapaz de responder por questões confidenciais também são consideradas “respostas intermediárias”.

As “respostas intermediárias”, segundo Rassiah (2009), envolvem quatro tipos diferentes de negação/ refutação:

- 1- *Pressuposto da pergunta*- na resposta o entrevistado nega o pressuposto da pergunta.
- 2- *Pergunta hipotética*- diante de uma pergunta hipotética, o entrevistado se nega a respondê-la, alegando que ela é hipotética.
- 3- *Ausência da informação requerida*- o entrevistado, em sua resposta, alega não saber sobre as informações solicitadas.
- 4- *Razões de segurança*- o entrevistado diz não poder fornecer as informações requisitadas por questões de segurança.

Antes de apresentar as práticas de evasão, Rassiah (2009), baseado em Clayman (2001), estabelece os níveis de evasão:

- 1- *Evasão total*- ocorre quando não há nenhuma resposta à pergunta colocada.
- 2- *Evasão substancial*- ocorre quando há uma mudança de tópico, o respondente fala de um tópico totalmente diferente do em discussão, normalmente, evasões desse nível são facilmente notadas pelo público/audiência.
- 3- *Nível médio de evasão*- ocorre quando o respondente utiliza o tópico proposto pela pergunta, mas o aborda de maneira diferente da requisitada pela pergunta.

Essa é a forma mais usada pelos respondentes para se desviarem da agenda da pergunta.

- 4- *Evasão sutil*- ocorre quando o respondente usa os termos da pergunta de forma tão sutil que parece que ele está, de fato, respondendo à pergunta.

Em seguida, Rassiah (2009) nos apresenta as práticas de evasão cobertas e encobertas propostas por Clayman (2001) e detalhadas anteriormente neste trabalho. Outra forma de evasão, apontada por Rassiah (2009) é a evasão por meio de mudança de agenda.

Deste modo, Rassiah (2009) tenta fornecer um modelo de análise da evasão que possa ser utilizado não somente no contexto político, mas que possa ser utilizado em também em outros contextos, com algumas poucas modificações.

Após essas considerações teóricas, aplicaremos no capítulo a seguir essas teorias na análise dos nossos dados.

3 METODOLOGIA

3.1 Enfoque teórico-metodológico

Destacamos que para a análise de nossos dados, nos apoiamos nos construtos teóricos advindos da Sociolinguística Interacional (SI) e da Análise da Conversa (AC). Assim, faremos nesta seção algumas breves considerações a respeito dessas duas correntes de investigação e por que elas foram importantes para as nossas análises.

A seguir, apresentaremos alguns comentários a respeito dos nossos contextos de pesquisa - Entrevista com político e PROCON e, por fim, a metodologia utilizada.

3.2 Contextos de pesquisa

Conforme já foi dito, o presente trabalho analisa dados de interação provenientes de dois contextos distintos: entrevista com político e audiências de conciliação do PROCON. Embora em ambos os contextos o par Pergunta-Resposta direcione a interação, cada um deles apresenta particularidades que lhes são impostas pelas situações em que ocorrem.

A seguir, apresentaremos algumas considerações a respeito desses contextos que julgamos serem importantes para que haja uma melhor compreensão de como se dá a interação nos dados que analisamos:

3.2.1 PROCON

Em primeiro lugar, devemos lembrar que as audiências de conciliação do PROCON constituem encontros institucionais. Segundo Drew e Heritage (1992) o que determina a “institucionalidade” de uma interação é o seu caráter institucional, isto é, a existência de “identidade profissionais” que são relevantes, de algum modo, para a atividade de fala. São algumas peculiaridades como, por exemplo, distância social entre os participantes, existência ou não de agenda pré-determinada, direitos e deveres em relação à participação no encontro, que determinam os encontros institucionais e estabelecem se os comportamentos verbais e não-verbais são adequados à situação social.

Além disso, Drew e Heritage (1992) apontam que uma das características do discurso institucional é a presença, dentre os participantes, de um representante da instituição. No caso do PROCON, os mediadores são esses representantes e, por isso, eles que controlam as práticas discursivas, de modo a alcançar uma meta - a resolução dos problemas. Assim, de certa forma, os mediadores têm um poder maior de controlar a interação e há, assim, uma assimetria em tal conversa. Essa assimetria também caracteriza a conversa institucionalizada.

No mundo contemporâneo, as relações comerciais se tornaram intensas e, com isso, muitos problemas de insatisfação entre os compradores e fornecedores começaram a surgir. No entanto, foi verificado que o principal prejudicado nessas relações era o consumidor, pois os fornecedores utilizavam contratos complicados, regras, procedimentos, etc e dominavam a relação comercial. Assim, começaram a surgir Órgãos voltados para a defesa dos direitos dos consumidores – PROCONs.

As audiências de conciliação são, portanto, uma forma que o PROCON utiliza para tentar um acordo entre as partes que efetivaram a relação comercial e defender os direitos dos consumidores. A pessoa que vendeu o produto ou prestou o serviço é denominada “reclamado” e o consumidor que adquiriu o produto ou serviço é denominado “reclamante”. Lembramos que antes das audiências de conciliações, os estagiários e estudantes de direito que trabalham no PROCON tentam um acordo entre as partes por telefone e só quando não há acordo por telefone que se realizam as audiências de conciliação.

Nessas audiências de conciliação, os mediadores, representantes do PROCON, tentam um acordo entre as partes e, por isso, direcionam perguntas para os participantes da interação a respeito do que ocorreu, do que foi acordado, para assim, confrontar as partes e tentar um acordo entre elas.

3.2.2 Entrevistas com políticos

Na sociedade contemporânea, segundo Schiffrin (1994), a entrevista se tornou um evento de fala muito importante e ganhou vários “subtipos”. No entanto, em todas elas há um entrevistador ou vários entrevistadores e um entrevistado, isto é, há aqueles que buscam informações e fazem perguntas e aquele que responde a essas perguntas.

Nas entrevistas com políticos, os entrevistadores buscam informações, principalmente, a respeito de suas ações governamentais, das suas propostas de governo, de fatos em que eles estiveram envolvidos, isto é, informações sobre como foi ou será sua conduta como representante dos cidadãos.

As entrevistas com os políticos, geralmente, são de interesse público e são apresentadas em redes de televisão, jornais de grande circulação, revistas e, atualmente, na internet. Assim, são entrevistas que ganham grande repercussão e tratam de questões governamentais polêmicas. Além disso, nessas entrevistas, os entrevistados são pessoas públicas que devem zelar por suas imagens.

Por isso, estudos como o de Bull (1994) mostram que nessas entrevistas os entrevistadores utilizam perguntas que são difíceis de serem respondidas pelos políticos, pois demandam uma posição clara e, algumas vezes, contrárias a que o partido ao qual o político se afilia defende; com isso, o político, para evitar problemas, opta por não responder ou fornece respostas que não podem ser consideradas, de fato, respostas – respostas evasivas.

3.3 Abordagem qualitativa

A abordagem que adotamos para a nossa pesquisa é de natureza qualitativa. Segundo Lincoln & Denzin (2000, p. 576), a pesquisa qualitativa é definida da seguinte forma:

“A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e às vezes contradisciplinar que atravessa o âmbito das ciências humanas, sócias e físicas. A pesquisa qualitativa representa muitas coisas ao mesmo tempo. Ela tem um foco multiparadigmático e um método de abordagem múltiplo, reconhecido por seus seguidores, que adotam uma perspectiva naturalista e um entendimento interpretativo da experiência humana. Ao mesmo tempo, a pesquisa qualitativa é um campo inerentemente político, moldado por múltiplas posições éticas e políticas.”

Nos estudos em que se utiliza a abordagem qualitativa, utiliza-se o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador é o instrumento fundamental; realizam-se descrições; há uma preocupação em identificar o significado que as pessoas

dão às coisas e à sua vida; utiliza-se o enfoque indutivo e analisa-se um determinado fenômeno por meio do seu corte temporal-espacial.

A abordagem qualitativa caracteriza-se, portanto, pela imersão do pesquisador no contexto; assim, a pesquisa se guia pela interpretação e o pesquisador pode ser considerado um intérprete da realidade.

Deste modo, ao empregarmos a abordagem qualitativa de pesquisa, analisaremos dados de interações de fala em situações reais, guiados pela nossa percepção (interpretação) de pesquisador e considerando a intenção comunicativa dos falantes na produção de seus enunciados.

3.4 Estudo de caso

Uma das técnicas empregadas na abordagem qualitativa é o estudo de caso. Essa técnica foi adotada no presente trabalho. No estudo de caso é, portanto, uma forma de pesquisa qualitativa, em que o pesquisador busca descrever detalhadamente o que ocorre em seus dados, sem a preocupação de adotar metodologias, de obter verdades universais ou encontrar relações de causa e efeito.

No estudo de caso, o pesquisador analisa um grupo de indivíduos ou de eventos semelhantes, com o intuito de conseguir gerar uma discussão interessante a partir desta análise, a qual possibilite uma reflexão crítica ou um entendimento de circunstâncias problemáticas, o que poderá contribuir para a compreensão de outras situações parecidas.

Assim, visto que em nosso estudo analisamos grupos de indivíduos em eventos de fala semelhantes - situações em que são interrogados sobre suas ações, seus pensamentos/intenções e acontecimentos; e que buscamos uma análise interpretativa e detalhada de como os indivíduos se comportam nessas situações, com o intuito de entender melhor como os indivíduos deverão agir em situações semelhantes, podemos dizer que realizamos uma análise de caso.

3.5 A geração dos dados

A geração dos dados é uma etapa muito importante na pesquisa qualitativa. Os dados utilizados numa pesquisa qualitativa podem ser descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos, citações diretas de pessoas sobre suas experiências, trechos de documentos, registros, correspondências, fotos, vídeos, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos, interações entre indivíduos, grupos e organizações, etc.

No presente trabalho, utilizamos como dados a serem analisados as transcrições de audiências de conciliação do PROCON e a transcrição da entrevista do então Ministro Paulo Renato Souza ao programa *Roda Viva*, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, no dia 24 de abril de 2000.

Os dados do PROCON utilizados compõem o banco de dados do Projeto “A construção de Identidade do consumidor no PROCON”, do Grupo de Pesquisa coordenado pela Professora Doutora Sonia Bittencourt Silveira na Universidade Federal de Juiz de Fora. Essas audiências de conciliação foram gravadas em áudio no PROCON de Juiz de Fora e depois foram transcritas segundo as convenções da Análise da Conversa.

A transcrição da entrevista foi realizada por Vieira (2002)⁷. A entrevista sob análise teve duração de noventa minutos e foi conduzida por um entrevistador que atuava como mediador junto a um grupo de seis entrevistadores que eram especialistas em educação. Nesta entrevista, houve ainda a participação de outros jornalistas ligados a revistas de grande circulação na imprensa escrita. Essa entrevista foi utilizada no trabalho de Vieira (2002) e nos foi cedida por ela para a realização do presente trabalho.

No presente trabalho, adotamos dois tipos básicos de instrumentos para a geração de dados: primeiro, registro de fala em áudio de duas audiências de conciliação transcritas segundo as convenções da Análise da Conversa; segundo, notas de campo realizadas durante a gravação dessas audiências.

⁷ VIEIRA, A. T. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo-interacional*. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora/Instituto de Ciências Humanas e Letras.

3.6 Unidades de análise

Nossa análise dos dados teve como objeto as respostas às perguntas feitas. Essas respostas se mostraram, muitas vezes, evasivas e, para analisá-las, tentamos nos guiar pelas tipologias de evasão propostas Por Clayman (2001) e Galansinski (1996).

Observamos que as tipologias propostas por esses autores são muito parecidas, já que abordam praticamente as mesmas práticas de evasão, elas diferem, principalmente, em relação à nomenclatura adotada, pois, muitas vezes, embora eles estejam tratando da mesma prática evasiva, elas as nomeiam diferentemente.

Assim, para fins de análise, utilizaremos as tipologias propostas por Clayman (2001) e Galansinski (1996), além da noção de “resposta intermediária” proposto por Bull (1994). Devido à não coincidência terminológica entre os três estudos, procuramos padronizar estas propostas no quadro sinóptico abaixo:

Quadro das NÃO- RESPOSTAS

(adaptado a partir das tipologias de Clayman (2001), Galansinski (1996) e Bull (1994))

NÃO- RESPOSTAS	
PRÁTICAS ABERTAS	PRÁTICAS ENCOBERTAS
A1- Respeito ao entrevistador- o respondente pede permissão para mudar a agenda.	E1- Repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos- o respondente usa esses elementos para mascarar que as suas respostas são substancialmente resistentes.
A2- Token de pedido de mudança- o respondente produz uma proposição que parece um pedido para mudança de tópico, mas não espera uma resposta para realizar a mudança.	E2- Operando na pergunta- o respondente faz uma paráfrase da pergunta; uma reformulação da demanda da pergunta; ou uma expansão do escopo da pergunta.
A3- Minimizar a divergência- quando o respondente caracteriza a sua divergência como uma pequena digressão.	E3- Muda o elemento focalizado da pergunta- o respondente foca num elemento ou proposição da pergunta que não foi focalizado.
A4- Justifica a mudança- o respondente tenta explicar e justificar seus esforços em divergir da	E4- Proposição incoerente- o respondente cria uma proposição que não tem nenhum tipo de

discussão.	relação com o que foi perguntado.
A5- Caso especial- o respondente retira de si a responsabilidade do que lhe foi perguntado e a transmite a algum fator social.	
A6- Problemas com a pergunta- o respondente desvaloriza a pergunta ou diz que a pergunta foi mal-endereçada.	
A7- Recusa a responder- o respondente alega que resposta é impossível, pois não há tempo suficiente ou a questão é delicada.	
A8- Implicatura- o respondente fornece uma resposta indireta, por meio de implicatura.	
RESPOSTAS INTERMEDIÁRIAS – são aquelas respostas em que o respondente nega o pressuposto da pergunta que lhe foi direcionada.	

No quadro acima, propomos uma síntese das práticas de evasão abertas e encobertas propostas tanto por Clayman (2001) quanto por Galansinski (1996). Em alguns casos, embora Clayman (2001) e Galansinski (1996) falassem da mesma prática evasiva ou de práticas de evasão muito próximas, eles as denominavam de forma diferente, por isso, optamos por uma das denominações e por uma conceituação que abrangesse ambas as práticas. Além disso, preferimos denominar as práticas de evasão como “não-respostas” para englobar também as “respostas intermediárias” (Bull, 1994), pois elas não constituem respostas, mas não são consideradas práticas de evasão.

Clayman (2001) sugere a existência de cinco práticas de evasão abertas: (1) respeito ao entrevistador; (2) *token* de pedido de mudança; (3) Minimização da divergência; (4) justifica a mudança; (5) caso especial. Galansinski (1996) sugere ainda que há cinco práticas de evasão abertas: (1) desvalorização da pergunta; (2) pergunta mal-endereçada; (3) resposta impossível; (4) opção por não responder; (5) implicatura.

Assim, com o intuito de reduzir o número de tipologias e reuni-las em um quadro, englobamos sob o título de “problemas com a pergunta” as práticas que

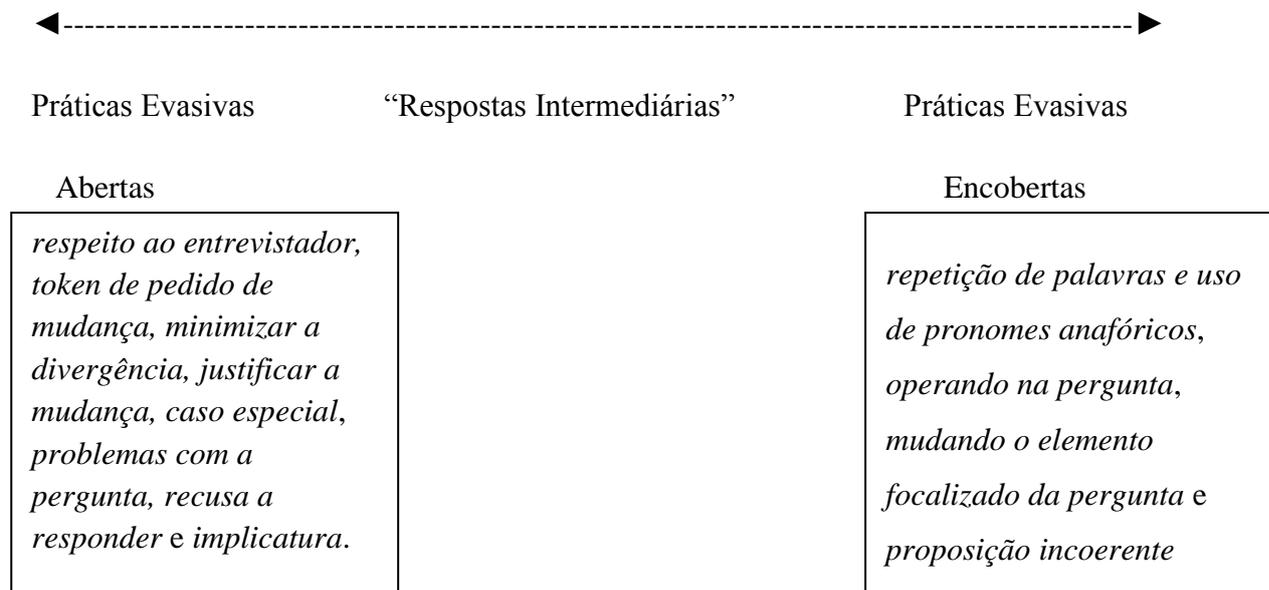
sugeriam que a pergunta não havia sido formulada corretamente ou havia sido endereçada à pessoa errada (“desvalorização da pergunta” e “pergunta mal-endereçada” - (Galansinski, 1996)). Englobamos ainda sob o rótulo de “recusa a responder”, as práticas “recusa a responder” (Clayman, 2001), “resposta impossível” e “opção por não responder” (Galnsinski, 1996), já que nessas três práticas o locutor se recusa a responder por algum motivo, seja por considerar que não há tempo suficiente para responder a questão, seja por considerar que não possui dados/conhecimentos para fornecer a resposta ou, simplesmente, por defesa de face.

Clayman (2001) aponta ainda a existência de duas práticas de evasão encobertas: (1) repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos; (2) operando na pergunta. Já Galansinski (1996) sugere a existência de cinco práticas de evasão encobertas: (1) reformulação da demanda da pergunta; (2) expansão do escopo da pergunta; (3) proposição incoerente com a pergunta; (4) mudança do elemento focalizado; (5) afirmações sobre uma proposição contida na pergunta.

Com isso, sob o rótulo de “operando na pergunta”, englobamos as práticas “operando na pergunta” (Clayman, 2001), “reformulação da demanda da pergunta” e “expansão do escopo da pergunta” (Galnasinski, 1996), pois as três práticas sugerem modificações na pergunta que foi colocada. Do mesmo modo, sob o rótulo de “muda o elemento focalizado da pergunta”, incluímos as práticas apontadas por Galansinski (1996): “muda o elemento focalizado na pergunta” e “afirmações sobre uma proposição contida na pergunta”, visto que em ambas o respondente realiza uma refocalização dos elementos da pergunta.

Deste modo, conforme o quadro acima, as práticas de evasão abertas foram classificadas em oito: *respeito ao entrevistador, token de pedido de mudança, minimizar a divergência, justifica a mudança, caso especial, problemas com a pergunta, recusa a responder e implicatura*. Já as práticas de evasão encobertas foram divididas em cinco: *repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos, operando na pergunta, muda o elemento focalizado da pergunta e proposição incoerente*.

NÃO-RESPOSTAS



O *continuum* proposto acima tem como objetivo analítico possibilitar o posicionamento de algumas respostas, se este for o caso, em uma região intermediária, ou podendo ser vistas como estando mais ou menos alinhadas com uma dada categoria

4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados a serem analisados neste trabalho foram gerados em dois contextos: uma entrevista com o então ministro da educação, Paulo Renato, no programa *Roda Viva* e duas audiências de conciliação no Procon de Juiz de Fora, conforme itens 3.2.1 e 3.2.2 da metodologia. Buscamos investigar como cada contexto influencia no tipo de resposta encontrada e tentamos verificar o que leva, em alguns casos, o interlocutor a optar por “não responder”, isto é, evadir-se da pergunta.

Julgamos que as tipologias de respostas oferecidas por Clayman (2001) e Galasinski (1996) constituem um suporte importante e útil para as análises a serem realizadas aqui. Além disso, julgamos que o conceito de “resposta intermediária” proposto por Bull (1994) nos auxiliará muito nas análises dos nossos dados.

Queremos ressaltar que embora tenhamos como foco de análise as respostas às perguntas encontradas em nosso *corpus* de dados, não podemos nos esquecer que a pergunta é uma parte fundamental para a construção das respostas. Tradicionalmente, as perguntas são classificadas em três tipos: *Perguntas fechadas* (aquelas que demandam sim ou não como resposta) e *Perguntas Abertas* (perguntas que buscam informações ausentes sobre algo). Pesquisas recentes que tratam de contextos específicos de uso das perguntas apontam a existência de novos tipos de perguntas, as quais incluímos em um grupo denominado *outros tipos de perguntas* (*you say x questions, silly questions, disjunctive questions*). Vejamos alguns exemplos:

Perguntas fechadas:

Do ponto-de-vista semântico, uma pergunta fechada projeta uma resposta do tipo sim/não, mas se forem analisadas do ponto-de-vista pragmático ou interacional, resta saber se nos diferentes contextos aqui analisados uma resposta do tipo sim/não satisfaz as expectativas de quem interroga.

Segundo Clayman (2001), as respostas a perguntas fechadas só são consideradas, de fato, respostas, se após concordar ou discordar do conteúdo semântico da pergunta, o interlocutor expandir/explicar melhor a resposta dada. Assim, embora

“sim/não” sejam esperados no início das respostas a essas perguntas, esses advérbios, segundo o autor, isoladamente não fornecem uma resposta completa.

O exemplo abaixo foi retirado da audiência de conciliação denominada Rui Pedreiro. Nesta audiência Lúcia, a reclamante, reclama dos serviços que lhe foram prestados por Rui, o reclamado e com a ajuda do representante do PROCON, Jorge, o mediador, tentam chegar a um acordo.

Exemplo (1):

Audiência: Rui Pedreiro

Participantes: Jorge (mediador) e Rui (reclamado)

Tópico: Rui narra, sob seu ponto de vista, o que foi acordado entre ele e Lúcia

```

40 Rui    eu fiz uma fundação pra ela fazer duas casas.(1.0) cê
41        sabe que uma fundação pra duas casas cê gasta cimento.
42 Jorge  hum hum..
43 Rui    eu fiz uma fundação pra duas casas, mas =
→ 44 Jorge =mas isso foi acordado?
→ 45 Rui   foi sim senhor. e eu tenho te- eu tenho [testemunha] pra
        isso

```

No exemplo (1), Jorge, o mediador, na linha 44, faz uso de uma pergunta tradicionalmente classificada como fechada “**mas isso foi acordado?**”. Rui confirma a proposição da pergunta, entretanto, se reavaliarmos a pergunta de Jorge, verificamos que ela é introduzida pelo conectivo adversativo “mas” que, do ponto-de-vista pragmático, sinaliza desafio, visto que Rui, ao ser perguntado sobre o uso do material utilizado na construção da casa, que a reclamante alega ter sido excessivo, usa como justificativa o fato de ter não só sido necessário fazer uma fundação como também de ter sido feita fundação para duas casas e não apenas uma. A pergunta do mediador tem como objetivo refocalizar o que está em jogo: a decisão sobre a obra deveria ter sido tomada em comum acordo. A resposta de Rui, na linha 45, requer não só que ele confirme ou desconforme o que foi perguntado, mas que também sustente sua asserção “e eu tenho te- eu tenho [testemunha] pra isso”.

Um outro exemplo de pergunta fechada foi retirado da audiência de conciliação denominada OK veículos. Vejamos:

Exemplo (2):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: José (consumidor) e Ana (mediadora)

Tópico: Ana quer saber se o carro ainda estava na garantia

→ 48 Ana **mas essa garantia é:: já passou da garantia le[gal?]**

→ 49 José **[não ué.]**

Nessa audiência, José, o consumidor, reclama que comprou um carro e este vem apresentando diversos defeitos. No exemplo em questão, Ana, a mediadora, deseja checar se a reclamação encontra-se dentro do tempo legal em que a garantia cobre os bens duráveis: noventa dias. A resposta de José em tom de desafio “**não ué**”, permite a implicatura de que a pergunta é irrelevante ou que ele conhece o prazo que lhe garante a reclamação.

Na entrevista com o Ministro Paulo Renato, também observamos perguntas fechadas, vejamos alguns exemplos:

Exemplo (3):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Problemas que as mudanças no Ensino Médio poderiam causar

→ Ent **mas o senhor não acha que assim vai aumentar a desigualdade?** porque vai continuar sempre uma parcela de jovens ..han..tendo acesso a um Ensino Médio que prepara exclusivamente para o vestibular, então a universidade fica mais difícil

→ MPR **Não, o Ensino Médio, todo ele, todo o Ensino Médio, ele vai,**

→ **será único**, não haverá um Ensino Médio para o vestibular e outro não para o vestibular...

(Ent = entrevistador)

No exemplo acima, observamos que o Ministro Paulo Renato nega o pressuposto da pergunta polar: “**mas o senhor não acha que assim vai aumentar a desigualdade?**” e oferece uma justificativa para essa refutação de que o Ensino Médio prepara apenas para o vestibular.

O ministro Paulo Renato ainda respondeu a outras perguntas fechadas que lhes foram direcionadas, vejamos um exemplo:

Exemplo (4):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Problemas que as mudanças no Ensino Médio poderiam causar

→ Ent **Não é um público que tem mais poder de pressão, Ministro?**

MPR Como?

Ent Não é um público que tem mais poder de pressão?

→ MPR **Muito maior, muito maior.**

No exemplo acima, notamos que Paulo Renato responde à pergunta fechada que lhe foi feita pelo entrevistador, alinhando-se a seu pressuposto (existe um público x que tem mais poder de pressão) e, de forma enfática, dá sua resposta: “Muito maior, muito maior”.

A análise desses quatro exemplos nos mostra que a afirmação de que uma resposta a uma pergunta fechada requer necessariamente uma expansão em termos de justificativa ou explicação não se sustenta, visto que, nos exemplos números dois e quatro não podemos afirmar que as respostas oferecidas não constituem uma resposta completa nos contextos analisados.

Perguntas abertas

As perguntas abertas, se analisadas segundo o tratamento sintático-semântico, buscam informação sobre um dado constituinte, sobre o qual recai a pergunta. Os pronomes interrogativos são pró-formas que substituem estas informações desconhecidas por quem realiza a pergunta. O ato de perguntar, então, implica a busca de informação sobre um dado constituinte. Vejamos alguns exemplos dessas perguntas e como se realizam as respostas dadas pelos interlocutores.

Exemplo (5):

Audiência: Rui Pedreiro

Participantes: Jorge (mediador) e Rui (reclamado)

Tópico: Rui narra, sob seu ponto de vista, o que foi acordado entre ele e Lúcia

- 01 Jorge **mas** então **o quê que: é o quê que foi acordado?** o senhor
 02 per- o senhor falou assim **o senhor me perguntou** o quê que
 03 foi acordado. então vamos lá o quê que foi acordado? =
 04 Rui =nós concordamos assim,
 05 Jorge hum
 → 06 Rui **eu ver a casa dela,**
 07 Jorge hum
 → 08 Rui **pra mim entijolar,**
 10 Jorge hum
 → 11 Rui **e bater a laje.**
 12 Jorge hum
 → 13 Rui **eu ainda dei um emboço por dentro eu falei com ela e::eu**
 → 14 **não trabalho com acabamento** (0.8) porque até na minha casa
 15 ac-acabamento quem faz são os outros eu pago pra fazer.
 16 (1.0) inclusive eu tô com banheiro pra fazer lá em casa

No exemplo acima, notamos que Jorge, o mediador, formula uma pergunta aberta: “o quê que foi acordado?” e Rui constrói sua resposta listando o que ele combinou fazer na casa de Lúcia, fornecendo assim, informações que semanticamente oferecem resposta ao constituinte instanciado pelo pronome interrogativo “**quê?**”. Mas se olharmos a pergunta como um todo, verificamos que o “mas” introduz um desafio ao reclamado, era de se esperar que ele, o prestador do serviço, soubesse o que foi acordado entre as partes e ele mostra ter essas informações. Donde se conclui que a

pergunta do mediador oferece seqüencialmente um lugar para que as partes declarem verbalmente o que foi combinado entre elas. Nesse momento, Rui oferece seu ponto-de-vista e restringe o acordo entre ele e a reclamante como sendo o de entijolar e bater a laje. Parece que o propósito da pergunta tanto do mediador quanto a de Rui, embutida na mesma, na forma de discurso reportado, foi muito mais o de construir uma oportunidade de esclarecimento do que de pedido de informação, numa perspectiva pragmática.

Vejam os outros exemplos de perguntas abertas:

Exemplo (6):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: José (consumidor) e Ana (mediadora)

Tópico: Ana quer saber a nota fiscal do carro

→ 12 Ana [eu::, e a::, e a no]ta fiscal do carro?
 → 13 **cadê ela?**
 → 14 José =nu- nu- nu me deram.

Ana usa uma pergunta aberta “**cadê** a nota fiscal do carro?” para interrogar José, o consumidor, sobre a localização/ existência de nota fiscal que documentasse a transação. Assim, a resposta de José não confirma a existência de tal documento - “nu- nu- nu me deram”.

Do ponto-de-vista pragmático, a pergunta de Ana pode sinalizar que existem indícios de que se trate de uma transação ilegal, visto que o reclamado categoriza sua empresa como um estacionamento e não como uma loja. Neste caso, não teria autorização para realização de compra e venda de automóveis e nem teria condições de fornecer nota fiscal.

Exemplo (7):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Como ter informações sobre a aplicação do dinheiro do Fundef

- *Ent* **Como** é que eu ou qualquer outra pessoa pode saber se o município está aplicando corretamente o dinheiro ou não?
- *MPR* Se a pessoa tiver acesso à internet, não ?, ele pode entrar no site do Ministério da Educação e lá ele terá um... o repasse eh.. a cada dez dias do seu município não é... e saberá quanto dinheiro vai para o Fundef e quanto dinheiro tem que ser aplicado dentro do Fundef (...)

Neste exemplo, o entrevistador busca uma informação sobre a possibilidade de se obter informação sobre o gerenciamento das verbas do Fundef pelos municípios “*Como é que eu ou qualquer outra pessoa pode saber se o município está aplicando corretamente o dinheiro ou não?*”. Ao construir essa pergunta, o entrevistador utiliza o pronome interrogativo “como”. Segundo o ministro, basta a pessoa ter acesso a internet para poder acompanhar a utilização dessas verbas pelos municípios. Entretanto, a resposta diz respeito a como ter acesso, mas não se posiciona sobre a possibilidade de avaliar se as verbas estão sendo aplicadas de forma correta.

Embora o foco deste estudo não seja a primeira parte do par, a pergunta, verificamos, nesses poucos exemplos examinados que uma análise das funções pragmáticas das perguntas deve ir além de se olhar apenas para a forma das perguntas, em termos de serem abertas ou fechadas do ponto-de-vista sintático-semântico. As metas comunicativas das atividades de fala em que o par Pergunta-Resposta constitui um recurso interacional devem ser examinadas de forma situada para se poder analisar de forma mais completa as funções que podem desempenhar em contextos específicos.

Terceiro grupo

No terceiro grupo de perguntas, encontramos as perguntas denominadas “*you say x questions*”, “*silly questions*” e “*disjunctive questions*”. Essas perguntas possuem uma estrutura diferente das que vimos anteriormente e são usadas, muitas vezes, em contextos mais específicos, buscando a confirmação de algo dito ou feito pelo interlocutor. Dentre os três subtipos de perguntas pertencentes ao terceiro grupo, só encontramos em nossos dados dois deles: “*you say x questions*” e “*disjunctive questions*”. A seguir, analisaremos alguns exemplos de usos dessas perguntas encontrados em nossos dados:

O primeiro subtipo de perguntas desse grupo: “*you say x question*”, isto é, as perguntas que têm a seguinte forma: “você disse + reformulação do que foi dito pelo interlocutor”, não foi muito freqüente em nossos dados, mas podemos destacar o exemplo abaixo, o qual foi retirado da audiência de conciliação “OK veículos”:

Exemplo (8):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: Pedro (reclamante), Ana (mediadora) e Lucas (reclamado)

Tópico: Discutem sobre o que a garantia do veículo cobria.

29 Ana tem muita coisa que, tem que, so tiran[do o motor pra ver]
 30 Pedro [e,eu,só tirando uê] a
 31 correia dentada
 32 Lucas você sabe quanto é uma hora, você sabe quanto e a hora de::,
 33 um mecânico, lá dentro da- da visa car, olhar um uma bomba
 34 d'água. mas lá é [conces]sionária autorizada.
 → 35 Pedro [então] **como é que você falou que pode levar na**
 → 36 **visa car?**
 37 Lucas não, mas se você falar que na tem condição de ver, tem
 38 condição [de ver]
 39 Pedro [não:]
 40 Lucas =tem condição de ver uê.

No exemplo acima, Pedro, o reclamante, argumenta que não teve como saber de certos defeitos do carro porque as peças que apresentaram problemas estão localizadas no motor e, portanto, só poderiam ser avaliadas se fosse desmontado o motor, isto é,

algo que não era possível de ser feito. Por outro lado, Lucas argumenta que há oficinas que cobram mais caro, mas que são capazes de verificar tudo. Assim, Pedro questiona porque então que Lucas indicou a “visa car”. Lucas parece ignorar a colocação de Pedro e continua argumentando que teria condições de analisar também o motor.

O terceiro subtipo, denominado “disjunctive question” ocorreu de forma bastante expressiva em nossos dados, principalmente, na entrevista com o Ministro Paulo Renato. Observemos os exemplos abaixo:

Exemplo (9):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: Lucas (reclamado) e Ana (mediadora)

Tópico: Ana quer saber sobre como foi o financiamento do veículo

→ 42 Ana **[você fez o financiame]to direto com ele, ou foi co:m**
 → 43 **financeira? =**
 44 Lucas =no banco, no [banco.]

Nesse exemplo, Ana, a mediadora, constrói uma relação de disjunção através do operador argumentativo “ou”, checando qual das duas opções se realizou.

Exemplo (10):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Exigências para se obter o financiamento estudantil oferecido pelo governo

Ent Pelo menos é uma reclamação que a gente ouve muito, que se exige propriedade.
 MPR Não, não se exige propriedade, mas..
 → Ent tem que provar que vai conseguir pagar aquele...**Exige fiador ou**
 → **não exige fiador?**
 → MPR exige fiador

O entrevistador, num primeiro momento, age como porta-voz da reclamação de que o crédito educativo para ser concedido exigiria como garantia que o requerente oferecesse algum bem como garantia, aqui categorizado como “propriedade”. O ministro refuta a veracidade dessa informação. O entrevistador então reformula a pergunta agora em termos de exigência de fiador, por meio de uma pergunta do tipo disjuntivo, que projeta como resposta uma confirmação ou não confirmação do que foi dito.

Exemplo (11):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: A importância da universidade pública para as pesquisas

- Ent Mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da
 → universidade, **a gente não corre o risco de esquecer a contribuição**
 → **que a universidade pública deu ao país e tem dado, ou o senhor**
 → **acha que não deu?**
- MPR **Não, não se esquece,** não é? Isso não se esquece porque não há
 dúvida que toda pesquisa em nosso país é feita dentro da
 universidade.

Neste exemplo, o entrevistador defende a posição de que a universidade pública tem dado importantes contribuições ao país. Através do operador disjuntivo “ou”, cria para o ministro a necessidade de confirmar ou recusar esta asserção, fazendo com que ele se afilie ou desafilie da posição do entrevistador, colocada através da pergunta.

Atividade de Responder

Conforme foi dito anteriormente, há uma relação seqüencial entre perguntas e respostas, em que a segunda parte do par é vista como uma tentativa de resposta. De acordo com a noção de relevância condicional, nos termos da Análise da Conversa, é a primeira parte do par que torna relevante a ocorrência de uma segunda parte. Assim, se uma dada ação é entendida como pergunta, ela irá projetar uma segunda parte como

resposta. Destacamos ainda que a partir da resposta dada podemos verificar se a primeira parte foi mesmo colocada/entendida como pergunta. Deste modo, a relevância de um dado enunciado no par Pergunta-Resposta decorre da relação mútua entre as partes do par.

Embora a ação de perguntar projete uma resposta, muitas vezes, as respostas não ocorrem nos turnos adjacentes, mas sim em turnos de fala subseqüentes e distantes das perguntas. Por isso, preferimos adotar a noção de *posição* proposta por Schegloff (*apud* Levinson, 2007), a qual estabelece que a resposta a uma pergunta não precisa estar necessariamente adjacente a ela.

Notamos assim que há uma relação de dependência entre a pergunta e a resposta e que a pergunta estabelece o que deverá ocorrer na segunda parte. No entanto, em alguns casos, as respostas dadas são vagas ou fogem ao posto ou pressuposto da pergunta, o que pode levar os perguntadores a reformularem as perguntas feitas, de modo a refocalizar o que foi perguntado e ao mesmo tempo “forçar” uma atitude mais clara do respondente.

Deste modo, analisamos a atividade de responder, isto é, a segunda parte do par Pergunta-Resposta nos nossos dados. Para essa análise, adotamos, principalmente, as perspectivas de Clayman (2001) e Galasinski (1996). Segundo esses autores, o interlocutor pode não oferecer a resposta projetada por uma dada pergunta ou mesmo não oferecer qualquer resposta. Quando não há uma resposta satisfatória⁸, ocorre o que eles denominam evasão. A evasão pode se realizar por meio de práticas abertas ou encobertas. As práticas abertas de evasão, conforme o quadro do item 3.6 da Metodologia, são divididas em: (1) *respeito ao entrevistador*, (2) *token de pedido de mudança*, (3) *minimizar a divergência*, (4) *justifica a mudança*, (5) *caso especial*, (6) *problemas com a pergunta*, (7) *recusa a responder* e (8) *implicatura*.

Em nossos dados, pudemos observar algumas práticas abertas de evasão. Lembramos, entretanto, que as práticas acima apontadas servirão apenas de orientação

⁸ Esse julgamento deriva do fato de que aquele que pergunta poder mostrar em turno subseqüente sua satisfação ou não com a resposta, quando não pode reformular/reapresentar a pergunta

para a nossa análise, visto que utilizamos denominações diferentes dessas em função daquilo que pareceu ser relevante no curso da análise dos dados.

Deste modo, com a nossa análise dos dados, encontramos três grandes tipos de “não-respostas”, as quais denominamos: (1) práticas de evasão abertas; (2) práticas de evasão encobertas e (3) respostas intermediárias.

No primeiro grupo, encontramos quatro tipos de evasão abertas nos contextos analisados: (a) evasão com justificativa para mudança de foco; (b) evasão através de categorização genérica; (c) evasão por implicatura; (d) evasão por falta de informação/lembrança/conhecimento. Essas práticas, embora sejam denominadas de forma diferente de Clayman (2001) e Galansinski (1996) por apresentarem algumas especificidades, são muito semelhantes às práticas de evasão abertas denominadas por esses autores, respectivamente, como justifica a mudança; caso especial; implicatura e recusa a responder.

As práticas encobertas de evasão, conforme o quadro do item 3.6 da Metodologia, são divididas em: (1) *repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos*, (2) *operando na pergunta*, (3) *muda o elemento focalizado da pergunta e* (4) *proposição incoerente* .

Nos nossos dados, encontramos três práticas de evasão encobertas: (a) evasão por falso acordo; (b) evasão por mudança de foco; (c) evasão por meio de perguntas retóricas. A primeira prática se assemelha muito à prática *repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos* apontada por Clayman (2001) e Galansinki (1996), pois nela também há uso de pronomes anafóricos para mascarar a evasão, mas, além disso, há o uso de formas que explicitam ainda mais a idéia de acordo como, por exemplo, o uso do advérbio “sim”. A segunda prática, embora tenha uma denominação igual a uma das práticas de evasão abertas, se difere da aberta pelo fato de se negar sutilmente a tratar do que foi proposto, sem, no entanto, desenvolver mais profundamente outros tópicos. A terceira prática não foi encontrada na literatura como prática de evasão, a denominamos “evasão por meio de perguntas retóricas”. Nessas práticas de evasão os respondentes utilizam perguntas retóricas para não darem respostas.

Lembramos que, no presente trabalho, estamos considerando que há dois tipos de perguntas retóricas: (1) perguntas que não apresentam nenhum tipo de resposta verbal ou ação, conforme a definição tradicional de perguntas retóricas, e (2) perguntas feitas pelo respondente e respondidas por ele mesmo.

Além dessas práticas de evasão abertas e encobertas, encontramos também, em nossos dados, respostas que embora não sejam evasivas, não podem ser consideradas respostas satisfatórias. Tais respostas negam o pressuposto da pergunta colocada e são denominadas “respostas intermediárias” por Bull (1994).

Após as especificações acima a respeito das nomenclaturas que utilizamos, vejamos alguns exemplos de “não-respostas” encontradas em nossos dados:

1- Práticas evasivas abertas:

a- Evasão com justificativa para a mudança de foco:

Exemplo (12):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Cobrança de mensalidades nas universidades públicas

- Ent O **senhor é a favor** de **cobrar mensalidade** é...nas **universidades públicas** ou não? **Quer dizer**, a universidade deve ser gratuita **ou** ela deve passar a cobrar de quem pode pagar?
- MPR É. Olha, essa é uma pergunta...esse ...esse é **um tema que é muito polêmico e é uma questão muito delicada, não é? Por quê? Porque se a gente olha** assim de maneira geral...quer dizer ...assim porque uma pessoa um jovem que pagou toda a sua ahn... o seu ensino médio numa escola particular.. de repente deixa de pagar porque entrou na melhor universidade não é? **Esse é o maior problema da universidade pública?** Não é...o maior problema da universidade pública é o que você equivocou...o problema do custo ..**é o problema da ineficácia, da ineficiência (...)**

O entrevistador pede ao ministro que se posicione sobre a gratuidade das universidades públicas. Assim, através de uma construção disjuntiva, cria para o ministro a obrigação de afiliar-se à gratuidade ou não gratuidade do ensino nas universidades públicas. O ministro se evade da pergunta, enquadrando o assunto/tema como delicado/polêmico, propondo uma mudança de tópico, focalizando o que ele julga ser uma discussão anterior a essa ou o problema mais grave enfrentado pelas universidades: sua ineficiência.

Exemplo (13):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Cobrança de mensalidades em universidades públicas

- Ent **Quer dizer** que o senhor **não é contra a questão da cobrança?**
- MPR Eu acho que é um tema mui..mui..haverá discussão, eu acho que,
→ **nesse momento,** eu tenho a **responsabilidade de ver o que é mais...o**
→ **quê que é prioritário.**

No exemplo (13), novamente o entrevistador insiste em perguntar se o ministro é a favor da cobrança de mensalidade na universidade pública, isto é, quer que o ministro se afilie/desafilie com o que foi colocado na pergunta: a cobrança de mensalidades nas universidades públicas. E mais uma vez, o ministro responde que não irá discutir esse tema agora porque isso deve ser discutido no futuro, visto que, para ele, esse não é um tema importante no momento. Assim, em sua resposta, ele muda de foco, redefinindo o que para ele é relevante: “o **quê que é prioritário.**”. Essa recusa em tratar da cobrança de mensalidades na universidade pública parece se explicar pelo fato de esse ser um tema polêmico, em que uma posição a favor ou contra, por parte do ministro, pode prejudicar a sua imagem.

b- Evasão através de categorização genérica:

Exemplo (14):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Dificuldades do governo em lidar com a universidade

- Ent **Quais são as razões que lhe parecem ahn...explicar essa enorme dificuldade de lidar eh..eh.. com a universidade?**
- MPR Bom, eh mais difícil lidar com a universidade. Eu fui reitor, não é? (...)
- Ent **Mas qual é a raiz das dificuldades?**
- MPR Eu acho que é um pouco da **natureza da própria universidade** (...)

No exemplo (14), o ministro dá respostas evasivas, pois ao ser perguntado sobre a raiz das dificuldades em lidar com a universidade, ele atribui a dificuldade à “natureza” da universidade, como sendo um problema de ordem intrínseca, algo contra o qual não se pode lutar, atribuindo as dificuldades à “**natureza da própria universidade**” .

c- Evasão por Implicatura:

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: A possível candidatura de Paulo Renato à presidência da república

Exemplo (15):

- Ent O senhor alimenta esse sonho...o senhor gostaria de...de concluído aí o segundo mandato como ministro da Educação, quem sabe tentar a presidência da república?eh ..como o senhor vê ..eh

- MPR Essas coisa não dependem ...não dependem de cada um de nós, não é...dependem das circunstâncias (...)
- Ent Não, mas eu **tô perguntando no foro íntimo, o que o senhor acharia?**
- MPR Eu acho o seguinte: **eu tô preocupado agora em terminar meu trabalho na educação**
-

No exemplo (15), mais uma vez o entrevistador insiste na questão da candidatura do ministro à presidência república. Como nas perguntas anteriores o ministro não deu uma resposta que respondesse o que lhe havia sido perguntado, o entrevistador pergunta se no “foro íntimo”, o ministro pensa em se candidatar à presidência da república. Assim, o ministro responde que está preocupado em terminar o seu mandato – “**eu tô preocupado agora em terminar meu trabalho na educação**”, ou seja, por implicatura podemos interpretar a resposta do ministro como negativa, isto é, ele não tem interesse em se candidatar à presidência.

Exemplo (16):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: O investimento do governo em educação

- Ent E **o Brasil investe o suficiente pra isso?** O senhor acha que a gente
→ **investe o suficiente em educação?** Ou mantém aquele discurso que investe muito, mas investe mal.
- MPR Não, eu diria o seguinte: **mais dinheiro sempre é bom**, não é? Eu acho queem educação, especialmente...

No exemplo (16), o entrevistador pergunta ao ministro se ele considera que se tem investido o necessário na educação ou se se o investimento tem sido mal distribuído. O ministro diz apenas que, se tratando de educação, mais investimentos é sempre bom – “**mais dinheiro sempre é bom**”. Assim, por implicatura entendemos que há investimentos, mas que talvez esses não sejam suficientes e que, portanto, investimentos extras seriam bons.

d- Evasão por alegação de falta de informação/lembrança/conhecimento:

Exemplo (17):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: José (consumidor) e Ana (mediadora)

Tópico: Ana quer saber qual o valor gasto por José para reparar os defeitos do carro

- 13 Ana **Quanto que você gastou**, já nesse total?
 → 14 José ah, [**nem lembro**]
 → 15 Ana [**mais de mil**] e **quinhentos reais?**
 → 16 José **não, não**. só, só, somar cento e dez , seiscentos e trinta e cinco,
 17 e no caso se eu for gastar aqui: ó: setecentos e pouco, com
 18 [quatrocentos e pouco, mil e quinhentos]

No exemplo acima, a reclamante se recusa a responder, alegando aparentemente não poder responder de forma precisa à pergunta específica: “Quanto você gastou, já nesse total?”. O mediador reformula a pergunta estabelecendo um parâmetro o valor aproximado de mil e quinhentos reais. Outra vez, o reclamante se evade da resposta, deixando para o mediador a tarefa de chegar ao valor total de seus gastos – “só, só, somar”.

2- Práticas de evasões encobertas:

Para compreendermos melhor essas práticas de evasão encobertas, vamos analisar alguns exemplos encontrados em nossos dados. Lembramos mais uma vez que, embora adotemos as tipologias de Clayman (2001), Galansinski (1996), em alguns casos, optamos por nomear as práticas evasivas que encontramos de modo diferente do que foi proposto por esses autores. Vejamos:

a- Evasão por falso acordo:

Exemplo (18):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: O Fundef como forma de abrir o caminho para a corrupção

- Ent tem muita gente com medo de que seria uma boa idéia que simplesmente não vai eh..**vai** simplesmente, **abrir caminho** pra corrupção pra ilegalidade) etc
- MPR Sim **ela** está **fechando** o caminho da corrupção.
- Ent Como o senhor vê essa **crítica**?
- MPR Apesar de todas as denúncias, o FUNDEF **está fechando** o caminho do desvio da corrupção, tá? Vamos ver por que...Esse é um ponto muito importante...vou dizer claramente o seguinte: primeiro, hoje está se desviando muito menos dinheiro do que se desviava, hoje este se roubando muito menos dinheiro da educação do que se roubava...e entretanto...há mais denúncias.

O ministro aparentemente concorda com a informação do entrevistador de que existe um temor generalizado de que o Fundef, qualificado inicialmente como “uma boa idéia” seja uma fonte de corrupção, ao usar o advérbio “sim” e o pronome anafórico “ela” que retoma a expressão “uma boa idéia”. Esta afiliação com o entrevistador, entretanto, não se confirma porque o respondente escolhe a ação de fechar em oposição à idéia de “**abrir caminho** pra corrupção”. Além disso, podemos acrescentar que há uma mudança do foco da pergunta, pois em nenhum momento o ministro aborda as críticas que envolvem o Fundef e que foram objeto de questionamento na pergunta; ele muda portanto o foco de “crítica” para uma “boa idéia” que está fechando a corrupção.

Exemplo (19):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: Marta (mediadora), José (reclamante/consumidor) e Lucas (reclamado)

Tópico: Qual a intenção de Lucas ao ir ao Procon

38 Marta não:[:. ou então **você veio**] **aqui pra quê?**=pra::[::]
 → 39 José [()]
 40 Lucas [não. eu vim
 → 41 pelo::- eu vim () **me chama::-ram**, (ué.) ((ironicamente))=

No exemplo (19), o reclamado ao utilizar “eu vim pelo” parece que irá responder satisfatoriamente à pergunta colocada pelo mediador “então **você veio**] **aqui pra quê?**”. Assim, esperava-se que a pergunta “**pra quê?**” apontasse o propósito da sua ida ao Procon e ele opta por responder a razão, o porquê e não o pra quê: “eu vim () **me chama::-ram**,”. Uma outra análise possível, é que quando perguntado quais as razões que o levaram a ir à audiência, a resposta dada vai contra as expectativas “[não. eu vim pelo::- eu vim () **me chama::-ram**, (ué.)”, o que demonstra que ao produzir essa construção, o reclamado não foi cooperativo e queria ser irônico. Podemos dizer ainda que Lucas mudou o foco da pergunta de “algo subjetivo” para “obrigação imposta”, isto é, Lucas não aceita a pergunta como direcionada às suas intenções e sim como algo indiferente à sua vontade – obrigação.

b- Evasão por mudança de foco:

Exemplo (20):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: O desejo de Paulo Renato de se candidatar à presidência

Ent O senhor alimenta esse sonho...o senhor gostaria de...de
concluído aí o segundo mandato como ministro da Educação, quem
→ sabe **tentar a presidência da república?**..eh ..como o senhor vê
..eh

→ MPREssas coisa não dependem ...**não dependem de cada um de nós**, não
é...dependem das circunstâncias (...)

No exemplo (20), o ministro não responde à pergunta que lhe foi direcionada, alegando que a sua candidatura não depende de sua vontade individual e sim, das circunstâncias. Assim, para o ministro, a decisão sobre o que lhe é perguntado é transferida para um outro agente, neste caso, “as circunstâncias”.

c- Evasão por meio de perguntas retóricas:

As perguntas retóricas, conforme já foi visto, são, tradicionalmente, definidas como perguntas que não esperam resposta verbal ou ação de outras pessoas. No entanto, conforme apontamos, anteriormente, consideramos que há dois tipos de perguntas retóricas nas respostas analisadas: (1) perguntas que são feitas pelos próprios respondentes e que não esperam respostas – sem respostas; e (2) perguntas que são feitas pelos respondentes e que são respondidas por eles mesmos. Para nós, o uso de tais perguntas nas respostas, constitui uma prática de evasão encoberta, pois ao usá-las, em nenhum momento, o locutor tenta explicar sua “não-resposta” ou demonstra que não dará a resposta esperada.

Vejam os alguns exemplos de uso de perguntas retóricas nas respostas durante as audiências de conciliação do PROCON:

Exemplo (21):

Audiência: Ok Veículos

Participantes: José (consumidor), Ana (mediadora) e Pedro (amigo do consumidor)

Tópico: Como prever defeito de peças que não podem ser examinadas e como definir o que está na garantia

- 09 Ana /então/ uma bomba elétrica estaria dentro da garan[t i a, né?].
 10 José [é o que o ca]ra
 → 11 falou comigo. **tem jeito de você prever, pre- prever alguma coisa**
 12 **aqui?** não, não, não, aconteceu. É uma coisa- uma parte elétrica?
 13 é igual ignição e cabo de vela, que tem que trocar (0.8) o carro
 14 começou a::rodar, corrente(0.5)parou(0.2)eu vou- **o mecânico vai**
 → 15 **prever na HORA que ele vai ver o carro?** não vai
- 16 Ana a parte elétrica aqui eu não concordo não. a maioria dessas
 17 coisas aqui, é::, =
 18 Pedro =igual correia dentada, tu- tudo bem, é desgaste, mas se rebenta,
 → 19 e **essas coisas assim**, tá dentro **tá onde, tá onde, onde que tá?** Tá
 20 dentro do motor, né?[e o quê que vai acontecer?]

O que está em jogo, neste segmento de fala, é a disputa daquilo que pode ser considerado como estando sendo coberto pela a garantia e daquilo que o mecânico pode analisar quando vistoria um carro. Assim, ao ser questionado se a bomba elétrica seria um item dentro da garantia, José, o reclamante, parece ignorar a pergunta que lhe foi direcionada e trabalha com a questão de que o mecânico não tem como prever futuros danos de peças que estão no motor, fora do seu alcance - “**tem jeito de você prever, pré- prever alguma coisa aqui?**” e “**o mecânico vai prever na HORA que ele vai ver o carro?**”. Para se evadir, José utiliza essas perguntas retóricas. Por outro lado, embora Pedro, o amigo de José, também use perguntas retóricas em sua resposta: “tá onde, tá onde, onde que tá? Tá dentro do motor, né?” e “quê que vai acontecer?”, essas parecem ser utilizadas para sustentar a sua resposta a pergunta que lhe foi feita, isto é, ele não sabe claramente o que a garantia cobre. Afinal, a correia dentada é uma peça de desgaste, mas será que pela sua localização (dentro do motor), ela seria um item coberto pela garantia. Há, portanto, o uso de perguntas retóricas em ambos os casos para direcionar a argumentação. No entanto, essas perguntas podem ser utilizadas tanto para responder quanto para se escapar de dar uma resposta.

Neste exemplo, o reclamado pergunta onde está a correia dentada e ele mesmo responde a pergunta, dizendo que ela está dentro do motor. Deste modo, a pergunta

retórica é utilizada para sustentar a sua argumentação de que embora a correia fosse uma peça de desgaste e que não deveria ser ressarcida pela garantia, se ele seguisse o pensamento do reclamado de que a garantia só cobre peças do motor e da caixa, ele também deveria receber por ela, uma vez que ela se localiza no motor do veículo, parte que recebe cobertura da garantia.

Exemplo (22):

Audiência: Rui Pedreiro

Participantes: Jorge (mediador) e Lúcia (reclamante)

Tópico: o acordado entre Lúcia e Rui

44 Jorge pelo aco- pelo que ele tinha com- falado com a senhora, iria
 45 ser feito é a casa ia ser entijolada, batido a laje e, e
 46 emboçada [e feito] o piso?
 47 Lúcia [e l e] ele falou que ia me dar a casa no ponto pra
 → 48 mim MORAR, pra mim MORAR. se ele não ia fazer o piso, se ele
 49 não ia rebocar, **como é que eu ia morar?**

O exemplo (22), Lúcia, a reclamante, ao ser questionada se o trato entre ela e Rui seria “a casa ia ser entijolada, batido a laje e, e emboçada [e feito] o piso?”, responde que Rui, o pedreiro, combinou de lhe entregar a casa pronta para morar, logo, ela deveria ter isso tudo. Lúcia formula, assim, a pergunta “se ele não ia fazer o piso, se ele não ia rebocar, **como é que eu ia morar?**” que tem como função retórica contestar os argumentos apresentados por Rui.

Na entrevista com o Ministro Paulo Renato as perguntas retóricas também foram freqüentes, observem:

Exemplo (23):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: As mudanças propostas pela Reforma do Ensino Médio

Ent e eu gostaria de saber então ... antes de mais nada ... pra começar
 → ... eh ...**qual é a situação da reforma do Ensino Médio ?** eh ... eu sei que há apenas cinco estados até agora ... infelizmente apresentaram os seus progra ... planos de reformas que seria fundamental pra terem acesso ao dinheiro ... eh ... o empréstimo do BIRD ... esses estados são São Paulo Ceará Bahia Pernambuco e Goiás
 → gostaria então que o senhor começasse dizendo **quais são os programas que a reforma do ensino médio tem feito?**

→ MPR eu ... eu queria começar com uma análise do primeiro **dado** que você mencionou porque eu acho que é muito sintomático ... **eu vi esse dado** ... de 18 a 24 anos apenas 40% das crianças ... dos jovens estão na escola ... **nós** temos a mania no Brasil de enfatizarmos os dados piores possíveis não é ... e eu gostaria de enfatizar outros dados ...

Ent hum hum

MPR 96% das crianças de 7 a 14 anos estão na escola e 85% dos jovens de 15 a 17 anos estão na escola ... **é claro** que nós temos ainda uma baixa proporção de jovens no ensino médio e no ensino superior.. **por quê?** porque há ainda no Brasil ... **nós temos uma herança** ... de uma situação em que poucos jovens concluíam o Ensino Fundamental e concluíam já numa idade muito avançada quando nós assumimos o governo ... apenas 50% das crianças concluíam o ensino fundamental e levava doze anos pra concluir... isto já melhorou ... **hoje** temos 63% que estão concluindo e estão levando em média dez anos ... o que acontecia **antes** ... eles terminavam numa idade onde não podiam continuar estudando, tinham que ir pro mercado de trabalho não é ... então ... anh ... se nós tomamos só 18 a 24 anos.. a proporção é baixa **por quê?** Porque justamente esses jovens não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e o Médio na idade adequada pra continuar estudando ... Agora isso vem mudando radicalmente no Brasil ...

No exemplo (23), o entrevistador quer que o ministro Paulo Renato comente sobre as mudanças para o Ensino Médio que ele propôs – “**qual é a situação da reforma do Ensino Médio?**” e “**quais são os programas que a reforma do ensino médio tem feito?**”. O ministro muda de foco e produz uma resposta a respeito dos dados mencionados anteriormente pelo entrevistador. Por meio de perguntas retóricas: “**por quê?**” (“a proporção é baixa **por quê?**”). Com isto, o ministro levanta hipóteses que justifiquem os dados mencionados, isto é, o baixo índice de pessoas cursando o ensino superior. Através desse recurso, ele direciona o discurso e expõe seu ponto-de-vista de que a pequena proporção de alunos no ensino superior

decorre de uma herança do país - causa genéricas (temos aqui o uso de *escusas*⁹), que tem como objetivo discursivo afastar de sua gestão qualquer responsabilidade sobre o problema.

Exemplo (24):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Como provar que o Fundef diminuiu a corrupção?

- Ent **como? como saber? como economista** que gosta de mostrar os índices.. ((rindo))
- MPR agora vamos ver ... agora eu vou ser economista..
- Ent Me mostra os índices... **Por que há menos?**
- MPR Agora eu vou ser economista não é?
- Ent **Como** provar que há menos?..há menos
- MPR vamos lá...Em SP, antes do Fundef ... eh.... dos 568 municípios de SP, apenas 68.. eh... dos 648 municípios, apenas 68 tinham rede municipal de ensino fundamental. Todos os demais tinham que gastar 25% da arrecadação em educação e não tinham escolas. **Onde é que gastavam esse dinheiro?** Pavimentavam a rua na frente da escola... construíam ginásio de esporte.. compravam carro pro prefeito...

No exemplo (24), o ministro argumenta que com a implantação do seu programa para o Ensino Fundamental, denominado Fundef, a corrupção diminuiu. Com isso, o entrevistador pede ao ministro que prove que, de fato, houve uma redução na corrupção e que mostre que há menos corrupção com a implantação do Fundef (“**Como** provar

⁹ Estamos nos referindo à distinção clássica entre *escusas* e *justificativas*, proposta por Scott & Lyman (*apud* Vieira, 2002, p. 55), em que as *escusas* indicam que uma ofensa ocorreu, mas há uma tentativa de negar a responsabilidade pelo problema, atribuindo-se a terceiros ou a uma situação externa qualquer essa responsabilidade. As *justificativas*, por sua vez, envolvem a aceitação da responsabilidade pelo ato, mas negando ou minimizando sua gravidade, ou mesmo tentando mostrar que existem conseqüências positivas.

que há menos?”). Assim, ao construir sua argumentação, Paulo Renato diz que o Fundef possibilitou um controle maior do dinheiro destinado à educação e para fundamentar sua resposta ele fala sobre como o dinheiro da educação, no passado, poderia ser gasto- “**Onde é que gastavam esse dinheiro?**”. Entretanto, não consegue provar que essa situação, de fato, mudou, isto é, que o dinheiro da educação não continua sendo gasto para esses fins. Assim, a pergunta retórica e a sua resposta subsequente, ao contrapor passado e presente, comprovam o que ministro defende: agora há um controle maior do dinheiro da educação e, conseqüentemente, menos corrupção. No entanto, o ministro não prova, com números, conforme proposto pelo entrevistador, que há menos corrupção.

Exemplo (25):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Com o descaso do governo com os profissionais da educação, de onde virão os professores para se fazer a Reforma do Ensino Médio?

- Ent ministro... eh.... tem algumas perguntas aqui dos telespectadores que vão num ponto que eu acho que é o ponto central de tudo isso que a gente tá discutindo que é o problema dos salários dos professores... eh... eu tenho uma amiga... que é professora... e faz uma observação que eu acho pertinente... ela diz assim **quem é que vai querer ser... no Brasil.. professor daqui pra frente?**e nós .. mantidos pra atender esse ensino médio.. pra atender esse ensino fundamental .. pra atender toda essa demanda de... de estudo.. precisaríamos de quantidades monumentais .. industriais de professores... setenta mil professores me parece que é um número que se fala que é a demanda brasileira pra professores eh... pro ensino fundamental e médio... **de onde vão vir essas pessoas?** eh.. quer dizer... **de que maneira o ministério da educação..** na posição de dono de recursos federais não diretamente... às vezes diretamente ligado a isso às vezes não... **pode influir no sentido de que a gente possa ter mais professores e portanto professores melhores?** ahn e que possam atender a essas necessidades... necessidades brasileiras..
- MPR bom... o problema de formação de professores.. de escassez de professores em algumas áreas em algumas regiões .. em algumas matéria... é importante.. esse é um problema importante... por isso a nossa preocupação com programas... inclusive com... para o ensino médio com alguns recursos de tecnologia... não é... televisão... anh... computadores... estamos desenvolvendo softwares para

utilização no ensino médio porque sabemos que por mais que nós formemos professores vai ser preciso contar também.. especialmente para o ensino médio com recursos da tecnologia... agora... houve uma matéria... há umas três semanas atrás... na revista Veja... que mostrava uma coisa muito importante... mostrava que está aumentando a demanda por curso de magistério.. curso de professores na universidade.. inclusive na USP.. na UNICAMP... não é? **por quê?** porque... de certa forma... o mercado está em expansão... e expansão porque o salário está aumentando... e expansão porque o emprego está aumentando... a mesma coisa foi contatada pela Isto é... numa pesqui/reportagem sobre professores no nordeste...

No exemplo (25), o entrevistador pergunta quem vai querer ser professor no Brasil, visto que as condições de trabalho e os salários dos professores no Brasil são muito ruins. Assim, questiona quais as medidas adotadas pelo governo para incentivar a procura pela profissão do magistério “**de que maneira o ministério da educação.. na posição de dono de recursos federais não diretamente... às vezes diretamente ligado a isso às vezes não... pode influir no sentido de que a gente possa ter mais professores e portanto professores melhores?**” Em sua resposta, Paulo Renato diz que as pesquisas estão mostrando que a demanda por cursos de magistérios vem crescendo em muitas universidades e utiliza uma pergunta retórica - “**por quê?**” para explicar que essa procura maior pelo magistério decorre do incentivo salarial por parte do governo.

Em nossos dados, encontramos tipos de respostas que questionavam os pressupostos das perguntas ou perguntas retóricas que redirecionavam o discurso, provocando alterações no posto/pressuposta da pergunta colocada pelo interlocutor. Na literatura, só encontramos referência às respostas que questionam o pressuposto da pergunta. Segundo Bull (1994), as perguntas que questionam a veracidade/ adequação dos pressupostos das perguntas não constituem, de fato, respostas, mas também não chegam a ser respostas evasivas e, por isso, são denominadas “respostas intermediárias”, isto é, respostas que negam os pressupostos encontrados nas perguntas.

Vamos analisar algumas das “repostas intermediárias” encontradas em nossos dados:

Exemplo (26):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Como fazer com professores de que as mudanças propostas são convenientes?

- Ent Mas não seria **melhor convencê-los, do que impor** por decreto?
 →
 → MPR Mas **nós estamos nesse processo, eu estou aqui tentando convencê-los.**

O exemplo (26) apresenta uma resposta do tipo “intermediária”, pois ao responder a pergunta que lhe foi direcionada, o ministro Paulo Renato não aceita o pressuposto da pergunta formulada pelo entrevistador de que as mudanças estão sendo impostas e essa não aceitação é marcada pela conjunção adversativa “Mas”. Para Paulo Renato, ele não impôs as mudanças, conforme alega o entrevistador, ele está tentando convencer os professores de que as mudanças são convenientes - “eu estou aqui tentando convencê-los”. Assim, não há de fato uma resposta à pergunta que lhe foi direcionada e sim uma “correção” do que foi perguntado; por isso, tais respostas são denominadas “respostas intermediárias”.

Exemplo (27):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: As exigências do governo para se obter o financiamento estudantil

- Ent Pelo menos é uma reclamação que a gente ouve muito, que se **exige propriedade**
 → MPR Não, **não se exige propriedade**, mas...

No exemplo (27), o entrevistador diz que uma reclamação constante dos alunos é de que o financiamento de cursos superiores oferecido pelo governo exige propriedade. Entretanto, o ministro Paulo Renato responde a essa **proposição** como “resposta intermediária”, pois ele nega a informação contida na proposição. Segundo Paulo Renato, não se exige propriedade – “Não, **não se exige propriedade**”. Assim, Paulo Renato nega/discorda do pressuposto da **proposição** do entrevistador.

Exemplo (28):

Entrevista “Roda Viva”

Participantes: Um dos entrevistadores e o ministro Paulo Renato

Tópico: Ajustes na universidade

- Ent ministro, a propósito dessa questão que ele acabou de perguntar ...
 eh ... anh ... o senhor se entusiasmou muito com a sua ... com o
 projeto de obter continuidade ... redução de custos ... eficiência
 → na universidade etc. e ... vamos dizer ... **ajustar** (gesto com as
 mãos de “aspas”) a universidade ... essa eu acho que é a linguagem
 que .. vamos dizer ... tem sido o tom do ministério desde o início
- MPR **não á ajustar, não é?**
- Ent eh ... mas parece ajustar ..
- MPR **não é não ...**

No exemplo (28), o entrevistador faz um comentário sobre as medidas adotadas pelo ministro em relação ao ensino superior, denominando-as “ajuste”. Porém, o ministro não se afilia ao pressuposto da proposição de que as medidas fazem parte de um ajuste – “não á ajustar, não é?”, talvez por achar que ajuste não é o termo mais adequado, produz, assim, uma resposta intermediária- negando o que foi colocado na pergunta.

5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Com a análise dos nossos dados, descobrimos uma prática de evasão muito importante que não foi contemplada nas tipologias de Galasinski (1996) e Clayman (2001): *evasão por meio do uso de perguntas retóricas*. Em nossos dados, encontramos ainda algumas construções que não eram evasivas, mas que também não traziam respostas satisfatórias, portanto, constituíam “não-respostas”. Tais respostas são denominadas na literatura como “respostas intermediárias” (Bull, 1994).

Cabe destacar que não encontramos na literatura nenhuma referência à prática de evasão que foi por nós denominada como “evasão por meio do uso de perguntas retóricas”. Entretanto, em nossos dados, respostas com essas perguntas tiveram uma frequência muito expressiva.

Uma outra forma de não responder, que embora não seja considerada uma prática de evasão, também não pode ser considerada uma forma de responder satisfatoriamente, são as respostas que se dão por meio do uso das denominadas “respostas intermediárias” (Bull, 1994), isto é, respostas que negam os pressupostos das perguntas. Este conceito nos foi muito útil, pois durante a análise dos dados, as respostas desse tipo se mostraram muito frequentes e havia uma certa dúvida sobre como classificá-las, visto que uma resposta em que se nega o conteúdo da pergunta, não há, necessariamente, uma resposta e que as tipologias adotadas por nós como referência não traziam nenhuma menção a esse tipo de resposta.

Nos nossos dados, as “não-respostas” apresentaram uma ocorrência expressiva tanto no contexto da entrevista política quanto no contexto do PROCON. Esse tipo de respostas nesses contextos parecem se explicar pelo fato de que esses são contextos em que se esperam posições bem estabelecidas e claras e que, portanto, são utilizadas perguntas que, de certa forma, desafiam o interlocutor.

Lembramos que a dificuldade em se dar uma resposta direta a essas perguntas decorre não apenas da natureza “complexa” de tais perguntas, mas do contexto em que elas se apresentam. Afinal, dizer diante do país (numa rede de televisão) ou diante de

advogados que você fez algo ou que vai fazer algo que você sabe que não será muito bem aceito, é altamente comprometedor.

Destacamos que dentre as oito práticas de evasão abertas apontadas por Clayman (2001) e Galasinski (1996), as práticas mais recorrentes em nossos dados foram: *justificativa para a mudança/evasão com justificativa de mudança de foco, caso especial/categorização genérica e implicatura/evasão por implicatura*. Essas práticas foram utilizadas, conforme vimos na análise dos dados, principalmente, na entrevista com o ministro da educação Paulo Renato. Muitas vezes, ele atribuiu os problemas referentes à educação a causas genéricas, tais como: história da educação no Brasil e natureza da universidade pública. Outras vezes, por implicatura, pudemos perceber que os investimentos na educação ainda não são suficientes e que ele não tinha interesse em se candidatar à presidência.

Destacamos que a forma de “não-resposta” encontrada em nossos dados e que gostaríamos de dar especial atenção são as *perguntas retóricas*: primeiro, porque elas foram muito recorrentes; segundo, elas não tinham sido apontadas por nenhum autor como possível tipo de resposta evasiva; terceiro, embora elas exerçam a função de direcionar o discurso, elas podem ainda ser usadas com propósitos diferentes nos contextos político e do PROCON - mostrar algo e desafiar o entrevistador ou aquele que pergunta.

Notamos que as *perguntas retóricas* podem ser utilizadas pelos falantes como estratégia de construção de argumentação, pois é a partir delas que o falante argumenta sobre o que defende, direcionando o que deseja falar. Entretanto, enquanto o ministro utilizou perguntas retóricas com respostas dadas por ele mesmo, principalmente, para ter possibilidade de refocalizar e de mostrar/falar sobre o que lhe seria conveniente; no PROCON, essas perguntas foram muito usadas sem respostas para desafiar a outra parte, mostrando que o que ela diz é impossível de ocorrer ou algo muito óbvio, ou seja, apresentaram propósitos diferentes em cada um dos contextos analisados.

Assim, enquanto no contexto político o ministro construía respostas com perguntas retóricas e as respondia, focalizando o que gostaria de colocar em destaque e, algumas vezes, evadindo-se por completo do posto/pressuposto da pergunta original,

formulada pelo entrevistador; no contexto do Procon, as perguntas retóricas também apareceram nas respostas, mas podiam ou não ser respondidas pelo locutor.

Ressaltamos que na entrevista com o político Paulo Renato, as “perguntas retóricas” que eram utilizadas, principalmente, para guiar uma argumentação distinta do que foi proposto pela pergunta, se realizavam sob a forma de “por quê?”. Assim, enquanto o entrevistador formula uma crítica/agressão, o entrevistado/respondente faz uma refutação à crítica colocada, mudando o foco. Para mudar o foco, o ministro utiliza as perguntas retóricas, principalmente, “por quê?” e, com isso, fornece razões que sustentem o que ele fala.

As perguntas retóricas, conforme já foi visto, são perguntas que não esperam resposta verbal ou ação de outras pessoas. Para nós, o uso de tais perguntas nas respostas, constitui uma prática de evasão encoberta, pois ao usá-las, em nenhum momento, o locutor tenta explicar sua “não-resposta” ou demonstra que não dará a resposta esperada. Além disso, muitas das perguntas trazem críticas ao governo/gestão dos políticos, o que faz com que eles não aceitem as críticas e as desafiem, negando os seus pressupostos ou, simplesmente, as ignorando. O ministro Paulo Renato, por exemplo, ignora ou não aceita a crítica de que o Fundef poderia *abrir* espaço para a corrupção e em sua resposta defende que o Fundef está *fechando* o caminho para a corrupção, sem sequer mencionar a possibilidade desse projeto facilitar a corrupção, conforme colocado na pergunta que lhe foi direcionada.

Acrescentamos que durante a análise trabalhamos com os conceitos de afiliação/desafiliação e alinhamento/desalinhamento propostos por Stivers (2008). Segundo essa autora, uma atividade é considerada desalinhada quando interrompe o fluxo discursivo. Assim, notamos que na maioria dos casos as respostas eram alinhadas, visto que davam continuidade ao discurso. Por outro lado, essa mesma autora coloca que uma atividade é considerada desafiada quando não há compartilhamento/concordância com o que foi dito. Deste modo, nos nossos dados, principalmente nos casos em que ocorreram “respostas intermediárias”, encontramos atividades em que o interlocutor não compartilhava com o que foi dito, isto é, o interlocutor participou de diversas atividades desafiativas, embora produzisse uma resposta alinhada à pergunta.

De modo geral, houve muitas respostas alinhadas e desafiliativas, o que era de se esperar, visto que as respostas dadas pelos interlocutores, embora não fossem, de fato, respostas, se produziam discursivamente. No entanto, contestavam ou ignoravam o que foi dito, sendo, portanto, desafiliativas.

Além disso, as “respostas intermediárias” nos pareceram muito interessantes e freqüentes visto que o ministro Paulo Renato fez uso constante dessas respostas, o que nos leva a crer que esse tipo de resposta é utilizado como forma de não aceitar as críticas às suas políticas, isto é, são utilizadas em contextos em que não se deve aceitar o conteúdo sugerido pelas perguntas.

Não há ainda estudos claros sobre as perguntas retóricas, principalmente a respeito do uso que encontramos, isto é, como prática de evasão. Nada encontramos a respeito do uso das “perguntas retóricas” em respostas, seja como estratégia de argumentação ou de evasão. Assim, embora tenhamos apontado aqui alguns pontos a respeito desse uso, acreditamos que há necessidade ainda de estudos mais aprofundados sobre as “perguntas retóricas” e suas funções discursivas.

Buscamos por meio deste trabalho apontar alguns aspectos interessantes a respeito do uso das “perguntas retóricas” nas respostas e a respeito da evasão nas respostas em contextos específicos: PROCON e entrevista política. Assim, correlacionamos contexto ao tipo de pergunta e à prática de evasão/ “não-resposta” utilizada, tentando encontrar uma explicação para a ocorrência desse tipo de resposta.

6 CONCLUSÃO

De acordo com a literatura, quando se tem o par Pergunta-Resposta, a pergunta estabelece o que deve constar na resposta, isto é, a pergunta projeta o que as respostas devem conter. Assim, a resposta deve atender ao posto ou pressuposto para ser considerada “resposta”, quando esta foge ao posto/pressuposto da pergunta, estamos diante de uma “não-resposta”. Devemos lembrar que nem sempre a pergunta constitui um pedido de informação, muitas vezes, ela pode realizar uma crítica, por exemplo, e exigir como resposta uma aceitação ou refutação. Nesses casos em que a pergunta realiza uma crítica, de acordo com o conceito de organização de preferência e conforme nossos dados mostraram, há uma tendência de ocorrer na resposta uma refutação à crítica colocada.

Por meio da análise dos dados, pudemos observar que, de fato, as pessoas, nos diferentes contextos e por razões variadas, fornecem “não-respostas” às perguntas que lhes são direcionadas. Essas respostas podem ser realizadas como respostas evasivas ou como “respostas intermediárias”. As respostas evasivas podem se realizar de diversas formas. Em alguns casos, o respondente tenta mascarar a evasão e em outros ele não se preocupa em esconder que não será cooperativo.

O interlocutor pode construir uma “não-resposta” por diversos motivos, tais como: não entendeu a demanda da pergunta, não quer se comprometer, não concorda com o pressuposto da pergunta, não quer expor seu ponto-de-vista para não prejudicar a sua imagem, etc. Além disso, conforme mencionado anteriormente, as “não-respostas” podem tomar diversas formas e funções diferentes. Essas formas são, principalmente, as práticas de evasão, embora possam ocorrer “respostas intermediárias”- respostas que não são consideradas efetivamente evasão, mas que negam o pressuposto da pergunta formulada.

As “não-respostas” podem ser explícitas ou implícitas, isto é, o falante pode utilizar diferentes estratégias para não responder o que lhe foi perguntado. Assim, o falante pode deixar explícito que “não irá responder”, utilizando práticas de evasão abertas ou tentar esconder que não irá responder e utilizar práticas de evasão encobertas.

Bavelas *et al* (2008) mostra que os políticos optam pela evasão em entrevistas por causa da natureza das perguntas que são utilizadas pelos entrevistadores. Segundo a autora, as perguntas utilizadas nessas entrevistas exigem um posicionamento claro por parte dos respondentes, o que pode comprometer a imagem pública dos políticos. Por outro lado, se os políticos também não produzem uma resposta, são julgados negativamente. Por isso, eles optam pela evasão. Do mesmo modo, acreditamos que as “não-respostas”, nos contextos políticos e de audiências de conciliação do PROCON, aqui analisados, de fato, podem ser decorrentes do tipo de perguntas utilizado: perguntas embaraçosas. Com isso, respostas claras a essas perguntas podem ocasionar prejuízos à imagem do entrevistado/respondente, o que é muito ruim para os políticos que são alvos do julgamento da população o tempo inteiro e para os participantes das audiências de conciliação, pois o reclamado deve zelar pela a imagem de sua empresa e o reclamante lutar pelo ressarcimento dos seus prejuízos.

As perguntas utilizadas pelos entrevistadores/mediadores têm por função esclarecer dúvidas do próprio entrevistador ou mediador, no caso do PROCON, ou esclarecer dúvidas que o entrevistador julga que o telespectador possa ter, no caso da entrevista política. Essas dúvidas estão relacionadas ao que aconteceu ou vem acontecendo (caso do mandato de governo em progresso), aos planos futuros ou intenções de negociação das partes. Assim, como foi dito, são perguntas que demandam um posicionamento claro do interlocutor a respeito, muitas vezes, de questões delicadas, mas que são de essencial importância para se ter uma compreensão melhor dos fatos e dos projetos dos respondentes.

Por isso, no contexto do PROCON, muitas vezes, dizer claramente o que aconteceu ou fornecer dados precisos sobre a relação comercial/prestação de serviço estabelecida pode dificultar as negociações entre as partes ou até mesmo comprometê-las judicialmente. Daí, as respostas evasivas são adotadas como uma forma de evitar dizer coisas comprometedoras. Da mesma forma, no contexto da entrevista com o político, se este der respostas claras a respeito de fatos que não dependem apenas de sua decisão ou a respeito dos quais ele não tem dados suficientes para afirmar, ele, provavelmente, será cobrado no futuro e será, por isso, considerado mentiroso.

No contexto do PROCON, parece-nos que os reclamados evitam dar respostas precisas por questões legais, pois nos dois casos analisados, *Rui Pedreiro* e *Ok veículos*, eles não forneceram ao consumidor documentos comprobatórios da relação comercial que efetuaram, ou seja, o pedreiro não forneceu um contrato e o dono do estacionamento não forneceu nota fiscal do produto, o que talvez se justifique pelo fato de o estacionamento não ter autorização para vender carros. Por outro lado, o reclamante não diz claramente o que deseja, por não saber das intenções do reclamado. Afinal, ao expressar o que quer, ele pode pedir menos do que o reclamado estaria disposto a oferecer e sair, com isso, de certa forma, prejudicado. Assim, o reclamante tenta fazer com que o reclamado expresse antes dele qual seria a sua proposta para resolver o conflito.

O ministro Paulo Renato também opta pela evasão em situações em que ele não tem conhecimento suficiente ou não quer responder para não ser mal julgado pelos seus companheiros de governo ou pelo público. Por exemplo, quando questionado se gostaria de se candidatar à presidência, ele responde que quer se dedicar ao seu trabalho no ministério da educação, isto é, evita fornecer suas opiniões/desejos pessoais para não gerar conflitos com os seus companheiros de partido, os quais provavelmente não lhe mencionaram se apoiariam a sua candidatura.

Notamos que, dentre as práticas encobertas de evasão as mais utilizadas foram *falso acordo* e *mudança de foco*. Conforme já foi dito, as práticas encobertas de evasão tentam mascarar a ausência de uma resposta adequada/correta. Assim, essas práticas foram observadas, principalmente, na entrevista política com o ministro da educação Paulo Renato. O ministro, muitas vezes, parecia aceitar o posto/pressuposto da pergunta e utilizava até elementos anafóricos ao construir suas respostas, no entanto, sua resposta não constituía uma resposta genuína e focava em elementos que não tinham sido focalizados na pergunta.

Mas, como destacamos, o que mais nos chamou a atenção nas análises de nossos dados foi o uso de “perguntas retóricas” nas respostas como uma prática de evasão encoberta. O interessante é que esse tipo de resposta foi comum aos dois contextos, PROCON e entrevista política, embora não tivessem sido mencionados na literatura. Essas perguntas tinham por função direcionar o discurso nas respostas, o qual,

geralmente, mudava o foco colocado pela pergunta. Outro fato interessante é que essas perguntas, por serem retóricas, não exigiam respostas; no entanto, muitas vezes, elas eram respondidas pelo próprio locutor que as fazia, como uma estratégia de sustentação da sua argumentação, tal como ocorreu na entrevista política. No caso do PROCON, as perguntas retóricas foram utilizadas para desafiar/ provocar o interlocutor, questionando a relevância ou coerência do ponto-de-vista ou informação contidos na pergunta.

Nas audiências de conciliação, também foram comuns usos de perguntas retóricas nas respostas, mas que não apresentavam respostas. Na audiência *Ok Veículos*, após argumentar que a correia dentada é uma peça de desgaste e que se encontra no motor do veículo, o reclamante formula uma pergunta retórica “e o quê que vai acontecer?” para desafiar o reclamado, querendo dizer e “você vão pagar por ela mesmo sendo desgaste?” Já que segundo ele, a garantia cobria “motor e caixa”. Nessa mesma audiência, o reclamado querendo alegar que o reclamante levou o carro para revisão e que, por isso, não deveria reclamar, o provoca com a pergunta retórica em relação ao mecânico: “ele não é profissional no que ele [faz?”

As práticas de evasão abertas encontradas nos nossos dados tinham como função fornecer *justificativa para a mudança de foco, categorização genérica, ou produzir evasão por implicatura, por alegação de falta de informação/ lembrança/ conhecimento*. O interessante é que essas formas de evasão foram utilizadas com mais frequência na entrevista política do que nas audiências de conciliação analisadas. Para nós, isso se deve ao fato de que as perguntas direcionadas ao ministro, por serem produzidas por entrevistadores/profissionais, tendem a ser ainda mais complexas (Bavelas *et al*, 2008) e, conseqüentemente, torna-se mais difícil o uso de práticas de evasão encobertas (menos evidentes).

No contexto da entrevista política, as “respostas intermediárias” ocorreram de maneira muito expressiva, o que parece-nos poder ser explicado pelo fato de que quando se trata de política e assuntos governamentais, sempre há muitas críticas às políticas adotadas. Assim, é de se esperar que o político, representante do governo, vá negar as críticas que são direcionadas a seu governo e, por conseguinte, não falar sobre as questões abordadas pela pergunta, que para ele não existem, são falsas, não condizem

com a realidade. Assim, o entrevistado/respondente nega o posto/pressuposto da pergunta, desafiando o que foi postulado na pergunta.

Com a análise dos nossos dados, pudemos formular o quadro abaixo com os tipos de “não-respostas” encontrados:

FORMAS DE CONSTRUIR “NÃO-RESPOSTAS”

PRÁTICAS ABERTAS DE EVASÃO	PRÁTICAS ENCOBERTAS DE EVASÃO
A1- Evasão com justificativa para a mudança de foco- o respondente tenta explicar e justificar seus esforços em divergir da discussão.	E1- Repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos/ falso acordo – o respondente utiliza esses elementos que mascaram que as respostas são substancialmente resistentes.
A2- Caso especial/ evasão através de categorização genérica – o respondente retira a responsabilidade de si e a transmite a algum fator social.	E2- Mudança do elemento focalizado da pergunta- o respondente foca num elemento ou proposição da pergunta que não foi focalizado.
A3- Recusa a responder/evasão por falta de informação/lembança/conhecimento – o respondente alega que a resposta é impossível, pois não há tempo suficiente ou a questão é delicada ou não se lembra das informações requeridas pela pergunta.	E3- Perguntas retóricas - o respondente utiliza perguntas retóricas nas suas respostas para desviar do foco da pergunta e direcionar o discurso.
A4- Evasão por meio de implicatura- o respondente constrói uma resposta indireta, por meio de implicatura.	
RESPOSTA INTERMEDIÁRIA- o respondente nega o pressuposto da pergunta.	

Fonte: Criado pelo autor, 2010.

No quadro acima, destacamos apenas as práticas de evasão abertas/encobertas que foram propostas e encontradas em nossos dados: (i) *justifica a mudança, caso especial/ categorização genérica, recusa a responder/alegação de falta de informação/lembança/conhecimento e implicatura* (práticas de evasão abertas); e (ii) *repetição de palavras e uso de pronomes anafóricos/ falso acordo, mudança do elemento focalizado da pergunta e perguntas retóricas* (práticas de evasão encobertas).

Ressaltamos que algumas dessas práticas receberam diferentes denominações daquelas encontradas na literatura, pois julgamos serem elas mais adequadas para tratar dos nossos dados do que aquelas propostas por Clayman (2001) ou Galasinski (1996). Além disso, acrescentamos às práticas de evasão encobertas a *evasão por meio do uso de perguntas retóricas*, a qual não foi mencionada por nenhum dos autores estudados. Por fim, acrescentamos ao *continuum* das “não-respostas” uma forma de “não-resposta” que não é considerada uma prática evasiva – *respostas intermediárias* (Bull, 1994) – e que foi bastante recorrente nos dados aqui analisados.

Esperamos com este estudo contribuir com futuras pesquisas envolvendo a produção de “não-respostas” em outros contextos de interação.

REFERÊNCIAS

- BAVELAS, Janet *et al.* Political Equivocation: A Situational Explanation. *Journal of Language and Social Psychology*: 1988, p. 137- 145.
- BULL, Peter. On identifying questions, replies and non-replies in political interviews. *Journal of Language and Social Psychology* 13 (2), 1994, p. 115–13.
- CLAYMAN, Steven. Answers and evasions. *Language in Society* (30), 2001, p. 403–442.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *The Sage Handbook of Qualitative Research*. 2ª ed. Thousand Oaks: Sage, 2000.
- DREW, P.; HERITAGE, J. Analyzing talk at work. In: *Talk at work*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- EERDMANS, Susan; PREVIGNANO, Carlo; THIBAUT, Paul J. (Eds.) *Language and Interaction: Discussing John J. Gumperz*. Philadelphia: Benjamins, 2003.
- FRANK, Jane. You call that a rhetorical question? Forms and Functions of Rhetorical Questions in Conversation. *Journal of Pragmatics* (14), 1990, p. 723-738
- GALASINSKI, D. Deceptiveness of evasion. *TEXT*, v.16, n 1, p.1-22, 1996.
- GILL, A. M.; WHEDBEE, K. Rhetoric. In: van DIJK, T. A. *Discourse as structure and process: a multidisciplinary introduction*. v.1. London: Sage, 1997.
- GOFFMAN, E. A. “Footing”. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolingüística interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 107-148.
- GUMPERZ, John J. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolingüística interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 149-182.
- LEVINSON, Stephen C. A Estrutura Conversacional. In: *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 361- 475.

MOESCHLER, Jacques. Answers to questions about questions and answers. In: *Journal of Pragmatics* 10, 1986, p. 227- 253

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. 2ªed. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

PEREIRA, M.G.D. e BASÍLIO, M. *Estratégias de interação no discurso acadêmico falado: análise do XI Encontro Nacional de Linguística*. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993.

RASSIAH, Parameswary. A framework for the systematic analysis of evasion in parliamentary discourse. *Journal of Pragmatics*, 2009, p. 664-680.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization Of turn-taking in conversation. In: *Language* (50), 1974, p.696-735.

SCHEGLOFF, Emanuel. *S Sequence organization in interaction: A primer in conversation analysis, volume 1*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007, p.1-12

SCHEGLOFF, Emanuel A.; Gene H. Lerner. 'Beginning to respond: well-prefaced responses to wh-question.', *Research on Language & Social Interaction*, 2009, p. 91 - 115

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to Discourse*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, p. 144-189.

STEENSIG, J.; LARSEN, T. 'Affiliative and disaffiliative uses of you say x questions'. *Discourse Studies* (10), 2008, p. 113-133.

STEENSIG, J.; DREW, P . 'Introduction: questioning and affiliation/ disaffiliation in interaction'. *Discourse Studies* (10), 2008, p. 5-15

STIVERS, T. Stance, Alignment and Affiliation During Storytelling: When Nodding Is a Token of Affiliation. In: *Discourse Studies*, 2008, p. 31-57.

STOKOE, E.; EDWARDS, D. Did you have permission to smash your neighbor's door? Silly questions and their answers in police- suspect interrogations. *Discourse Studies* (10), 2008, 89-111.

URBANO, H.; FAVERO, L. L. Perguntas e Respostas na Conversação. In: Ataliba T. Castilho. (Org.). *Gramática do Português Falado - As abordagens*. 3 ed. Campinas/SP: UNICAMP, 2002, v. III, p. 75-97

VIEIRA, A. T. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo-interacional*. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora/Instituto de Ciências Humanas e Letras.

ANEXOS

Anexo I

Exemplo 3 (p.15) Levinson (2007:386):

A: May I have a bottle of Minch?

B: Are you twenty one?

A: No

B: No

Exemplo 10 (p.21) Steensig & Larsen (2008:114):

1 => Call-taker: okay du si'r ((name of street))

okay youSG2 sayPRS3 ((name of street))

okay you say ((name of street))

2 (.)

3 Caller: 'ar, ((house number))

yes, ((house number))

4 (1.2)

5 Call-taker: hv*a' der g*alt d*er,

what's wrong there,

Exemplo 11 (p. 22) Steensig & Larsen (2008:122):

1 Call-taker: 'a:, Hvordan har han det nu¿

yea:h, How is he feeling now¿

2 (0.3)

3 * Caller: Jamen han:- går bare rundt o' du ka' ikk' rigtig

Well he:- is just walking around and you can't really

4 Caller: føre en samtale me' ham,

have a conversation with him,

5 Call-taker: °man ka' ikk': fə[re en (fuld) sam]tale me' ham°]
 °one can not: ha[ve a (full) conv]versation with him°]

[]]

6 Caller: [ø::h] Han vi' bare g]erne

[u::h]He would just like] to

7 Caller: ha' en ambulanc':, lige nu o' fh (.) o- lige nu o' her,
 have an ambulance, right now and fh (.) a- right now and here

8 => Call-taker: *eJa men men * (0.4) du si'r han går rundt;

*eYeah but but * (0.4) youSG sayPRS he walkPRS around

eYeah but but (0.4) you say he's walking around;

9 (0.5)

10 Caller: Hvar, Ja,

What, Yes,

11 Call-taker: >Er han < komm' ti' skade;

>Has he < been hurt;

12 (0.3)

13 Caller: Nej< Det er han ikk',

No< He hasn't,

14 Call-taker: >Han er< ikk' komm' ti' skade,=

>He has< not been hurt,=

((exchange omitted in which the call-taker asks how the young man is. The caller says that he needs help quickly. The call-taker further asks about the caller's precise location))

15 Caller: Han si'r det ska' gå meget hurtigt.

He says it has to happen very quickly.

16 (0.7)

17 Call-taker: N*å: men altså*, Det lyder (jo) som om [han har]

Okay but y'know, It sounds as if [he is]

[]

18 Caller: [men det-]

[but it-]

19 Call-taker: det så'n: n:ogenlunde Gør det ing;

feeling sort of alright Doesn't it

Exemplo 12 (p.23) Steensig & Larsen (2008:117):

1 * Jens: Du si'r tirsdag eller onsdag=
youSG sayPRS Tuesday or Wednesday=
You say Tuesday or Wednesday=
 2 => Martin: =tirsdag eller onsdag
 =*Tuesday or Wednesday*

Exemplo 13 (p.23) Steensig & Larsen (2008:117):

1 Costumer: du si'r hun er i Kolding?
youSG sayPRS she is in Kolding ((name of town))
you say she is in Kolding ((name of town))
 2 => Clerk: (>i</Ø) Kolding *ja.*
 (>in</Ø) *Kolding ((name of town)) *ye*s.*

Exemplo 14 (p.23) Steensig & Larsen (2008:117):

1 * Call-taker: o' det er en dame si'r du,=
and it is a lady sayPRS youSG =
and it is a lady you say=
 2 => Caller: =NEJ de:t en MAND_i °hgh°=
 =*NO it's a MAN_i °hgh°*=

Exemplo 15 (p.26) Steensig & Larsen (2008:125):

1 Call-taker: hva' skyldes det a' hun er
what's the reason that she is
 2 Call-taker: [nedtrykt,]
 [*feeling down*]
 []
 3 Caller: [.hhh] jam' det- a- altså hun har været : hos
 [*.hhh] well it- y- y'know she has been : t:o*
 4 * Caller: lægen o' hun får=hh (.).hh *e=får *athe*

*doctor and she gets=hh (.).hh *u=gets a-*

5 * Caller: (0.3) d- (0.4) d-=antidepressions: =h t=tabletter,

(0.3) d- (0.4) d-=antidepression: =h t=tablets

6 Call-taker: ja:,

yes

((minutes of talk omitted, the last sequence of which establishes the possible time of the wife's disappearance))

7 => Call-taker: .hhh ø=-hhhfh- (0.4) du si'r hun får noget

.hhh u=-hhhfh- (0.4) youSG sayPRS she getPRS some

.hhh u=-hhhfh- (0.4) you say she gets some

8 => Call-taker: antidepressiv medicin.

antidepressive medicine

9 Caller: .pth ja .hh alt [så h-

.pth yes, .hh we [ll sh-

[10 Call-taker: [ja,

[yes

11 (0.2)

12 Caller: hun: =øh har engang imellem nogen ø:*:h=*e- (0.4)

she: =uh has once in a while some u::h=*e- (0.4)*

13 Caller: -ikke jeg vi' ikk' sige svære depressioner me-

-not I won't say deep depressions bu-'

14 Caller: me- men hun har nogen nogen lette depressioner

bu- but she has some some light depressions

15 Caller: som varer .hh (0.3) °a- e-° nogen måneder,

which last .hh (0.3) °a- e-° some months

16 Caller: o' [- o'- o' det har hun

an' [- an'- an' this is what she has

[

17 Call-taker: [ja,

[yes

18 Caller: så fået nu =h.hhh (0.4) i =øh=hhh i- =i- =i =øh=hh

got then =h..hhh (0.4) in =uh=hhh in- =in-=in=uh=hh

Exemplo 16 (p.26) Stokoe & Edwards (2008:90):

P: Did Melvin give you permission to throw the hammer at his front door?

(pause)

S: NO!!

Exemplo 17 (p.26) Stokoe & Edwards (2008:90):

P: Um, may sound a bit silly but do you know whose window it is?

(pause)

S: Yes! ((smiling))

Exemplo 18 (p.27) Stokoe & Edwards (2008:105):

27 P: *Ri:ght.*

28 (0.5)

29 P: → *So: (1.5) would you agree then that you'd had no*

30 excu:se in smashin' that window.

31 S: *ahhh*

32 (0.3)

33 S: *Y:ea(h)h.*

34 (0.4)

35 P: *What is that y:es you have an excuse or yes you*

36 don't have an excuse.

37 S: *Yes I don't 'ave an *excuse.**

38 P: *Righ':*

39 (0.9)

40 P: → *.hhh th[̄]e uh:: (0.8) what was your intention.*

41 (0.2)

42 P: *In s- (0.6) hittin' the window with the stick.*

43 (0.7)

44 S: *To smash it: *an' it-* the window'd go ri:ght*

45 throu:gh.hh

46 P: *T'smash it.*

47 (0.2)

48 P: *And uh: (0.3).hhh t'put the window ri:ght*
 49 *through.*

50 (0.2)

51 P: → *An' obviousl- (.) d'you accept that's that r-*
 52 *wrong;*

53 (1.4)

54 S: → *W'll ye:h?*

55 (0.6)

Exemplo 19 (p. 28) Frank (1989:728):

R: I don't know why I bought that. ! don't, I don't even know what it was I just bought it. Do you ever get in these moods sometimes where you just like want to buy something because the title sounds interesting?
J: This sounds neat 'Cardiac Arrest. On the flip side of 'Our House'.

Exemplo 20 (p. 29) Frank (1989:730):

Joe: Where he's running out in the street saying "They're here, they're here"
Tim: "They're here", that's right. And the only people who answer are pods. They're large pods. But they duplicate people in those pods.
Mary: (laughs...)
Sherie: (to Joe) It's your kind of movie, right? (laughs)
Joe: That's one of the most important films of the fifties.

Exemplo 21 (p. 29) Frank (1989:732):

Mrs. P: Yeh. I didn't even want to hear anything (Therapist: Hm-m) he was saying about going to see this man and talking and about his ...cause I...I...

Mr. P: (voice rising in high squeal) Well, Sally, who do I talk to? You know- here we go again. You know one of the problems that you say –claim about me- is that I don't talk and this is true.

Uh...ya know,

If I can't talk to you...I certainly can't sit down and talk to the children about this kind of thing. Now, whom am I going to talk to?

Therapist: Are you saying then that you have to go find somebody?

Exemplo 22 (p. 30) Frank (1989:733):

Mrs. P: Sure! Anyone wants to do that. But someday, somewhere it's going to go wrong. (voices overlap and clash) And you're gonna do what? Slit your wrists because of something went wrong?

Mr. P: No. I'm not slitting my wrists. I'm not slitting my wrists.

Exemplo 23 (p. 32) Schegloff & Lerner (2009:94):

01 (0.5)

02 Han: -> Wut is that cam:era set up for?

03 Bet: ->> Well they- she came over and she ask'd if we minded if

04 she took (.) our conversation=they're jist doing it for

05 a school proj:ect.

06 Han: Mm hm.=

07 Bet: =And we said we didn't mi:nd<and we all sign:ed it.

08 (ap)proving we didn't mind so(h)=

09 Tom: =heh=heh=

10 Bet: =heh heh .hh hh

11 (1.6)

Exemplo 24 (p. 33) Schegloff & Lener (2009:107):

- 01 Bet: Yuhknow, it's uh eh i-its a way of life.
 02 It's just one a' those things, we uh:: uh
 03 d-un- unfortunately, in the interim th-uh
 04 several of our dear friends uh yihknow passed
 05 away end uh
 06 Fny: -> Anyone I know?
 07 Bet: ->> Uh well I don't know whether you knew uh::
 08 well you remember Ellen Fisher, don't you?
 09 Fny: Yes,
 10 Bet: Yihknow, huh husbin died.
 11 (1.2)
 12 Bet: .hhh uh::, d-eh a couple of other people that uh::
 13 Fny: Y'know we're uh we're in that generation
 14 [Betty,
 15 Bet: [Right.

Exemplo 25 (p. 34) Schegloff & Lener (2009:108):

- 01 Ros: *You know I have [a hou:se a big gahd'n=*
 02 Bea: [*↓Ye:s.*
 03 Ros: *=.hh ↑Why ↑dont'chu come'n ↑↑see [me ↓so:me [ti:m e s.↓]*
 04 Bea: [*.hh [I would li]:ke*
 05 *↓to:.*
 06 Ros: *I would like [ih to e <let m[e jst]*
 07 Bea: -> [*.hh [I: do]n't know jus 'whe:re*
 08 -> *thi-ih th:is address ↑i [:s.*
 09 Ros: ->> [*Well u-↑whe:re d-uh which part'v*
 10 *town dih you ↓l [ive.*
 11 Bea: [*.hh*
 12 Bea: *I live et fhi:ve twelve East Is↓ley.*
 13 (1.0)

- 14 Ros: *t-hh We:ll<you don't ↓live very fa:r ↓from me.↓*
 15 (0.2)
 16 Ros: *If↑you go on the Sta:te (0.8) u-High (0.6) u-No: if*
 17 *you go out past th'mission,*
 18 Bea: *Yeah.=*
 19 Ros: *=Foo:thill.*
 20 (·)
 21 Ros: *O[↑kay?*
 22 Bea: *[Yes.=*
 23 Ros: *=Go ↑tuh ↓Foothill... ((continues giving directions))*

Exemplo 26 (p. 35) Moeschler (1986:22)

- A: Are you free tonight?
 B1: Yes, of course.
 B2: No, sorry.
 B3: Do you want to go to the movie?
 B4: I don't know. I have to check my calendar.

Exemplo 27 (p. 37) Clayman (2001: 407):

- 1IR: *...Mister Howell what are the attractions as you see them:*
 2 *uh- ofthis workfare Idea?*
 3RH: *.hh Well (.) hh it seems to me to be ludicrous that we*
 4 *are spending according to the government more than*
 5 *eight billion pounds: in support of the unemploy:ed on*
 6 *condition that they do nothing whatsoever .hhh to (r)*
 7 *help society ..hh And I believe the time hás come*
 8 *when- when we've got to recognize: that (.) par::ing*

9 down benefits is not the answer That isn't how

10 savings can be made.

11 .hhh Savings ku- huge savings could be made: IF ahm

12 (.) one the unemployed people were offered the right

13 to work and given an opportunity to work ...

Exemplo 28 (p. 37) Clayman (2001:409):

IR: tch .hh Are you willing (.) personally to renounce

the violence (.) in that country

(0.6)

AB: hh Yes I will.

I mean I have said so on Saturday I was on a platform..

Exemplo 29 (p.38) Clayman (2001:410):

IR: Jonathan first (.) let me ask you , uh what is the latest

situation are we any nearer : the actual (.) straight

confrontation between the troops and the students (.) in

the square.

JM: Well I think we've already had this **confrontation**.

The. uh citizens of Peking .hhh and of course...

Exemplo 30 (p.38) Clayman (2001:411):

IR: .hhhhh Reports today. are: of course that the violence

has continued uh what have you heard tha- wether er not
the state of emergency is in fact working .

(0.4)

HB: tch.hhhhh It is perhaps too soon:: to make

make a judgment on that...

Exemplo 31(p.39) Clayman (2001:416):

1 IR: Well what do you think do you think this strengthen:s

2 (1.0) a great deal: the hand of Zhao Ze Young and the

3 reformers, the radicals.

4 DH: I think that (0.2) Jao Ze Young just as he was

5 responsible for bringing (.) China out of the turbulence

6 which followed the .hhh uh resignation of Hu Yao Bung as

7 General Secretary in5uh January nineteen eighty seven.

8 .Hhh just as he (.) brought China out of that turbulence

9 he will bring Chi:na out of this turbulence .hhh and I

10 think his stature has already been increased (.) by

11 recent events (.) .h and ah (.) I'll go out on a limb

12 and say: I think it's likely to be increased further

13 .hh by future events

14 1 r but I would like to make two very quick points.5

15 IR: 2 r 5Very quickly if you would.

16 DH: There's a genera:tional thing he:re. .Hhh U:um (0.4) ih

17 Deng Zhao Peng is going to be ei:ghty fi:ve on the twenty

18 second of August this yea:r. .Hh he joi:ned the

19 Communist Pa:rtly (0.3) .h in nineteen twenty fou:r. .Hh

20 When Mister Baldwin had become prime minister for the

21 first time in this coun:try:. Just. .Hhh (0.3) Secondly

22 (0.3) corruption. .Hh A lot of (.) what is: (.) ca:lled
 23 corruption .hh is in fact the by:produ:ct (0.1) of a
 24 system of multiple pricing .hhh which I think is going to
 25 have to be rela:xed.

Exemplo 32 (p. 40) Clayman (2001:418):

1 IR: Jill Knight may I ask you how far that's going to be put
 2 into practice and [what- who: is going to deci:de what=
 3 JK: [Ye::s
 4 IR: =i[s serious and what [is a substantial-
 5 JK: [Ye:s [hh uh
 6 JK: Well of course the doctor:: and u::h thuh-
 7 [in other a:reas wh(h)ere medical- th' medical profession=
 8 (): [()
 9 JK: =is practiced .hhh doctors've been quite capable of
 10 deciding what's serious. (.) and what substantial means,
 11 =.hhh **And can I also point out**, .hh that u::h
 12 Professor Huntingford whom you had on .hh your
 13 program in December:: .hh supporting the abortion act
 14 .hhh u::h eh said (.) really (.) again quite recently
 15 there's no do(h)ubt abo(h)ut it=we have got abortion on
 16 ^request, .hhh and this is what parliament did NOT ask for . . .

Exemplo 33 (p. 41) Clayman (2001:419):

DH: But I would like to make two very quick point

Exemplo 34 (p. 42) Clayman (2001:420):

*IR: .hhhh Senator Metzenbaum take me back to the- to that
 difference: that uh Mister Forbes made a moment ago,*

between monopolies and what we have today:, which it seems in- in some instances is moving .hh at least (0.2) gradually in the direction of a monopoly. is it not?

(0.3)

HM: Well I think that some mergers (.) don't have any element of monopoly in them at a:ll. .hh (.) Uh for example General Motors buying Hughes Aircraft (I'm-) not at all certain that there's any monopoly (.) issues there. (0.5)

On the other hand I think the real concern tha h:asn't been addressed (.) previously (.) in this program (0.7)

HAS to do with the fact that. . .

((parenthetical comment omitted))

. . . when you have a major merger of this kind, (0.2) of the KINd that we've been talking about on this program, (.hh) you haff to worry A does it eliminate (.) competition and therefore what does it do to the consumers, .h uh secondly you have to be concerned as to the impact (.) on the shareholders, (0.4) and third but certainly not least of the three, (.) is the impact upon the community . . .

Exemplo 35 (p. 43) Clayman (2001:421):

IR: Uh two final questions. Doctor Rosenberg. d'you see this having application for other diseases, like multiple sclerosis or even A:IDS,

(0.4)

SR: We haven't yet begun: to explore that, although I think possibilities exist 'at need to be investigated 'n I think other::: scientists will be looking at those questions.

Exemplo 36 (p. 44) Clayman (2001:425):

(38) UK, 13 March 1979, World at One: Striking Mineworkers

1 IR: .hhh er What's the difference between your Marxism and
 2 Mister McGahey's Communism.
 3 AS: er The difference is that it's the press that constantly
 4 call me Ma:rxist when I do not, (.) and never have (.)
 5 er er given that description of myself. . . .

Exemplo 37 (p. 44) Clayman (2001:428):

IR: Uh- (0.5) I told you:: (0.4) some days ago when we
 spo:ke, and I told our audience this evening that I
 would ask you both questions. I will ask you the
 first now: just before we tak a brea:k because I
 think I know what your answer's gonna be. =
 =Did you have an affair with Miss Rice?
 GH:hhh Mister Koppel (1.1) if the question: (.) is
 in the twenty nine y:ear:s of my marriage, including
 two public separations have I been absolutely and
 totally faithful: to my wife .hhh
 I regret to say the answer is no:

Exemplo 38 (p. 46) Galasinski (1996:7):

A: Do you want stiffer sentences on adult criminals?
 B: It's not a question of whether they are stiffer or not, it's a question of what
 the appropriate sentence is.

Exemplo 39 (p. 46) Galasinski (1996:8):

A: What could be the Prime inister do about it?
 B: Ah, that's really for him to answer, not for me, I think.

Exemplo 40 (p. 47) Galasinski (1996:8):

A: ...When you stop being Prime Minister will you be as active as she [Lady Thatcher] is now or less active?

B: Who can tell? Who can tell? I am not making predictions that far ahead.

Exemplo 41 (p. 47) Galasinski (1996:8):

A: And these two sums, are they – in terms of financial problems of dealing with those issues and so on- are they taxable as well?

B: If you will forgive me, my own tax affairs are entirely private.

Exemplo 42 (p. 48) Galasinski (1996:18):

A: Would you vote for the Senate anti-abortion bill?

B: What kind of stance can a member of a Christian party take?

Exemplo 43 (p. 48) Galasinski (1996:12):

A: Do you defend the right of the tobacco industry to urge the pupils in Elaine Foster's school to smoke something which will damage their health?

B: I defend the right of the tobacco industry to advertise their product.

Exemplo 44 (p. 49) Galasinski (1996:3):

A: How has the national debt personally affected each of you...?

B: I think that the national debt affected everybody...

Exemplo 45 (p. 49) Galasinski (1996:14):

A: But you don't say that you don't welcome her [Lady Thatcher's] involvement in the debate like that?

B: We have perhaps the freest, most open democracy in the world. You can't close that democracy down.

Exemplo 46 (p. 50) Galasinski (1996:14):

A: Can you keep that [level of inflation] for the lifetime of this parliament?

B: Well, the depreciation of sterling may have a once-for-all impact on prices. We have very little room for maneuver on the target that we have set ourselves.

Exemplo 47 (p. 50) Galasinski (1996:15):

A: ...the government has performed remarkably badly. Why do you think this is?

B: Well, I think there has been an improvement. I don't think it will be true to say that we are in as bad a position as we were a few months ago

Anexo II

Convenções de Transcrição (utilizadas nas transcrições das audiências de conciliação do PROCON)

Fonte: ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Transcript notation. In: *Structures of social action: studies in conversation analysis*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1984.

.	pausa observada ou quebra no ritmo da fala, com menos de meio segundo
..	pausa de meio segundo, medida com cronômetro
...	pausa de um segundo
(1.5)	números entre parênteses indicam a duração da pausa acima de um segundo durante a fala, medida com cronômetro
.	descida leve sinalizando final de enunciado
?	subida rápida sinalizando uma interrogação
,	subida leve (sinalizando que mais fala virá)
-	parada súbita (palavra truncada)
:	alongamento de vogal (::: alongamento maior)
> <	tempo e ritmo rápidos
< >	tempo e ritmo lentos
sublinhado	ênfase
MAIÚSCULAS	muita ênfase ou acento forte
=	dois enunciados relacionados por (=) indicam que não há pausa entre as falas
[]	fala justaposta, ou seja, duas pessoas falando ao mesmo tempo.

Anexo III

Audiência “Rui Pedreiro”

Participantes: Rui (reclamado); Jorge (mediador); Lúcia (reclamante)

Colaboradores:

Priscila Júlio Guedes Pinto

Vivian Faria Weiss

01 Jorge mas então o quê que: é o quê que foi acordado. o senhor per- o
02 senhor falou assim o senhor me perguntou o quê que foi
03 acordado. então vamos lá o quê que foi acordado? =

04 Rui =nós concordamos assim,
05 Jorge Hum
06 Rui eu ver a casa dela,
07 Jorge hum
08 Rui pra mim entijolar,
10 Jorge Hum
11 Rui e bater a laje.
12 Jorge Hum
13 Rui eu ainda dei um emboço por dentro eu falei com ela e::eu não
14 trabalho com acabamento (0.8) porque até na minha casa ac-
15 acabamento quem faz são os outros eu pago pra fazer. (1.0)
16 inclusive eu tô com banheiro pra fazer lá em casa,
17 Jorge Hum
18 Rui (tô esperando uma pes- ter dinheiro) [t e r]
19 Jorge [então] o senhor tinha
20 combinado com ela que o senhor só ia entijolar
21 [e b a t e r a l a j e]?
22 Rui [entijolar e bater a laje]
23 Rui ainda dei um emboço pra ela, fiz o piso, ela tratou comigo de
24 me pagar (.)o que ela pagava por mês, ela entrou dentro da
25 casa toda satisfeita,(1.0) agora deu esse problema. eu não
26 entendi em vez de ela me pagar, ela me trouxe aqui.
27 (2,0)
28 Jorge bom, foi isso que aconteceu ou
29 [não. a senhora combinou, a senhora combinou]
30 Rui [eu acho que ela não tá querendo é p a g a r.]
31 Jorge com ele que só iria [é:: é:: é]
32 Lúcia >[n ã o.]<
33 Jorge fazer [o:: o:: o::]
34 Lúcia >[n ã o.]<
35 Jorge só iria ser [entijolado] e tal
36 Lúcia >[n ã o.]<
37 Lúcia nã:o, não foi isso [q u e combinamos] não.
38 Rui [você pega uma casa] por mil e duzentos
39 reais pra fazer, e=
40 Lúcia = mas o senhor deu o preço, não fui eu que dei o preço, eu não
41 sou pedreiro. eu não sei preço de nada não, ué. (.) foi o
42 senhor que deu o preço (0.8) não fui eu que de:- de:- dei o
43 preço.
44 Jorge pelo aco- pelo que ele tinha com- falado com a senhora, iria
45 ser feito é a casa ia ser entijolada, batido a laje e, e
46 emboçada [e feito] o piso.
47 Lúcia [e l e] ele falou que ia me dar a casa no ponto pra
48 mim MORAR, pra mim MORAR. se ele não ia fazer o piso, se ele
49 não ia rebocar, como é que eu ia morar?
50 Rui e ela não tá morando, hum, ainda a filha ainda.
51 Lúcia claro eu vou morar [na r u a]?
52 Rui [quebre-] quebrei o galho dela.
53 Lúcia o senhor falou que não =
54 Rui = ainda gastei material meu agora eu tenho como (.)usei
55 material dela. oh, isso vai custar (caro)
56 [eu falei pra senhora ver i s s o ()]=
01 Lúcia =[eu falei que o senhor usou meu material?]
02 Rui ah mas aqui consta. =
03 Lúcia =mas e-
04 Rui como que teve desvio de material (.) no papel consta, cê quer
05 ler por favor?

06 Lúcia nã:o coloquei, ué.
07 Rui Ah
08 Jorge foi o que a senhora me falou.
09 Rui ah aí ah,
10 Lúcia eu falei o seguinte,
11 Rui eu tenho um xerox aqui ó (o meu) o outro tá com meu advogado.
12 Jorge reclamado ó o reclamante contrat- a reclamante contratou o
13 serviço de pedreiro, do reclamado, para a construção de uma
14 casa, após o término da obra a reclamante alega havi- (0.8)
15 haver vários problemas na construção da casa.< a reclamante
16 alega ainda que foi pedido pelo reclamado mais material de
17 construção do que foi (efetivamente) usado na obra sendo que
18 esse material foi a ela fornec-, foi por ela fornecido ao
19 reclamado.>
20 Rui agora eu quero [s a b e r o n d e] tá esse material.
21 Jorge [a senhora me falou] a senhora me falou que ele
22 tinha é:: que a senhora tinha dado material demais. a senhora
23 acha até que ele usou material é: da senhora a mais que a
24 senhora tinha dado,
25 Lúcia ó::, eu falei [tudo] que ele me pediu.
26 Rui [falou] isso aí.
27 Jorge a senhora deu ?=
28 Lúcia eu [comprei]
29 Rui [e tá usado] na casa.
30 Jorge =e a senhora falou que-, que a senhora-, que a senhora achou
31 que ele não usou tudo que foi mal usado. até que a senhora
32 comprou muito cimento, muito tijolo, foi o que a senhora me
33 passou aqui.
34 [foi o que a senhora me passou a q u i (.)],entendeu?
35 Lúcia [eu: falei isso mesmo, eu falei isso mesmo]
36 = inclusive, até ele me pediu mil e quinhentas lajota, eu
37 comprei duas mil e nem pra fazer o beiral com uma lajota em
38 pé. não deu pra fazer.(0.8) e o- a quantidade de cimento, o
39 meu piso só de pisar quebra tudo.
40 Rui eu fiz uma fundação pra ela fazer duas casas.(1.0) cê sabe que
41 uma fundação pra duas casas cê gasta cimento.
42 Jorge hum hum..
43 Rui eu fiz uma fundação pra duas casas, mas =
44 Jorge =mas isso foi acordado?
45 Rui foi sim senhor. e eu tenho te- eu tenho [testemunha] pra isso
45 Jorge [que o que] a gente
46 **tem o que a gente quer ver é o seguinte, o quê que foi é: é**
47 **acordado. cês conversaram o quê. e chegou [à conclu]são do**
48 **quê.**
49 Rui [ah nós,]
50 Jorge porque existe tá-, eu acho que o que faltou aí foi uma falta
51 de comunicação.=
52 Rui =foi.
53 [porque ela mora pertinho de mim. porque que ela não foi lá
54 fala comigo e veio aqui,]
55 Jorge [ela veio pedir uma coisa para o senhor e o senhor fez uma
01 o u t r a c o i s a .] nã::o, não é isso?
02 Rui hum
03 Jorge vim aqui não vai causar transtorno para o senhor de imediato.=
04 Rui =ah mas agora causou.
05 Jorge entendeu? eu tô falando para o senhor o seguinte (0.5) o- o
06 problema é que houve uma falta de comunicação. porque ela
07 tinha pe- pediu uma coisa para o senhor, o senhor falou que ia
08 fazer uma coisa, ela-, ela achou que era outra ou o senhor fez
09 outra. então houve uma- um problema aí na comunicação.=

10 Rui =e eu tenho até o rascunho,
11 Jorge =tá entendendo? =
12 Rui =que eles fizeram ou vão fazer a (casa) se for preciso pra
13 manda para o (para o senhor ver.)=
14 Jorge =agora o problema é que existe um problema lá , segundo ela o
15 piso tá quebrando, a casa tá descascando, tá, tá, tá (0.5) o
16 reboco tá soltando, =
17 Lúcia =in- inclusive (0.2) inclusive depois a casa já praticamente
18 pronta,(0.5) ele me pediu mais cimento e areia que ele ia dá
19 um chapisco na casa por fora. Isso não foi feito.=
20 Rui =eu acabei de fazer o piso da casa.=
21 Lúcia =↑não foi feito.=
22 Rui =por enquanto só fiz o piso da casa.=
23 Lúcia =↑não foi feito. o quê que acontece quando chove escorre na
24 minha parede. (0.5) o meu calado do meu (descascado) foi pra
25 comprar remédio pra mim e a minha filha porque ela tem
26 alergia. (0.2) ela tem problema respiratório e eu é problema
27 de nervo, de pressão, que sobe que é que é remédio que não
28 acaba mais. (0.2) eu olho pra minha casa eu abro a boca a
29 chorar.(0.8) é isso que acontece. eu, eu mal fico lá. o senhor
30 sabe disso muito bem. [eu mal fico lá.]
31 Rui [se a senhora fala] comigo que
32 não teria como pagar, eu num ia cobrar nunca. sabe que eu
33 nunca cobrei nada de ().não gosto de cobrar. Aqui, tem um
34 vizinho meu que eu fiz uma casinha pra ele, ele já mora a seis
35 meses e ele não me deu um tostão. nunca cobrei ele. (0.5) a
36 senhora agora vai me: pagar. (0.8) ah que daqui nós vamos no
37 ministério, nós vamos na junta =
38 Lúcia =ah nós vamos onde tiver que ir seu rui. o senhor então vai
39 fica provando, vamos ver o quê que vai provar.
40 Rui vamos agora.
41 Jorge por que? a senhora ainda tá devendo uma quantia a ele?
42 Rui tá devendo sim.
43 Lúcia tô devendo sim, eu falei pra você que eu tava devendo.
44 (2.0)
45 Jorge hum hum .. tá.. bom. eu tô vendo que não é é é não existe
46 forma de ter [acordo]
47 Rui [n ã o.]
48 Jorge aqui porque ele fala uma coisa, a senhora fala outra.(0.5) a
49 senhora e, segundo a senhora ele tem uma dívida com a senhora
50 porque ele não executou o problema-, o- o serviço da maneira
51 que deveria ser executada. (0.8) e a senhora tem uma dívida
52 com ele que a senhora reconheceu então, o que a gente va-(0.5)
53 o que eu posso sugerir pra senhora é o seguinte, se a senhora
54 (0.5)é afirma(0.2) diz que pode provar que ele não efe-
55 fetuou o serviço combinado na maneira que foi feito. (0.8) o
01 que ele, o que eu posso fazer pra senhora é orientar a senhora
02 pra procurar a justiça, (0.5)tá. o juizado especial, qualquer
03 forma de justiça. até mesmo na, na justiça comum e pleitiar
04 lá, através dessas provas que a senhora tem, a a a (1.0)
05 arrumar o que foi, é o que não foi efetivamente é::
06 construído. agora eu sugiro a senhora que a senhora arque com
07 a sua parte para a senhora pode exigir a parte dele. entendeu.
08 porque se a senhora chega na, na justiça e e fala que não tem
09 é que tá um problema e a senhora não pagou pelo que a
10 senhora pediu, o- o juiz não vai lhe dá ganho de causa. a
11 senhora tá devendo e ele tá devendo. então fica a pendenga.
12 então vamos ver prime- pra ge-, pra você pedir você pedir um
13 direito cê tem que cumprir com as suas obrigações. se a
14 senhora não tá cumprindo ((mediador conversa com outra

15 pessoa.)) tá se a senhora nã::o tá cumprindo com as suas
16 obrigações,(1.0) a senhora não pode exigir dele. o o ((o
17 mediador conversa com outra pessoa)) a senhora não pode exigir
18 dele que ele cumpra com as dele. (0.8) tá. então é (0.5) o que
19 o procon podia fazer pela senhora que é tenta soluciona o
20 problema através de um acordo nós estamos fazendo.tirando
21 isso, infelizmente não tem jeito. eu vou relatar isso aqui tá.
22 quando não existe um acordo o procon até é costuma tomar
23 medidas administrativas, ju- é perante a pessoa que foi a quem
24 foi feita a reclamação, no caso o senhor rui. eu acho que nem
25 isso nós vamos fazer. nem vamos sugeri isso, pelo fato da
26 senhora ainda tá também em débito com ele e ter havido uma
27 falta de comunicação. a-, apesar de não ter nada documentado,
28 vocês não passaram nada por escrito, nada foi só aque-, aquele
29 para o aquele papelzinho =
30 Rui =exatamente ele.
31 Jorge que a senhora, aquele papelzinho que a senhora me passou a
32 senhora, tá me entendendo. então naquele papelzinho o serviço
33 que ele-, que ele deveria ter feito pra senhora tá lá
34 designado. tá. se não foi designado aí o quê que vai
35 acontecer? (0.5) o juiz vai é (0.8) ma::ndar um perito ir lá
36 avaliar, vai ver se realmente tem o problema como é que tá e
37 aí vai exigir do senhor rui
38 Lúcia Inclusive,=
39 Rui =que o senhor rui a a a o pagamento.
40 Lúcia ele falou que a pa que que ele não foi num foi negócio de
41 embolsar nem nada. as colunas que ele-, que ele botou as
42 ferragens tão tudo aparecendo. (0.8) eu vo-
43 Jorge ah,
44 Lúcia na eu vou na defesa civil.
45 Jorge exatamente.
46 Lúcia porque eu já tô com medo da casa cair na minha cabeça.=
47 Jorge =[exatamente isso t u d o]
48 Lúcia [quando der esses temporais,]
49 Jorge vai te que se isso tudo vai te que cê é é é avaliado perante a
50 justiça porque entre aqui, entre nós não tem acordo. se, o
51 senhor rui tivesse chegado aqui não, eu errei, eu vou lá e vo-
52 arrumar. beleza. a gente formalizava >isso<. ele tá falando
53 que não errou. a senhora tá falando que ele errou. não vai
54 haver acordo aqui (0.5) entre a gente. então, a gente vai
55 passar esse caso para a justiça. a senhora vai se encaminhar
56 ao juizado, se a senhora precisar posteriormente de uma cópia
01 desse processo, pra senhora ingressar lá e servir como
02 justificativa que a senhora veio ao procon, eu lhe forneço uma
03 cópia aqui, forneço ao senhor também se precisar. pra gente,
04 pra vocês resolverem isso logo. (2.0) tá ok? agora só um
05 minutinho que eu vou formalizar isso aqui.

Anexo IV

Audiência “Ok Veículos”

Participantes: José (Reclamante 1), Lucas (Reclamado), Pedro (Reclamante 2- amigo do consumidor), Marta (Atendente –Mediadora 1), Ana (Mediadora 2- advogada do Procon), Leila (Funcionária da loja de veículos), Jorge (mecânico do reclamante), Aldo (Vendedor com quem o reclamado conversa ao telefone), Dulce (Atendente do telefonema do reclamado)

Colaboradora: Vivian Faria Weiss

01 ((med. 1 conversa com alguém))
02 (3.8)
03 Lucas >ele fez uma reclamação. não é isso?<
04 Marta fez. é porque: ele comprou:: um mo::nza, (0.5) na tu:a::
05 (1.2)
06 Lucas >lá no meu estacionamento.<
07 Marta na loja, né? (0.5) e: no primeiro mês de uso o carro::: (0.2)
08 apresentou alguns (0.2) defeitos ou- e ele teve que:: (0.5)
09 arca:r com isso. =
10 Lucas =°sei°.
11 (0.8)
12 Marta então ele tava querendo:: que:- porque: (.) como saiu da loja ele
13 tem que ter noventa dias de:: (0.5) [garantia].
14 Lucas [garantia] de motor e caixa.
15 (0.8)
16 Marta é só motor e caixa?=
17 Lucas =só motor e caixa. (0.2) a garantia cobre.
18 (1.2)
19 Lucas pode procurar sabe- <se o carro tiver fundido, (.) ou a caixa
20 quebrar, a responsabilidade é >do- do- do-< de quem vendeu.
21 (0.5)
22 Marta pois [é-]
23 Lucas [e] recomendação:- sobre a documentação de carro roubado.
24 isso aí é:- (0.8) a lei: fala, muito claro isso. =
25 Marta = ↑unhum,
26 Lucas agora[a r e]clamação >que ele tá< faze:ndo, (1.0) vou
27 Marta [>>°°humhu-°°<<]
28 Lucas partir de um princípio.
29 Marta °sei°.
30 Lucas ele esteve na lo:ja, pra comprar um carro.>uma uno< um ponto seis
31 zero.
32 (0.5)
33 Marta unhum.=
34 Lucas =comp- (0.8) >olhou a uno, levou a uno no mecânico. voltou (0.5)
35 dizendo< que a uno tinha um defeito. (0.5) mandamos arrumar. ele
36 passou o final de semana com o carro. (1.0) não- não- não no
37 domingo, [(.)> lá] na na< no sábado (não sei) na segunda- feira,
38 Marta [↑unhum.]
39 Lucas >ele ligou dizendo que não queria< o carro.
40 José nã[o].
41 Lucas [en]tão tudo ↑bem.=
42 José =tá errado.
43 Lucas deixa eu contar a his [tó][ria. depois cê fala?,] ((irritado))
44 José [nã][o],
45 Marta [deixa o- deixa] [ele depois-]=
46 José [tá. então]tá]
47 bom.
48 (.)
49 Lucas depois [cê fala. >senão nó- (nós () vamos (começar) discutir<]=
50 Marta =[passo a palavra pra você. <não.pera aí<.]
51 Lucas =>uma [c o i s a] que não vai ter nad-<=
52 José [então tá::.]] =já começou errado.
53 (0.5)
54 Lucas Aí, (0.8) >>ele falou que não<< queria ficar com o carro. aí >ele
55 falou assim<, então eu vou escolher outro carro. >(então) cê<
01 fica a vontade. escolheu um gol.(.)levou o gol pro mecânico dele.
02 (.)o mecânico reprovou o carro.(.)ele voltou. aí ele escolheu um
03 monza(0.5)levou o monza no mecânico. (0.2) o monza tá tudo certo.
04 tá. serve pra você. serve. ficou com o monza. (1.0) levou o
05 monza. no dia que: >no- no-< depois no sábado, o monza apareceu

06 um defeito, quebrou a: um- uma balança lá. (0.5) ele ainda me
07 ligou, foi mandado arrumar a balança. agora depois de três meses
08 ou dois meses que >(tem- que ele me) comprou o carro,< ele me
09 trouxe essa reclamação, dizendo que tem algumas coisas- que foram
10 gastas algumas coisas no (.)carro. <agora o que foi gasto no
11 carro, (0.2) eu nem sei o quê que é. nem vi.
12 (1.0)
13 Marta °hum°,
14 (.)
15 Lucas ele tá alegando ó:leo, filtro- é: ve:la, essas coisas (.) tem que
16 ser fe:ito (0.2) quem compra um carro usa:do,
17 (.)
18 Marta unh[um]?,
19 Lucas [a] gente fala. >tem que fazer a revisão no carro.< (.) ele
20 me comprou ciente a essas coisas. (0.8). <porque a gente não
21 enganou ele em nada. (1.0) agora. essa reclamação que ele fe::z,
22 (1.5) num posso- (0.5) agora a garantia de motor e caixa, a gente
23 é- a gente:: (.) é obrigado.
24 Marta Cês trouxeram [o::]
25 Pedro [eu] posso opi- opinar em alguma coisa?
26 Marta n::ão. o::- =
27 José = se ele não [pode o p i N A R ,]
28 Lucas [(também eu posso-] [vamos falar [o-]
29 Pedro [não]-
30 Marta [EU VOU: [PEDI]::R SÓ [PRO::]
31 Pedro [não, só]
32 pra mim-=
33 Marta =José mes[m o : : ? ,]
34 José [eu vou fa]lar então.
35 (.)
36 Marta >porque [ele- [quer-<
37 José [ele- [ele falou que eu peguei a u:no:,
38 Marta >>t[á.= cês trouxeram u::m- [a l i s t i n h a,] né ?]<<
39 José [>>fiquei-<<]
40 [>>o final de semana] com a u]no.
41 fique- não peguei.<<= eu peguei a uno na quinta-feira, (0.8)<na
42 quinta-feira,> (.) s:[::-
43 Marta [unhum.=
44 José =no sábado eu voltei lá.
45 (.)
46 José dois dias.
47 Lucas então cê ficou com ela.
48 José >dói- eu- eu andei- eu peguei ela na [quinta-feira de [noite.]<
49 Marta [e s pera aí,[volcê
50 falou]agora deixa ele=-
51 Lucas [(não
52 senhor.)]
53 José =(peguei) na quinta-feira de noite. fui trabalhar sexta nem usei
54 o carro. (1.2) (peguei) na quinta-feira a noite. sexta nem usei o
55 carro.
55 Pedro unhum.

01
02 (2.2)
03 Lucas °certo.° >me- me< venderam o carro como direção hidráulica, =>o
04 carro não tinha direção hidráulica.< (1.8)
05 Marta °°unhum::..°°
06 José <propaganda enganosa, né.= falar uma coisa que não tem. (1.2)
07 voltei lá no sábado. (0.8) ah, >o carro (dá pra ir- (não)

08 apresentava o defeito isso e aquilo. =voltei. (0.2) tudo bem,
09 conversei levei um gol, (.) >peguei um gol,< (.) o mecânico
10 reprovou, (0.2)
11 Marta unhum.
12 (0.5)
13 José aí peguei um monza, >levei no mecânico, o mecânico tava bo- olhou
14 o: carro,< o motor é carro usado. não ia mexer no carro?, (.)
15 olhou o carro tava bom. (.) certo.
16 (0.5)
17 Marta °unhum°.=
18 José =>aí o primeiro dia que eu peguei o monza, peguei o monza no
19 sábado, (0.8) no sábado (.) o monza já quebrou a balança não sei
20 o quê que aconteceu lá que eles (não teve- o defeito no coisa-
21 =>>no primeiro dia.<< (.) no tempo (.) do- levei- isso aconteceu
22 de tarde,= peguei o monza (.) lá por volta de dez onze horas da
23 manhã, (0.2) fiquei trabalha:ndo, depois fui pro lava-a-jato,
24 (1.0) saí de lá com o carro cinco horas da tarde, parei o carro
25 na Prudente de Moraes, depois que eu liguei o carro, (0.5) deu
26 defeito. >acusou o defeito.= aí na mesma hora ligamos pra ele.
27 (1.0) "ah não, vê o quê que cês podem fazer aí deixa no (.)
28 estacionamento que a gente resolve na segunda-feira".<
29 conseguimos:- arrumar o negócio lá e levamos no mecânico no
30 sábado mesmo.
31 Marta °unhum°?=
32 José =aí o cara deu uma olhada, >tal tal <. (0.5) aí não suspeitou de
33 nada porque o carro voltou:: (.)ao normal.
34 (.)
35 Lucas não. arrumou a peça. =
36 José =>>não [arrumou- num-] [num arrumou-]<<
37 Lucas [não arrumou?] [>>ah num]m arrumei a peça não?<<
38 (.)
39 Lucas eu- eu to- eu tô falando, ele não arrumou.=
40 José =>>ah- uh- (.) espera. no meu- [eu tô falando no: sábado] de
41 noite.
42 Marta [pêra aí Lucas por favor.]
43 José () sábado de noite o cara olhou, tirou a roda, olhou, tal
44 tal. (.) aí (.) demos uma volta no carro, (.) [aí o cara-] (1.2)
45 descendo a Repú::blica, >o cara (). não aconteceu nada.
46 aí paramos o carro em frente a oficina, a hora que ele arrancou,
47 o carro voltou a dar problema. aí deix- ligou pra ele de novo,
48 deixou na oficina aí na segunda feira ele mandou arrumar o carro.
49 (1.2)
50 Marta °unhum°.=
51 José =que foi feito. que foi na segunda-feira que você foi lá levar a
52 peça=
53 Pedro =arrumou o carro.=
54 José =arrumou o carro. (.) tudo bem. aí: (0.8) passou tudo bem. aí:
55 teve um dia que eu levei o carro pro esporte, fui jogar bola, o
56 carro me: deixou na mão lá. não- não ligava >nem pro caramba. (do
57 mesmo jeito.)< levei logo no:: meu mecânico e tá a notinha aqui.
01 eu tenho que trocar ainda: (0.5) quatrocentos re- já- fora o que
02 eu gastei eu tenho que (.) gastar mais quatrocentos e pouco,
03 porque eu tenho que trocar (1.0) um negócio >que você sabe< que:
04 desde o primeiro dia que eu peguei (1.0) tá dando- tá com
05 problema, e tenho que trocar(.) bomba elétrica. é duzentos e
06 poucos reais. eu com o carro que eu- tenho dois meses- paguei a
07 segunda prestação agora, e vou gastar mais de mil e cem reais no
08 carro. =>num tem condição. = é três prestações que eu vou pagar.<
09
10 Marta é:: isso é verdade. e:: tem mais a embreagem, né. que eu acho

11 que::-
12 José não. a em[breagem eu] levei num mecânico ontem, ele falou
13 que=
14 Marta [(°falta fazer°)].
15 José =não- num tá:- é: só uma questão de regulagem. (0.2) eu levei lá
16 ontem. =eu tava saindo de lá ontem. eu levei pra ele vê pra mim.
17 (0.8)
18 Marta cê pode apresentar:: a no:ta. pro:: (.) Lu::::cas,=
19 José =<aqui. tem essa [aqui QUE ELE] V I U] LÁ ONTEM.] Ó::↓]
20 Marta [pra gente] tentar : ::]:: :: :] (.)]
21 ach[a r : : (.) a melhor s a í d a] prá isso, [né.]
22 Lucas [(mas tem coisas que realmente eu::-)]
23 José [é.]
24 [essa aqui ó:()]=
25 [(mostra nota)]
26 Marta =porque::::- =
27 José =°tá tudo aqui. [()°]
28 Marta [o consumidor] se sent[iu lesa::]do?=
29 Pedro [aqui a-↓](mostra alguma
30 coisa a José))
31 José <esse cabo de ignição, um cabo de vela que ele teve que trocar, =
32 Lucas =°se sentiu lesado mas (.) >>a partir do momento- a gente não
33 enganou ele em nada°. ele levou o carro no mecânico dele, o
34 mecânico dele- o mecânico aprovou o carro pra ele comprar.<<
35 (1.2)
36 Lucas porque se o carro tivesse ruim, ele não tinha comprado o carro.
37 (1.5)
38 José [°deu defeito:°].
39 Marta [não. era um defeito que: dava pra:: perceber:: ou não?
40 José claro. que- num tem jeito. (), [bomba elétrica,
41 uma peça elétrica],
42 Lucas [°agora, essas
43 coisas que ele°] tá::: aleg- isso aí é coisa de um carro usado.
44 isso aí é um carro noventa e quatro. (0.5) (estamos) no ano dois
45 mil. faz seis anos=
46 José =é:: mas [eu num paguei nem:: duas prestações. eu vou gastar mil
47 reais? num tem condição].
48 Lucas [agora se ele comprou esse carro e não
49 tinha condições] de comprar:, igual ele alego:u que não
50 tinha condição (nenhuma) de comprar [e pagar em di:a]
51 José [eu não-] >eu não
52 aleguei que eu não tenho condição de comprar, não.< [cê que tá
53 falando].
54 Lucas ninguém [forçou
55 ele] a comprar na:da.
56 Marta [()]
01 José [cê que] tá falando.]
02 Lucas [ninguém for]çou ele a comprar NADA.]
03 José >eu te- eu tenho [tanta condição de pagar, que tem dois meses]=
04 Lucas [°()°]
05 José =[as duas prestações já estão pagas lá, tá?]
06 [°()°]
07 Marta GENTE pera aí, vão::-
08 José é.
09 Marta vão:::]
10 Lucas [ele] não tem condição de comprar um (carro)] ()
11 Pedro [()] NÃO.
12 Marta vão com calma.=
13 Pedro =°(ele tá falando de um carro de [luxo.])°
14 José [e tem] aqui também, ó?,

15 ((folheia jornal))=
16 Lucas () tá sujeito a isso.
17 José an?
18 Marta não: [mas pera aí Lucas, você:]:-
19 Pedro [()] ((parece que fala com José))
20 José aí ó, ((fala com Pedro))
21 Marta vo[cê oferece o] serviço, você [tem que dar::]
22 uma:=
23 José [pode dar uma olhada.] ((achou algo no jornal))[(no valor.)]
24 Pedro [teria de te:r)]
25 teria
26 Marta =garan]ti[a::,=
27 Pedro de ter-
28 Lucas [a garantia eu de::i, uai. [c a i x a e [motor]]=
29 Marta =[que é um ser[viço bom,]=
30 Lucas =tá [na garantia].
31 Marta =que [não vai dar] defeito nenhum.
32 Pedro [°()°]
33 José [é::]. muito bo-
34 Lucas ca::ixa e motor, tá na garantia.=
35 José =mas essas peças aqui eu vou- tenho que trocar o quê? ()?
36 Lucas isso não é motor.
37 José ah não? ((risos))
38 Marta não, pera aí:::: José:. °va::mos com calma.° (1.8) (dá uma
39 paradinha °aqui°). (2.2) vamos ver o quê a gente pode fazer,
40 <por isso, (.) pra trocar. porque: (.) corre:ia, eu:- eu: entendo
41 [muito pouco]=
42 Lucas [correia de carro-]
43 Marta =de carro, [ma:s-]=
44 José [NÂ::O]. tem coisa aqui [()]=
45 Marta =[é des[gaste: e ta::l]
46 José =COM CERTEZA. [tem coisa aqui: que tem que não-]
47 Lucas [°(isso aí o mecânico)°] [t e r i a q u e
48 t e r olhado].
49 José [tem coisa aqui
50 que tem-] com certeza. que nu:m- é parte não. mas pe- a
51 maioria é:- (.) com certeza, [mas (tem que checar)].
52 Marta [então vamos fazer] o:: seguinte,
53 (.) é:: Lucas, (1.2) apresenta uma proposta, (.) do que você pode
54 pagar aqui pra ele, depois você vai apresentar a sua
55 contraproposta.=
01 José =já paguei trezentos reais de mecânico, (<ainda tá:::)(só que o
02 carro ainda não [tá:: ó-])
03 Lucas °[isso aí] eu não tenho. eu tenho sócio, eu tenho
04 que conversar com e:le. isso aí eu num posso [()]°
05 Marta [<NÃO. mas] aqui
06 você veio como:- o representa::nte legal da sua em[pre:::sa,]
07 Lucas °[(pô. mas eu]
08 tenho que falar com ele)°.
09 (0.5)
10 Marta então a gente:-=
11 Lucas =não posso?
12 (.)
13 Marta >porque senão a gente tá se passando como (tratante),< como::
14 (um:::-) (1.2) ().
15 Lucas °no direito dele. ué.°
16 (1.8)
17 Marta então::: você começa com a sua propo:sta. (vamos ver o quê) ele
18 faz?
19 José >eu quero [o ↑lícito] uai.< qualquer lícito. ele sabe [o quê]=

20 Marta [°de fato°] [NÃO.]
21 José =que ele tem que fazer.
22 Lucas °>não foi só o lícito não, rapaz.<°
23 José é.
24 Lucas [()] ((voz muito distante))
25 Pedro [não foi só o lícito não?],
26 Marta não:[:. ou então você veio] aqui pra quê? pra:::=
27 José [()]
28 Lucas =não. eu vim pelo::- eu vim () me chama::ram, (ué.)
29 ((ironicamente))=
30 Marta = é::.. mas a gente:: veio aqui pra tentar resolve::r isso, dá
31 melhor forma possível.=
32 Lucas =(claro.) só que tem- que tem dois meses que ele tá com esse
33 carro. tem dois- (>foi quatorze do quatro.) vai fazer três
34 meses.<
35 Marta entã:o [s ã o n o v e n t a] di:::[:a:]s.
36 José [d o i s m e s e s .]
37 Lucas [nã:]::o, mas o motor não
38 fundiu]=
39 José [paguei essa prestação
40 ontem]
41 Lucas =a caixa não estragou::-
42 (1.2)
43 José °é:°. então é justo eu pagar mil e cem, só [de prestação?]
44 Marta [ele ficou pagando-]
45 ele=
46 Lucas [o que que te::m].
47 Marta =compraria outro carro com esse dinheiro que foi ga::sto.=
48 Lucas = hein?
49 (.)
50 Marta ele compraria ou[tro-
51 Pedro [(não tem jeito.) [()] (ele tá
52 apresentando)
53 Lucas [a garanti::a],
54 Pedro °como um defeito, entedeu?° ((fala com José))
55 Lucas °tanto (.) que isso aqui >>ele tá dizendo<<°, nu:ma revisão de
01 carro. > que é as coisas que são gast-. ele levou o carro no
02 mecânico dele, se o carro não tivesse em condições, ele não teria
03 que ter comprado. correto? (0.8) o mecânico dele >falava assim.<
04 "não. esse carro não tem condições de você comprar". o quê que
05 ele tem que fazer? não comprar o automóvel.
06 (.)
07 Pedro °(>me [liga pr-)<°]
08 Lucas [(t á -)] (se ele se sujeitou a) comprar o carro, falou-
09 falei com ele, ô José, o carro tá em condições? tá legal? tava
10 bom. tá legal. agora eu vou ficar com o carro. esse carro serve
11 pra mim.
12 José mas então tá. então deixa [eu falar.]
13 Lucas [Aí,]
14 (.)
15 José °depois eu [falo].°
16 Lucas [depois] de- (.)trê:::s meses, dois meses, ele vem
17 com essas- (reclamações). isso aí (.) >é [coisa]<=
18 José [<não-]
19 Marta [t á].
20 Lucas =que ele tinha que ter fei:to (.) na hora.=
21 Marta h h
22 Lucas =porque o mecâ::nico, ele sabe (das coisas que são-) o mecânico é
23 profissional.
24 Marta °isso é desde quando?°((pergunta sobre datas dos recibos do

25 Rte.1)) (1.2) essa é be::m recente. e:- o que que você [acha]?

26 José [nã-]

27 Lucas [>você]

28 entendeu?<

29 Marta pode fa[lar José].

30 José [aqui::,] então:: vou falar o seguinte. é igual o cara

31 me falou on[tem.] agora-]

32 Lucas [quando você vai no mé]dico, o médico vai te:: a- te::

33 a::- vai te olhar. e vai te falar::.[()]=

34 José [não, h h h h h h]

35 Lucas =[o mecânico é] >praticamente a mesma coisa, ué<.

36 Marta [<pera aí↓]=

37 José [h h h h h h]

38 Marta =[mas pera aí↓]=

39 Lucas =>o [mecâ]nico< é profissional.

40 (.)

41 José h h h.

42 Lucas ele não é profissional no que ele [faz]?

43 José [é ()]

44 Marta **é [mas-]**

45 Pedro [igual], ele tá desmerecendo o:[:::: (.) ca-].

46 José [é igual o] cara me

47 falou ontem,=

48 Marta >[não, claro que não].<

49 José =é uma peça elétrica. (0.2) se: ela não acusar o defeito >na

50 hora,< tem como- como a pessoa falar que ela tem que ser

51 troca:da. (1.2) uma peça elétrica? (0.5) é igual- aconteceu isso

52 aqui ó:: (0.5) cabo de ignição. eu tava indo pra universidade,

53 °levar minha mãe pra passear,= >meu pai,<° começou a dá um::

54 (1.0) uma a sair- uma faísca de- >uma-< tipo uma corrente no::-

55 (.) aí eu fui- >vê- lig- o carro< começou a perder a força.é uma

01 peça elétrica. como que o cara vai adivinhar na hora, que ia

02 levar o carro ali pra ele ver, que a peça vai dar defeito. (1.2)

03 ninguém adivinha.

04 (1.2)

05 Marta é (voltam-) vão::- faz a sua proposta.=

06 José =é igual:- >se eu- se eu < num mandasse trocar algumas coisas

07 aqui no carro?, o quê que aconteceria com o motor. o carro não ia

08 parar. (1.0) você não te:m- que trocar?

09 (.)

10 Marta >°claro.°<

11 José então:::: não é peça do motor, uai?

12 (1.2)

13 Marta então faz sua proposta. [v ã o lá José]

14 José [não, minha propor]sta é o q- [eu- eu-]

15 Marta [é tudo.]

16 José eu quero o segu:nte. eu quero que ele- (.) que ele- vê o quê que

17 ele pode fazer, porque eu não tenh-, não é que eu num tenha

18 condição. eu não vou: (.) pagar mil e cem reais num conserto, (.)

19 que eu tô pagando trezentos reais num carro, trezentos e pouco.

20 eu vou pagar mais mil reais a mais. não tem condição.

21 (0.8)

22 Marta não. porque eu [(concordo)].

23 José [eu comprei] um chevette, fiquei um ano com o

24 chevette, eu num gastei um centavo no carro.

25 (1.2)

26 Marta °unhum°. =

27 José =o carro nunca me deu um problema. esse carro aí já te do-

28 domingo ele me deixou na mão. de novo, o carro. (1.2) >no<

29 domingo ele me deixou na mão de novo. (1.2) um carro de dez mil

30 reais me deixar na m- que is:so::.

31 (.)

32 Marta olha, com mais esse preço que você vai gastar, você compraria

33 [u::::::::::m-]

34 José [com certeza].

35 (0.5)

36 Marta um outro carro. (0.8) vão Lucas. vão vê o quê que a gente pode

37 fazer aqui.

38 (1.5)

39 Lucas °a reclamação dele° (.) se o carro tivesse:: quebra:do, fundido o

40 motor igual perante a garantia, (.) aí [sim]

41 José [mas se]num troca a peça

42 (ele) vai fun[dir ué.]

43 Lucas [ma::is] (.) isso aí eu num posso fazer não porque

44 ele levou o carro pro mecânico ,() deixei: ele () ficar à

45 vontade com carro,

46 (0.5) ((barulho externo))

47 José se a correia dentada quando num troca arrebenta e: quê que vai

48 acontecer. (0.5) nada né. num acontece nada né.

49 (0.5)

50 Marta num pode fazer NAda. nem se ele apre[sentar uma prop-]

51 Lucas [isso aí se ele] tivesse:

52 (.) um mês depois, que ele comprou >esse carro.< ter ido lá na

53 loja, conversa:do, mas não num aconteceu nada. agora que tinha

54 que () acontecer=

55 José =que é isso?=

01 Marta =[NÃO, mas-]

02 José [()] a primeira notinh- a primeira notinha que eu- eu

03 liguei pra leila, eu liguei pra menina lá do::, (.) eu liguei pra

04 menina que trabalha com ele, que fez o negócio (.) pra mim. ela

05 falou o seguinte. eu liguei pra ela. ô leila ó. (.) u- u carro

07 deu um probleminha. eu gastei seiscentos reais no carro, tal, tal

08 ((duas batidas)) manifestei já, querer trocar o ca:rro porque não

09 ia ter condição de >ficar com um carro usado daquele.< >ela

10 falou< ah não mas o carro é <assim mesmo> cê, cê- às vezes gente

11 dá sorte, num dá sorte. primeiro- primeira vez que eu levei eu

12 tav- ela já falou isso comigo.

13 (0.5)

14 Lucas depois que eu acho que você pegou lá >que- que< deu problema cê

15 foi na mesma hora lá. [()]=

16 José [é:: mais eu num- num fui]=

17 Lucas =[engraçado né. engraçado que ele os]=

18 José =[porque o carro ficou: me deixou na mão: ué]

19 Lucas =dois primeiros num serviu pro cê- cê foi lá na [mesma hora. e

20 esse]=

21 José [me deixou na

22 mão]

23 Lucas =aí [depois de 3 meses cê foi lá].

24 José ué. [>num, num- um, u, u,<] pro cê vê=

25 Marta =esse aqui é de:: setembro.=

26 Lucas =então. dois meses.=

27 Marta =<dois MESES.> ele:: () hum- (1.0) ((entrada da advogada - Med

28 2)) ele tá alegando que a:: (0.2) que a garantia cobre o motor e

29 da caixa de direção. (0.2) que esse >defeito< que foi aqui

30 apresenta:do, não::.

31 (0.5)

32 Ana mas essa garantia é:: já passou da garantia le[gal?]

33 José [não ué.]

34 Marta [n ã o::]

35 Ana [da garantia dele?]=

36 José = não, ué.=
37 Marta =ué mas (.) é noventa dias:::=
38 Ana =pra tudo né.=
39 Pedro =(já pagou tudo) [tudo foi pago]
40 Ana [a não ser é:-] a não ser defeitos que fossem:
41 perfeitamente visíveis. né? fora isso=
42 José =[não, um sendo ()]
43 Ana [noventa dias cobre tudo. não é só] motor e caixa. noventa dias
44 é garantia legal. não é garantia que vocês estão dando. é
45 garantia que [a L E I dá. (.) tá:?]
46 Lucas [não, mas a garantia que a gente dá] perante a nota,
47 é a garantia de motor e caixa do carro.=
48 Ana =a garantia que vocês podem da:r, é além dos noventa dias.
49 noventa dias quem dá é a LEI.=
50 Lucas =então.=
51 Ana =mesmo se você não desse garantia nenhuma:,
52 Lucas a lei [já dá]
53 Ana [o produ:to já] tem a garantia de noventa dias. tá? agora
54 essa garantia de noventa dias você não pode falar é só isso ou só
55 aquilo NÃO. é a garantia do produto inteiro. é claro que é uma
56 coisa: (.) sensata. (.) não vai ser uma garantia de uma coisa::
01 (.) perfeitamente visível que ele poderia- igual eu acredito que
02 é o carro usado que ele levou no mecânico dele, [o mecânico
03 aprovou]=
04 Lucas [levou,
05 aprovou].
06 Ana =(se) fosse uma coisa que o mecânico poderia detecta:r,=
07 Lucas =igual o de[feito q u e c o n s t a v a]
08 Ana [não, não teria- não teria, COMO,]
09 José [não, num é um defeito que constava.]
10 Ana agora (1.2), a gente tem que ver aqui se é um defeito, se for
11 também uma coisa [de uso: normal do carro, você tem que trocar.
12 igual tô vendo aqui: correia]=
13 José [não, é um:- (.) com certeza, tem coisa que, que
14 é que é o que eu vou falar. isso (.)]
15 Ana =essas coisas, também nu:m- num estaria na garantia. [tem que ver
16 se existe algum defeito aqui.]
17 José [tem coisa
18 que você tem que trocar sim, (.)] tem coisa que você tem que
19 trocar sim. >igual isso aqui ó<.=
20 Lucas =filtro de óleo é de uso:: normal. óleo.=
21 José =não cara, isso aí, [eu não tô questionando isso.]
22 Lucas [() t a m b é m ó], [p a r
23 a f u s o]=
24 José >[eu não tô
25 questionando isso] <
26 Lucas =sup[o: r t e:]=
27 José >[tô questionando]<
28 Lucas =[() o que tem que trocar,]=
29 Ana [°você tem que apresentar uma proposta para ele°].
30 Lucas =é:: balança,
31 Marta >não mas ele-< ele não quer proposta nenhu:ma.
32 Lucas é:: p[a s t i l h a],
33 Marta [mas você veio aqui] para (apresentar) s[ua proposta].
34 Lucas [trava de pa]stilha,
35 disco de fre:io.
36 Pedro a correia é dentro do motor, você tem que abrir o motor para você
37 ver.
38 Lucas é (você vê que), tudo isso são coisas de desgaste natural do
39 carro.

40 (1.0)
41 Pedro a correia dentada.
42 (0.5)
43 Lucas isso aí são tudo de desgaste. (2.0) não tem nada aí que::
44 José °não?°
45 bomba e[lé t r i c a]
46 Lucas [tensor d e] velocidade, bomba, também tudo é desgaste.
47 ((risos do José e Pedro))
48 (.)
49 Ana bomba elétrica=
50 Pedro =ah! então tudo é desgaste. ((risos))
51 José então tudo é desgaste, ué.
52 Ana aí, aí vocês estão me falando da parte elétrica toda ((risos))do
53 carro.=
54 Pedro =perá ((risos)) °tudo é desgaste°.
55 (1.0)
01 Ana é desgaste ué.=
02 Lucas =é o desgaste do carro.=
03 Pedro =é brincadeira! (.) correia dentada ([]).
04 Ana [então] uma bomba elétrica
05 estaria dentro da garan[t i a, né?]
06 José [é o que o ca]ra falou comigo. (.) tem
07 jeito de você prever, pre- prever alguma coisa aqui? não, não,
08 não, aconteceu? é uma coisa- uma parte elétrica? é igual ignição
09 e cabo de vela, que tem que trocar (0.8) o carro começou a::
10 rodar, corrente (0.5) parou (0.2) eu vou- o mecânico vai prever
11 na HORA que ele vai ver o carro? não vai.
12 (1.5)
13 Ana a parte elétrica aqui eu não concordo, não. a maioria dessas
14 coisas aqui, é::, =
15 José =igual correia dentada, tu- tudo bem, é desgaste, mas se rebenta,
16 e essas coisas assim, tá dentro tá onde- tá onde, onde que tá? tá
17 dentro do motor, né.[e o quê que vai acontecer?]
18 Lucas [toda vez que você compra um ca]rro tem que
19 fazer a revisão.=
20 José =é::, seiscentos reais, né? =
21 Lucas =você vai comprar um carro, e não vai olhar[isso. você vai ficar
22 com o carro]
23 José [é:, v o c ê
24 t á certo] (.) não::, você tá certo.
25 Lucas não, não tô certo não. não [tô todo certo n ã o]=
26 José [não, tá certo sim !].
27 Lucas =são as coisas naturais das coisas.
28 Pedro correia do alternador eu sei, mas ().
29 (4.0)
30 José quem compra carro usa::- usad- é:: zero hoje, tá- tá- vai dá esse
31 tipo de problema. é lógico que existe a garantia, de que é um
32 carro zero [e tudo novo]
33 Ana [comprou em] prestações?
34 José =prestaÇÕES. eu paguei a segunda,[paguei a segun- paguei,]=
35 Ana [ainda faltam muitas?]
36 José =faltam. faltam vinte e duas se não me engano. paguei a segunda.
37 e ainda vou gastar mil e cem com um carro, que eu teria com[dição
38 de pagar três]
39 Ana [você
40 fez o financiamen]to direto com ele, ou foi co:m financeira? =
41 Lucas =no banco, no [banco.]
42 José >[foi com]o banco<
43 Lucas (eu trouxe até aqui o) papel.
44 (1.0)

45 José não, mas aí no caso foi feito com eles também, eu! eles passaram
46 [no banco então]
47 Ana [não, eu sei, eu sei.]
48 Pedro (vão discutir essas divisões, entendeu?)
49 José até tenho o papel aqui ó:=
50 Pedro =(o erro, o) ()
51 José ô, (o papel tem erro:) pelo seguinte, (1.5) é o carro- o carro eu
52 comprei um monza, olha o que quê tá escrito depois ó.=
53 Pedro =a o chassi::, o quê que é?
54 Ana °vinte e()°.
55 (.)
01 José vinte e um, no chassi tá certo. (só que tem-)
02 (.)
03 Lucas isso aí não é erro meu não.=
04 José =não, mas() [só tô mostr- só tô mostrando.]
05 Lucas [isso aí é erro do banco, vai ter que] acionar o
06 banco=
07 José =ontem eu já fui lá.=
08 Lucas =só no banco=
09 José =já fal- fui lá, uê. (1.0) mas quem [passou pra lá, foi ele.]
10 Ana [e a:::::- e a nota]
11 fiscal do carro? cadê ela?=
12 José =nu- nu- nu me deram.
13 Lucas °°() o carro é de terceiro ()°°.
14 ((riso de José))
15 Ana =(mas tem que ter) uma no[ta de venda, uê.]
16 José °[mas tem que ter tudo, uê.]°
17 Ana tem que ter uma nota de venda, uê! (quer dizer que) você é isento
18 de- de pagar imposto?
19 Lucas °unhum°. do carro é() a senhora não me conhece, sabe onde é o
20 problema do carro=
21 Marta =tá, mas se você tem uma con[cessionária, você tem que você tem
22 que emitir uma nota.]
23 Lucas [meu estacionamento, meu
24 estacionamento]
25 José ahã!
26 Ana então você não tem uma- uma loja de vender carro=
27 José =então ele não pode vender carro, não é? (1.0) porque
28 estacionamento é um estacionamento, ele não pode vender carro.
29 (9.0) ((Med está analisando as notas de orçamento de peças))
30 Ana (técnico caro é por conta do vencedor) ok! automóveis, é
31 estacionamento?=
32 Lucas =°é estacionamento°.
33 Ana e o senhor vende carro lá dentro?
34 Lucas vende, carro também. porque lá pode fazer tudo. (1.5) o contrato
35 social, não é?
36 Ana então não é só estacionamento?=
37 Lucas =não é só estaciona[mento.]
38 Ana é [uma concessionária de vender carro]
39 Lucas [pode vender carro também isso que eu tô] falando
40 Ana então tem que emitir nota fiscal dos carros que você vender.
41 (.)
42 Lucas algumas coisas.
43 (.)
44 Ana por que algumas?
45 (.)
46 Lucas porque esse carro é de terceiro, isso não é meu.
47 (.)
48 Ana ah! você vai me desculpar ma:s, tem coisa errada aí, né?=
49 José =aqui-

50 Ana se você vendeu lá dentro do seu:: do::- da- do- da:: sua loja
51 (0.8) no seu contrato social, está como vendedor de carro, você
52 vai me desculpar mas você tem que dar uma nota fiscal. (6.0) o
53 quê que nós vamos fazer aí pra resolver isso é :: lucas?
54 (9.5)

55 Lucas deixa eu ver. oh! essa bomba aqui eu pago toda. pronto, pra não
01 ter conversa pra não ter- pra não te::r-, essa bomba (elétrica).
02 (0.5)

03 José o sensor de temperatura, desde o dia que eu peguei o carro ((
04 tosse)) tá- tá- o carro vem oscilando.
05 (.)

06 Ana vão pagar essa nota aqui. (0.5) não é NEM A METADE do que ele
07 gastou.
08 (0.8)

09 Lucas essa aqui eu pago ó::
10 (.)

11 Ana essa nota.
12 (.)

13 Lucas essa bomba.
14 (0.5)

15 Ana a- a bomba não, a nota.=

16 Lucas =não, essa nota aí toda, eu não posso pagar. eu pago essa bomba.
17 (.)

18 José isso aqui ó:- >isso aqui é outra coisa<. isso aqui ó::- é:: parte
19 elétrica ó:. o carro deu defeito, eu tive que trocar ó: (0.8)
20 isso aqui ó:.
21 (1.0)

22 Lucas então me dá um prazo pra eu pagar isso aí, que eu pago.
23 (5.0)

24 Ana quanto que você gastou, já nesse total?

25 José ah, [nem lembro].

26 Ana [mais de mil] e quinhentos reais?

27 José não- não. só- só, somar cento e dez (0.8) seiscentos e (sessenta)
28 e cinco, e no caso se eu for gastar mesmo (0.5) setecentos e
29 pouco, com [quatrocentos e pouco, mil e quinhentos]

30 Ana [essas duas aqui que] que é?
31 já foram feitas, já foi feita. (foi fazer) (3.0) fazer isso aí.
32 ((tosse))
33 (3.5)

34 Lucas e isso aqui?=
35 José =isso é parte elétrica, o carro me deu defeito.
36 Lucas isso aqui ô.
37 (3.0)

38 José o carro estava indo andar normal, começou, perder a fo- força,
39 dar um estalo no carro, fui ver era a (.) parte elétrica do
40 carro. como que o mecânico vai adivinhar uma coisa que- que não
41 aconteceu (1.5) na hora pra ele acus [ar o:: teu defeito.]

42 Ana [paga essa nota a q u i] de
43 duas vezes, lucas (.) pra acabar com isso.
44 (2.0)

45 Lucas °(eu pago essa bomba que tem aqui)°, o pior que eu tenho que
46 arcar, que eu vou pagar pro: ex- proprietário de um carro (esse
47 defeito)

48 Ana vai ué! você não tem uma [concessionária? você não é um , o
49 responsável?]

50 Lucas [então, eu sei mas, o ex- p r o p r i
51 e t á r i o,] o ex- proprietário não quer nem saber. isso que [eu
52 estou falando]

53 Ana [

54 pois é]

55 Lucas isso aqui eu vou arcar sozinho, [os duzentos e cinquenta e um.]
01 Ana [você tem que assumir,] quem
02 tem- quem tem um comércio tem que assu [mir os riscos, né.]
03 Lucas [não::, eu sei] isso
04 aí eu sei, uê. isso aí a [gente vive disso, a gente é
05 inteligente, não é burro não.]
06 Ana [se a gente for pedir essa
07 nota fiscal.] (3.5) se a gente for pedir essa nota
08 fiscal, vai ficar mais enrolado ainda, né?
09 (3.2)
10 Lucas duzentos e cinquenta e um, é tudo que eu posso pagar.
11 (2.2)
12 Pedro ().
13 (0.5)
14 Ana é vocês que sabem.
15 José NÃO::, que isso- eu já [gastei aqui ó:]
16 Ana [senão, a gente] encaminha isso pra
17 [justi:ça, encaminha isso pra receita]
18 José [seiscentos e trinta e um seiscentos e trinta e cinco] cento e
19 dez com quatrocentos e oitenta e oito que eu vou pagar, quanto
20 que vai dar aí? eu pagava três- quatro prestações do carro.
21 (.)
22 Ana então a gente encaminha isso pra justiça::, e pra receita pra-
23 pra: questionar sobre as not[as também.]
24 Lucas [você quiser re]ceber os duzentos e
25 cinquenta e um, [eu te pago]
26 José [nã::o ,] não quero receber duzentos e
27 cinquenta e um não. que eu vou gastar duzentos e cinquenta e um.
28 Lucas agora, isso aqui eu não tenho como eu te pagar. (isso não).
29 José nã::o, mas tem coisa aqui que tem- tem aqui que:-
30 se quiser receber os du[zentos e cinquenta e um].
31 José [não quero].
32 Lucas me dá um prazo que eu [te pago].
33 José [nã::o].
34 (2.8)
35 Lucas (pra morrer).
36 (.)
37 José não! morrer ai eu morro no prejuízo também.
38 (.)
39 Ana quê que você aceitaria.
40 (.)
41 José não, eu quero ver eu quero o justo. igual aqui ó, você acha
42 justo, você comprar um carro, você pa[gar mi:l e:]
43 Ana [não. não acho justo].
44 José então.
45 Ana só, que nem tudo, que tá aí::-=
46 José =com certeza, eu con[cordo contigo]
47 Ana [então josé] porque você também levou no
48 seu me[cânico e tudo.]
49 José [concordo contigo.] >aqui ó,[igual isso aqui, cento e dez<]
50 Ana [entendeu?]
51 eu acho injusto também, você querer cobrar tudo, [também, não
52 acho justo. por isso que a gente tá tentando chegar aqui num
53 consenso, tá:.]
54 José [não::, com
55 certeza. não- não- não tô falando isso. eu não quero tu::- , eu
01 não quero tudo] cento e dez aqui ó. isso aqui é (papo sério), é
02 coisa, é peça:: que eu tive que trocar, do carro que deu defeito.
03 isso aqui eu vou eu tenho que trocar (0.8) e essa bomba elétrica
04 aqui, isso aqui já tá me deixando na mão. já é a segunda vez. já

05 me deixou uma vez (0.5) dei[xou no domingo agora.]
06 Ana [isso aqui você ainda não fez?]
07 José =não fiz ainda, não fiz ainda.
08 Lucas então eu vou comprar a bomba, e mando te entregar. te entrego(
09)=
10 José =não::, agora não quero bomba, não:: eu quero isso aqui ó,
11 quatrocentos e oitenta [e oito, cento e dez]
12 Lucas [a bomba eu man]do comprar e entrego.
13 José não::, eu não aceito.
14 Ana acordo te::m que ser fei[to ()]
15 José [não::, nu- ano aceito não].
16 Lucas eu [tô me propondo a pagar ()]
17 Pedro °°[ô marta, eu posso falar uma coisa com ele aqui?]°°
18 Marta °°pode°°.
19 Pedro ô lucas.
20 Lucas °oi°.
21 Pedro eu posso te falar um negócio?
22 Lucas po::de.
23 Pedro porque ent- pra não dar mais problema, pra evitar esse negócio,
24 que- que eu tenho que trabalhar ((ri)). >a gente< tem que
25 trabalhar, é:: pôxa, isso aqui o rapaz divide em três vezes,
26 e[sse:]
27 Lucas [a bom]ba (toda)?
28 (.)
29 Pedro tudo aqui.
30 (.)
31 Ana esse serviço.=
32 Pedro =esse serviço.(.) sensor aqui-
33 Lucas an? (0.5) eu não sei quanto que custa, eu posso olhar.
34 Pedro não, (o senhor) pode olhar, eu te[dou]
35 Lucas [ago]ra, a bomba aqui, eu tô me
36 propondo
37 Pedro não::,mas tô falando tudo, pra ajudar ele, enten[deu?],
38 Lucas [não,] ()
39 Pedro porque tem coisa aqui, é- é igual, ele não entende. eu mexo com
40 lava jato, eu mexo-, entendeu?
41 Lucas então, você é um [cara- então você é um cara, sensato, sensato
42 nessa história brother. você é um cara sensato na situação. você
43 mexe você sabe]
44 Pedro [é:: é, eu sou, não! eu sou um cara sensato. eu
45 vou te f a l a r , o q u ê q u e - o q u ê q u e e l e n ã
46 o s a b - , ó :]
47 (2.0)
48 Lucas [hora nenhuma eu enganei vocês. você sabe disso.]
49 Pedro [disco de freio- disco de freio.] não, então >vou
50 ser sincero agora com você< disco de freio, eu posso opinar? que
51 ele falou que eu não podia. disco de freio, é:: um problema
52 grave. não é problema de:: coisa. é:: jogo de junta, isso é coisa
53 barata, a correia dentada, ela funciona dentro do motor, se ela
54 travar o motor, pra você [e cem vezes pior].
55 Lucas [ái::- áí::-] aí e outro departamento.
01 Pedro não, mas- mas começou a dar problema.
02 Lucas mas aí é o tipo da coisa [().]
03 Pedro [é:- é:- é:] não foi corrigido antes.
04 espera aí::!
05 Lucas vai, fala.
06 Pedro é:: correia dentada (0.5) né, >coisa à toa<. óleo do motor ,é
07 lógico, se abriu tem que trocar o óleo, não tem como você- você
08 aproveitar [o óleo velho].
09 José [(isso aí não tem não)].

10 Pedro é:: junta do (cárter), quando você abriu o cárter você tem que
11 [trocar a junta,]
12 José [tem que trocar] a junta.
13 Pedro você não vai por sem junta, isso é parte do motor, suporte do
14 filtro de ar, porque não existia o:: suporte. o carro, eu tô
15 sendo sincero com você, o carro:::, é um monza noventa e quatro,
16 tá uma porcaria. as quatro rodas dele estão empenadas. TUDO do
17 carro tá ruim. ISSO não vem ao caso. é:: (2.5) A BOMBA D'ÁGUA- a
18 bomba d'água, ela- ela faz o carro, se o carro der um super
19 aquecimento ali, ela es[toua o motor.]
20 José [ela estoura o motor.]
21 Pedro TUDO estoura o motor.
22 Ana se ele não tivesse, to[mado providências o motor t e r i a::, t
23 e r f u n d i d o]
24 Pedro [não trocado, estourava, que seria um
25 prejuízo maior pra você,] porque o motor do monza::
26 Lucas aí- aí eu teria que bancar o motor.
27 Pedro pois é, mas qual você preferia, pagar esses quatrocentos, ou
28 pagar um motor de:[dois mil.]
29 Lucas [mas aí, eu]
30 Pedro espera aí, tem mais uma coisa aqui. é::- (0.5) é::,(alguém
31 tosse))as mangueiras se você não trocar (as mangueiras. as
32 mangueiras do carro) estavam todas ressecadas. Elas estavam
33 vazando água, e você não sente quando tá vazando água.
34 Lucas e voc- quando você lev-, quando ele levou o carro no mecânico,
35 ele deu:::[o mecânico tinha que ter olhado isso tudo.]
36 Pedro [não::, aí- aí eu vou di-, eu não quero briga!] aí- aí
37 vou- vou discordar de você.
38 Lucas (isso aí são coisas tudo é:::)incentivo do mecânico.
39 Pedro não tem como você tirar um motor, pra você olhar uma mangueira.
40 Lucas não tem como tirar, mas, ele tem como olhar.
41 Pedro ah!, mas ele olhou uê.=
42 Lucas =igual a- igual- igual o::: disco de freio, essas coisas igual
43 você tá falando que tava tudo ruim. o mecânico tem como tirar.
44 [basta levantar o carro numa garagem, dar uma geral()]
45 Pedro [não, hum, mas que isso, eu. o cara vai desmanchar o carro] pra
46 ver o quê que é bom. o::, o disco de freio é bom, a bomba é boa,
47 a- a bomba tá ruim. ele vai desmontar o motor intei[ro pra ver se
48 tá b o m ?]
49 Lucas [não, claro
50 que não.] mas as, as coisas possíveis a olho [nu, que dá pra
51 ver, igual ()]
52 Pedro [não,
53 entendeu, agora] e:: gasolina que colocou, isso aqui é:: filtro
54 de óleo isso aí- isso aí a revisão é de três em três mil
55 quilô[metros tem que fazer.]
56 José [você deveria ter falado]
01 Pedro entendeu? agora tem coisa aqui que, pôxa! você sabe que-
02 Lucas ().
03 Pedro você- >você tá no [ramo há muito anos, entendeu]?
04 Lucas [não:: eu sei
05 eu não tô dizendo que eu quero enganar ninguém mas, só certas
06 coisas aqui, >isso aqui< o mecânico (quando) você leva um carro e
07 fala pra ele, "dá uma olhada nesse carro, uma GERAL" ele te dá
08 uma o[pinião, não ele te dá um parecer. ele te um parecer, ele]
09 Pedro [() eu- eu- eu posso pega:r qualquer, eu posso-] eu
10 posso te levar você, você, por ser o dono da agência, eu posso te
11 pegar um carro, em outra agência, levar lá no lá na blue car,
12 eles não vão [(desmanchar)].
13 Lucas [eles vão-] [eles vão] te fala ó: ó-

14 Pedro [eles não vão] desmanchar o motor,
15 eles não vão desmanchar o motor.
16 Lucas leva lá então.
17 Pedro () .=
18 Ana =tem muita coisa que- tem que, só tiran[do o motor pra ver ()
19)].
20 Pedro [é, só tirando uê. a
21 correia dentada] você sabe quanto é uma hora, você sabe quanto e
22 a hora de::, um mecânico, lá dentro da- blu- da visa car, olhar
23 um- uma bomba d'água.
24 Lucas an?
25 Pedro () =
26 Lucas Mas lá é [conces]sionária autorizada.
27 Pedro =[salta] então, como é que você falou que pode levar na
28 blue car?
29 Lucas não, mas se você falar que na tem condição de ver, tem condição
30 [de ver]
31 Pedro [não:]
32 Lucas =tem condição de ver uê.
33 Pedro não tem. eu- a correia dentada não tem lucas, eu te levo em cem
34 mecânicos, se ele falar [que tem]
35 Ana [quem a]rruma seus carros?
36 Lucas =hein?
37 Ana qual mecânico.
38 Pedro aqui- eu vou te falar então. se você soubesse que não tinha
39 problema, (.) então você não precisava ter trocado. o braço da
40 direção e os dois amorte[c e d o r e s]do monza,
41 Lucas [mas ele q u e]brou, uê.=
42 Pedro =é: mas então, é i[gual i s s o a q u i , ó]
43 Lucas [mas isso aí- isso aí foi] um desgaste, isso aí
44 foi um acidente,
45 Pedro =então?,
46 Lucas a coisa aconte[ce u.]
47 Pedro >[e n t]ão amortecedor é desgaste também.=
48 Lucas =então:, mas isso aconteceu.=
49 Pedro =então aconteceu.
50 Lucas tanto é que ele reclamou e foi reparado na mesma hora.=
51 Pedro = >mas ele< tentou reclamar com seu sócio lá, ele me mal-
52 maltratou lá dentro, =
53 Lucas =é, mas vocês chegaram brigando lá.=
54 Pedro =não! =
55 José =não.
01 Pedro nós fom-, sabe quantas vezes que eu fui lá? ,=
02 Ana =mas isso aqui [ó (.) já:: (.)]
03 Lucas [chegaram grit a n]do, arrumaram maior falta de
04 respeito,=
05 Pedro =eu- eu quis- eu fui lá umas dez vezes, entendeu? [não, eu fui.
06 não, é clar- é lógico que ele vai contar a sua versão]
07 Lucas [não(.) não:
08 meu irmão, eu não, todo mundo vai puxar para o seu lado.]=
09 Pedro =não, eu não vou puxar para o lado dele,[tanto que eu tô]
10 Lucas [(aliás o negócio)] todo
11 mundo (.) entendeu?
12 Pedro eu não vou puxar para o teu lado, entendeu?. eu tô te [contando
13 (.) e n t e n d e u?]
14 Lucas [não::,
15 não quero que puxa não.=]
16 Ana =(o que é) aqui?
17 José é mã- mão de obra, uê. é para:, é::- é mão de obra,
18 Lucas é igual você chegar já brigando, dis[cutindo],

19 Pedro [não!, é lógico que: não (

20) leva a nada.

21 Lucas as coisas não é por aí, as coisas tem que pegar , sentar e conve

22 [rsar.]

23 José [é lógico, não leva a nada.=

24 Lucas =porque briga , não leva a nada.

25 José não leva, de jeito nenhum.=

26 Lucas =não leva a nada , que nós vamos bri[gar, brigar, brigar,]

27 Pedro [e num vai che]gar acordo.

28 Ana lucas.

29 Lucas oi.

30 Ana deixa eu te falar. se você comPRAsse as duas peças, você pode

31 conseguir isso mais barato, aí, você tá no ramo, e entregar essas

32 duas peças para ele, ele leva, pra esse- para o mecânico de

33 confiança dele fazer esse serviço=

34 Pedro =>entendeu, porque é::, o negócio fica chato, entendeu?

35 Lucas eu não- eu não forcei mas,=

36 Pedro =tanto que eu- o jorge é muito seu amigo, entendeu?.=

37 Lucas =no dia que ele cheg- que vocês estavam lá na loja lá, que eu

38 estava em casa passando mal com dor de garganta, aquele cara ali

39 tava arrumando maior tumulto lá, entendeu?

40 Pedro ah., eu nem fiquei lá.

41 Lucas os vizinhos tudo lá, foi lá me perguntar,

42 José não::! ((risos))

43 Pedro =sabe quem tava fazendo esse tumulto lá, era seu funcionário,=

44 Lucas =eu não sei, uê.

45 José a leila que aumentou com a [g r i t a r i a l á , u ê]

46 Pedro [o seu pai- o s e u p a i] tava lá

47 no dia. você pergunta ele. ele falou::, o luc-, o lucas tá com

48 dor de de garganta, eu entrei dentro do meu carro, ele entrou

49 dentro do dele, e:: viemos embora.=

50 Lucas =não cara, agora você vê, eu fiquei super chateado por causa da

51 atitude de vocês, bicho. [a gente é tu]do jovem, a gente não=

52 Pedro [eu fiquei] (.)

53 Lucas =prec[isa disso não] entendeu?

54 Pedro [eu fiquei su]per chateado da atitude dele. o cara me tocar,

55 de dentro da agência dele.=

01 José =isso aí ele ficou mesmo.=

02 Ana =aq[ui. acho que isso agora aqui, não vem ao caso, né.]

03 Lucas [o problema que você faltou- a falta de respeito,]

04 Marta não vem ao caso. [vamos resolver o problema].

05 Lucas [o negócio é o seguinte]. eu vou apreçar uma

06 bomba disso aqui, isso aqui eu já me proponho a pagar, porque eu

07 já tô falando aqui. (.) [e isso aqui], eu vou ver quanto que

08 custa, . e te ligo para você e=

09 Ana [o sensor?]

10 Lucas =te falo. eu dou meu parecer:, eu compro ou não compro. isso aqui

11 eu já não proponho a pagar não.

12 José = mas aí-, aí vai ficar aquela coisa, o carro tá parado. (0.5) o

13 carro, eu não tô nem andando no carro.=

14 Ana =você me traz resposta, até meio-d[ia, até uma hora?]

15 Lucas [não, até meio-dia] não tem

16 jeito.

17 Ana claro que tem, é só fazer levantamento de preço, ué.=

18 José =no sábado o carro ficou aqui na- na- >sábado não, domingo< o

19 carro ficou no posto, da rua C, estava vindo, parei o carro para

20 colocar gasolina, >quem disse que pega<? não pega.>

21 Pedro para você, tá sendo a metade aqui ó.

22 Ana isso aqui é fácil, para você descobrir preço.

23 (0.8)

24 Pedro isso daí, é só ir no orelhão ali, ligar para- [para redil auto
25 peças para -(.)]

26 Ana [até- até meio-
27 dia e já me[]lia, dava para-.. (0.8) acho que se você comprar.
28 essas duas peças né. já alivia, já e::, pelo menos já conserta o
29 carro, com esse defeito que ele tá agora, né.=

30 Pedro =não, eu tô propondo para ele. o rapaz divide pra m[im, de três
31 vezes.]

32 José [eu vou
33 conserta]r essa merda desse carro, e dá um jeito de trocar essa
34 porcaria.

35 Pedro você vê, um carro de dez mil reais. >igual, ele falou que é uma
36 carro velho< mas, o- o, dinheiro que ele gastou nele aqui, ele
37 pagava um carro mil, novo. um fiat uno, tá treze mil reais.
38 quem-, quem paga trezentos, paga trezentos e cinqüenta.

39 Lucas [s í l v i a] ((lucas.conversando no celular))

40 Pedro [não, não vem ao caso, agora.]=

41 Lucas =é, a opção foi dele.

42 Pedro isso:, eu [concordo]

43 Ana [mas, a gente] tá aqui para-
44 Lucas (irineu), quanto que é uma bomba elétrica, do:- do monza. de
45 combustível do monza? (4.0) ((Rte. está fazendo uma ligação pelo
46 celular)) ham?
47 (20.0) ((parece que há um corte na fita))

48 Pedro então::< você, com[prou]>

49 Ana [você]vai se comprometer com os dois, [né .]
50 Lucas [não!]

51 sensor ele não tem lá não. aí eu vou conversar com meu sócio, e
52 ver o quê que ele[()]

53 Pedro [n ã o, mas], se você tá dispondo a=-
54 Lucas =não, tô dispondo a pagar a bomba, a mais cara aqui ó.
55 Pedro as duas, porque senão é::- (.) é muito prejuízo para ele coitado.
01 (0.5) ele ganha é::, ele ganh[a quatro salário, ué]

02 Lucas [irineu, d a q u i]a pouco eu te
03 ligo ai.(1.2) tá bom, falou então. ((lucas está oo celular))
04 tchau. (1.5) que a bomba, eu já mando entregar.
05 (2.5)

06 José (vai me pagar) (.) duzentos e cinqüenta e um, aí eu vou ficar no
07 prejuízo de mil reais ainda, hein?

08 Lucas deixa eu te falar, eu vou então () morrer a nota, então. eu
09 vou calcular um sensor desse aqui, e eu vou te entregar um
10 sensor.
11 Pedro mas é::, é novo, né.

12 Lucas hein?

13 Pedro NOvo.

14 Lucas não:: te garanto novo, não.=

15 Pedro =não, porque se você puser um sensor usa[do],
16 Marta [não,] mas gente pode
17 fazer, um pouco mais, pelo menos [foi o que ele me falou],
18 Pedro [entendeu, cada um] (faz do
19 um pouco)

20 Marta pode dividir, isso aqui de algumas vezes,
21 Lucas eu sei como é que é, uai, só=-
22 Pedro =ele- ele tá ce[dendo pra você.]
23 Lucas [pois é, esse proble]ma não poderia nem ter vindo
24 aqui, por que:
25 Pedro por quê?
26 Lucas se você tivesse me procurado igual eu, [eu viajei, eu tive meus

27 problemas]

28 Pedro [ah, (.) eu te- te- te

29 procurei prat]icamente um mês, lucas. todo dia lá, meu..=

30 Lucas =não. um mês não.

31 Pedro um mês, praticamente=

32 Lucas =não, () você falou que não tinha nada a me mostrar.=

33 José =não, que isso. a leila que chegou (.) gritando igual uma

34 doi[da lá],

35 Pedro [a-, a lei]lla já maltratou ele por telefone, que ela falou que

36 não- que ele comprou carro velho. ele comprou carro velho, mas é

37 dez mil reais. é o que ele pôde comprar entendeu? é velho ou novo

38 é o que ele pode comprar. (0.8) entendeu.? eu acho que é muito

39 caro, um carro para você (0.8) ter um prejuízo desse jeito. (1.2)

40 só aí!, tem muita coisa para arrumar no carro ainda, entendeu?

41 muita coisa. só das quatro rodas que tem que trocar, é:: na faixa

42 de oitenta reais, cada roda, a roda comum. a roda do monza, tá

43 todas quatro empenadas, você coloca elas lá, elas não dão

44 alinhamento.=

45 Lucas =isso aí- aí no caso, isso aí tem que procurar é::, entrar contra

46 o estado, porque a gente paga ipva, paga tudo, e::,=

47 Pedro =pois é, ué.=

48 Lucas =é por causa do buraco.

49 Ana ó lucas?,

50 Lucas oi.

51 Ana dá essa resposta para gente até amanhã. a gente fal- a gente

52 segura essa::- essa queixa aqui, em aberto até amanhã.

53 (1.5)

54 Marta você vai tá dando um [t e r ç o , do prejuízo],

55 Ana [você vai assumir os dois]=

01 Lucas =é ué.

02 Marta tava dando mil e quinhentos reais, você vai-, tá ajudando ele em

03 um terço.

04 Pedro isso aí ó eu, proponho até dividir em três vezes para vo[cê, numa

05 oficina aí ó], se você for lá-,

06 Lucas [não::,

07 isso aí, não]. isso aí eu vou comprar as peças lá na- aonde que

08 for, e vou dividir me[smo, isso aí não tem mistério não, mas

09 condição de pagar eu não tenho não.]

10 Pedro [>não, não<, e u t ô f a l a n d o q u

11 e o m e c â n i c o(.)] porque o mecânico já-, o meu

12 mecânico, ele já divide pra mim em três ve[zes, cinco vezes,

13 quantas vezes e u peço.]

14 Lucas [então isso aí eu

15 vou- eu vou comprar as peças e vou entregar para vocês. isso aí,

16 bom. O [quê eu vou pagar, é isso aí]

17 Pedro [então mas, olha aqui, você vai] usar, vai ser mais, mais

18 duzent[os reais] (.)

19 Lucas [o meu pag]amento, eu vou me virar com o cara da loja.=

20 Pedro =o cara vai te fazer isso aqui, se você é amigo dele, ele vai te

21 fazer algum desconto aqui ué.=

22 Lucas =então, isso aí, o mercado é sujeito a desco[nto,] só que eu vou

23 fazer um=

24 Pedro [então]

25 Lucas =parcelamento. eu vou parcelar isso aí.=

26 Pedro =pois é, então, (0.5) você vai parcelar quatrocentos reais, aí,=

27 Lucas =eu vou comprar de três vezes, do jeito que você falou eu vou

28 comprar de[três vezes].

29 Pedro [e n t ã o,](.) poxa, eu acho que a gente tá sendo até

30 é: (.) >entendeu?< porque (.) você sabe se: levar, esse troço

31 adiante, dá mais complicação. é perdas de horas, entendeu? =

32 Ana =faz a ata marta, explicando o que aconteceu. tem algumas
33 coisas:, que é desgaste natural do carro, que não cabe a garantia
34 cobrir, mas que:: (0.5) ((tosse)) outras coisas estaria dentro da
35 garan[t i a]=
36 Pedro [mas, é igual]
37 Ana =então que::, a proposta seria ele pagar essas duas peças, tá?. e
38 se que ele vai nos dar uma resposta até amanhã cedo, (1.2) de
39 que:: se vai realmente arcar com isso, e que dia que entrega,
40 para gente ver vai encerrar ou não es[s a : -]=
41 Pedro >[é igual]<
42 Ana =esse processo, TÁ? e:: vê também com relação a::, a nota fiscal,
43 né.=
44 Pedro =é igual o motor, [o motor não funciona sem apar- sem o jogo de
45 ele vela. isso tudo, o motor em si, é o conjunto]. (.) ele não
46 tem como funcionar.
47 Ana [()]

Anexo V

PAULO RENATO DE SOUZA

PROGRAMA "RODA VIVA" / TV CULTURA

DATA: 24/04/00

Apresentador (AP)

Ministro Paulo Renato Souza (MPR)

Jornalistas (J)

Jornalista Fernando Rosseti (FR) Coordenador de programas no Instituto Ayrton Senna e do Projeto Aprendiz

Jornalista André Laós (AL) Editor de economia da revista Exame

Jornalista Marcos Antônio Araújo (MA) Diretor de redação da revista Educação e coordenador do curso de jornalismo da faculdade Casper Libe

Sociólogo Brasilis Salles Jr. (BS) Coordenador de pós-graduação e Sociologia da USP

Educadora Guiomar Namó de Mello (GM) Diretora executiva da Fundação Vitor Civita e integrante do Conselho Nacional de Educação

AP: Ministro Paulo Renato, boa noite.

MPR: Boa noite.

AP: Ministro..eh..eh... Dessas observações que nós fizemos na abertura do programa talvez a mais ..eh.. problemática delas seja essa de que o nº de alunos, o nº de brasileiros entre 18 e 24 anos matriculados em escolas é pequeno, né? Eh.. ele é ainda menor se a gente considerar apenas os alunos matriculados efetivamente no Ensino Superior, que é desses alunos de 18 a 24 anos e meio (). Eh.. no entanto, já seria bastante desejável se esses alunos entre 18 e 24 anos estivessem completando o Ensino Médio, e o Ensino Médio talvez seja a batalha que o senhor tenha a ..eh.. travar daqui pro resto desse governo. O senhor disse que quando anunciou a reforma no ano passado mencionou que seria um programa para 5 anos e eu gostaria de saber, então, antes de mais nada, pra começar ..eh.. qual é a situação da reforma do Ensino Médio ..eh.. eu sei que há apenas 5 estados até agora, infelizmente apresentaram os seus progra..planos de reformas que seria fundamental pra terem acesso ao dinheiro ..eh.. o empréstimo do BID. Esses estados são São Paulo, Ceará, Bahia, Pernambuco e Goiás. Gostaria então que o senhor começasse dizendo quais são os programas que a reforma do Ensino Médio tem feito.

MPR: Eu queria começar com uma análise do primeiro dado que você mencionou porque eu acho que é muito sintomático, eu vi esse dado de 18 a 24 anos, apenas 40% das crianças, dos jovens estão na escola. Nós temos a mania no Brasil de enfatizarmos os dados piores possíveis e eu gostaria de enfatizar outros dados.

AP: Hum..hum.

MPR: 96% das crianças de 7 a 14 anos estão na escola e 85% dos jovens de 15 a 17 anos estão na escola.

AP: Hum..hum.

MPR: É claro que nós temos ainda uma baixa proporção de jovens no Ensino Médio e no Ensino Superior porque.. porque há ainda no Brasil ... nós temos uma herança de uma situação em que poucos jovens concluiu o Ensino Fundamental e concluiu já numa idade muito avançada. Quando assumimos o governo, apenas 50% das crianças concluíam o Ensino Fundamental e levava 12 anos pra concluir. Isso já melhorou, hoje temos 63% que estão concluindo e estão levando em média 10 anos. O que acontecia antes: eles terminavam numa idade onde não podiam continuar estudando, tinham que ir pro mercado de trabalho. Então, se nós tomamos 18 a 24 anos, a proporção é baixa porque..porque justamente esses jovens não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e o Médio na idade adequada pra continuar estudando. Agora, isso vem mudando radicalmente no Brasil.

AP: Hum.. hum.

MPR: Tá, nós temos, como eu disse, esses dados, nós temos os dados que mostram que, temos matérias recentes nos jornais com grandes manchetes, que os adultos voltam a estudar, tá, então há uma valorização de novo da educação, de novo, não, nunca tinha havido, tá, há uma valorização da educação em nosso país e os dados mostram isso claramente.

AP: Ministro...eu... quero dizer...

(Jornalistas falam ao mesmo tempo)

J: A batalha do Ensino Fundamental é a batalha do Ensino Médio.

MPR: Aqui nós temos também dados importantes que devemos levar em consideração: primeiro, nos últimos 5 anos, a matrícula no Ensino Médio cresceu 57%. Este é um dado espetacular porque é uma explosão no Ensino Médio porque significa que há mais crianças concluindo o Ensino Fundamental e chegando ao Ensino Médio. Qual é o problema que nós temos que enfrentar? Em 1º lugar, enfrentar o problema quantitativo: 57% que é uma demanda que está indo sobre as redes estaduais. Nas escolas estaduais, a matrícula tem crescido 80% nos últimos 5 anos. E o 2º problema é nós darmos conta...eh.. nós levamos adiante a reforma do Ensino Médio porque hoje, porque mais jovens estão chegando ao Ensino Médio, o Ensino Médio tem que responder a outras coisas que não apenas preparar pra Universidade. No passado, o Ensino Médio era preparar pra Universidade só. Hoje ele tem que preparar para a vida, e é essa reforma que estamos fazendo; países mais desenvolvidos têm que fazer a mesma reforma que nós estamos fazendo porque a natureza da..da educação mudou ...ii.. mas já tem praticamente o atendimento de todo o grupo (didático); todos os jovens estão no Ensino Médio já, nós temos que enfrentar estes dois grandes desafios, ampliar e fazer reforma agora, eu confio que a reforma, que é uma reforma muito ambiciosa que nós estamos pretendendo, apenas 5 estados até agora definiram seus planos, mas agora vamos Ter o recurso do Banco Interamericano, o recurso que só vai pra quem definiu seu plano, pra quem fizer reforma.

AP: Sim, mas...

MPR: () mas aí com o estímulo do recurso que nós vamos tomar junto ao Banco Interamericano e transferir para os estados, eu não tenho dúvida que a situação vai se acelerar rapidamente. Eu acho quii.. eu sou otimista em relação a isso, eu acho que nós vamos enfrentar a reforma e vamos Ter talvez já no final deste ano a grande maioria dos estados com sua reforma concluída.

FR: Agora, Ministro, esta reforma não deveria ser incluída numa política pra juventude porque Tem o dado do economista da Unicamp Márcio..MárcioTochman, que até não tem feito muito sucesso com o governo federal, esses dados mostram que 50 dessa população, exatamente de 18 a 24 anos em São Paulo, tá desempregada, população economicamente ativa de 18 a 24 anos não encontra trabalho. Se 40% está

desempregada... que que tá acontecendo? Essa população é que tem mais caso de violência, tá por aí sem lazer, sem

J: Sem encontrar ()

MPR: Não é só essa questão acho que a questão da violência, a questão do ... tem a ver com o desemprego Tem a ver com a nova escola, a escola precisa fazer frente a essa questão, a escola precisa criar atividades dentro da escola para que a escola também possa, possa usar o saber () onde a escola progrida e promove atividades comunitárias, esportivas, eu participei de grêmios esportivos, participei de grêmios literários na escola, (e só talvez, na verdade, são maneiras) eu organizei campeonatos dentro da escola, essas coisas não dependem tanto de () nem do ensino ser organizado centralizadamente, nós vamos, nós lançar o campeonato nacional, eh.. já fizemos o convênio com o grupo, com o Comitê Olímpico Brasileiro, com a própria rede Globo, com os demais ministérios para fazer um campeonato nacional ra estimular as escolas. porque são várias escolas, mas a organização da escola pode fazer frente a essa questão da violência; na questão do desemprego, esse é um tema maior, mais... bem, não é um tema só do nosso país, é um tema mais geral, é um tema mais amplo. Ah... de fato, a mudança no mundo, a mudança que a tecnologia está fazendo ah... está provocando, na verdade faz com que haja crescimento e não haja crescimento no emprego. Eu fiz a minha tese de doutorado sobre isso, sobre empregos, sobre salários e estudei muito essa questão. Nos anos 70, a nossa economia crescia e gerava empregos, nos anos 80 deixou de gerar empregos formais. Nós estamos passando por uma grande mudança, uma grande revolução na tecnologia, não é? E o que é preciso é criar as oportunidades pra que os jovens possam Ter condições de buscar emprego e condições de Ter acesso ao mercado de trabalho.

J: E essa reforma.. desculpe, ministro.

MPR: Então, aqui, eu acho que além da questão do ensino médio, que tem que abrir a cabeça do jovem e os horizontes do jovem ou ir para o mercado de trabalho, ou ir para a Universidade ou buscar ... uhh... e desenvolver suas ..eh... seus pendores artísticos ou coisa assim... Esse Ensino Médio, ele tem que ser complementado com muita expansão do ensino profissional. Nós temos já um, outro dos últimos empréstimos do BIRD, nós já, eh... estamos acolhendo cerca de 130...132 projetos de ensino técnico, vamos criar vagas para 200 mil alunos no.. nas escolas técnicas, só com esse novo projeto, além daquelas que já existiam. Para se Ter uma idéia, 200 mil vagas.. eh.. nas universidades brasileiras, nós temos 700 mil vagas oferecidas a cada ano. Então, já é, em apenas um ano e meio um esforço importante. Então, essas coisas que nós temos que fazer.. ga..garantir.. hoje, pras pessoas se empregarem, tem que Ter o ensino médio.

GM: Ministro, é... é exatamente isso ...

MPR: Então, tem que Ter o ensino médio, se não tiver o ensino médio não consegue o emprego, mas também tem que Ter acesso a formas de profissionalização e atualização

GM: Ministro, eh.. exatamente a esse respeito, seria interessante a gente perguntar um pouco o que que afinal de contas essa reforma do Ensino Médio vem responder ao problema do..do...do desemprego. Será que com a reforma do Ensino vai melhorar a situação ou vai continuar a mesma coisa?

MPR: Eu não tenho dúvida porque...porque a reforma do Ensino Médio procura preparar o jovem pra vida. Ela concentra, ela define uma concen... primeiro ela define que que o ensino médio não é apenas preparação pra universidade e o objetivo do Ensino Médio não é transmitir conhecimento, é desenvolver habilidades e competências para a pessoa aprender.

[

GM: Mas o senhor não acha que assim vai aumentar a desigualdade porque vai continuar sempre uma parcela de jovens ..han.. tendo acesso a um Ensino Médio que prepara exclusivamente para o vestibular, então a universidade fica mais difícil

[

MPR: Não, o ensino médio, todo ele, todo o Ensino Médio, ele vai, será único, não haverá um Ensino Médio para o vestibular e outro não para o vestibular. O Ensino Médio preparará para a vida, para o vestibular, para o mercado de trabalho, para o ensino técnico e que o jovem pode ..eh... ter diante de si, ao terminar o Ensino Médio. Então, a idéia do Ensino Médio, a reforma do Ensino Médio é que ela seja pelo menos, em primeiro lugar, que haja uma concentração de 75% da carga horária nas matérias que são do conteúdo nacional e que a partir desses 75% cada pessoa possa escolher matérias tanto na área acadêmica quanto na área profi.. pré-profissionalizante quanto na área artística, cultural, etc. pra completar e com isso poder conhe se conhecer melhor, fazer melhor as opções que aos 15, 18 anos é muito difícil de fazer e por isso o Ensino Médio procura abrir os horizontes para o jovem.

J: Hoje, pelo o que o senhor tá falando, ministro, realmente o Ensino Médio não tá preparando o jovem pra vida.

MPR: Não. Não. O Ensino Médio, como nós tínhamos até dois anos atrás, ele simplesmente era uma antecâmara da Universidade, ele simplesmente era uma preparação para.. e, claro, como o mercado de trabalho passou a exigir maior qualificação, passaram a exigir o Ensino Médio. Mas um jovem ao sair do Ensino Médio, eh.. o conhecimento que ele adquiria não servia pra nada na sua vida, né? Quantos... quem de nós se lembra das fórmulas de física ou química que estudamos no Ensino Médio. É isso. O Ensino Médio tem que ... hoje, nós tamos vivendo um novo mundo, uma nova sociedade, nessa sociedade é preciso que as pessoas aprendam toda a vida, é preciso que as pessoas tenham a capacidade de aprender toda a vida, passou a época em que a pessoa podia estudar durante 20 ou ..ou 25 anos da sua vida e com esse conhecimento viver o resto da vida. Por que passou essa época? Porque a tecnologia muda, a tecnologia (), tecnologia do consumo, da vida em sociedade. Então o Ensino Médio precisa aprender a ensinar a pessoa aprender o resto da vida e, além disso, tem que Ter outras oportunidades pra continuar aprendendo.

MA: Tá, eu concordo plenamente, é difícil discordar disso. A gente tem que estudar a vida inteira e é bom que a gente possa ...

[

MPR: Mas no passado não era necessário.

J: Não era, mas eu conheço, qualquer cidadão conhece pessoas que estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão estudando e olham pra frente e vêem 7,5% de taxa de desemprego. Não dá pra dizer apenas que o mundo passa por uma mesma crise, o Brasil é o nosso país e a gente tem que encontrar soluções pro nosso país e eu não tô vendo. Eh.. esse discurso parece que não é o suficiente pra dizer que daqui a 5 anos vão ser...

MPR: É uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que a economia cresça...

J: Sim, mas no mesmo governo, certo, que .. de fato tá fazendo uma revolução no Ensino Fundamental e se propõe a fazer uma revolução no Ensino Médio é que cria a maior taxa .. taxa de desemprego da história desse país, é o mesmo governo.

[

MPR: Mas, não...não é o governo que cria essa taxa de desemprego. Nós temos... o governo, o país enfrentou uma situação de crise internacional, não é,eh.. da qual se saiu muito melhor do que se esperava. Eu lembro que no começo do ano passado, quando se falava das perspectivas para o ano de 99, se dizia que ia se chegar ao final do ano com uma queda na produção de mais de 10% , essas eram análises que não eram tão pessimistas e que ia se chegar com uma taxa de desemprego de 20%. Não aconteceu isso, não é? Fomos capazes de enfrentar a crise, manter a estabilidade, tivemos um ano difícil.

[

J: Não aconteceu a catástrofe..

MPR: Não aconteceu a catástrofe..

J: Mas a situação é grave.

MPR: Mas.. sim, mas, mas nós vivemos no mundo que passou uma crise, nós fomos objeto de um ataque especulativo na nossa moeda, nós nos defendemos e saímos muito melhor do que se esperava. Agora, hoje, nós temos as condições de voltar a crescer, nós temos as condições de gerar emprego. É claro que não é .. não é simplesmente deixar o mercado funcionar, nós temos que agir para que a economia vol.. acelere seu processo de recuperação e pra que essa recuperação se traduza em empregos. Pra isso nós temos investindo, o presidente definiu recentemente um programa de ciência e tecnologia, né, para estimular a produção de tecnologia nacional, nós temos que buscar eh.. hum. formas de estimular as empresas a exportar mais, não é? Nós temos o BNDS (nós temos tratando sobre isso). Enfim, eu acho que é preciso tomar medidas, sim, na área econômica complementares, para que haja geração de empregos, sem nenhuma dúvida.

J: Ministro, queria introduzir a Universidade um pouco no.. no assunto. Eu acho que é.. que é inegável que a sua atuação han.. no ministério foi inovadora e acho muito bem sucedida no que se refere ao .. ao 1º grau, ao Ensino Fundamental. Em compensação, eu acho que o Ministério, e a sua gestão tem tido uma enorme dificuldade de lidar com as universidades, especialmente as universidades públicas, com o mundo acadêmico, com a comunidade acadêmica e eu queria que.. o senhor pudesse discorrer um pouquinho e me explicar um pouquinho por que isso ocorre, quais são as razões que lhe parecem anh... explicar essa enorme dificuldade de lidar eh... eh.. com a universidade.

MPR: Bom, é mais difícil lidar com a universidade. Eu fui reitor, não é? E... E o Fernando foi presidente do DCE na.. na época, não é? E.. é ..é.. olha ..eu..eu..sin..eu .. foi o período que eu senti a maior dificuldade de.. de levar no dia-a-dia as coisas porque a universidade é difícil, eu conheço a universidade, eu sei que é difícil, mas, vamos lá, eu acho que é uma questão muito interessante anh.. eu acabo de produzir um livro, que não é livro branco, é livro azul, porque as pessoas têm essa imagem: o governo fez muito pelo Ensino Fundamental, mas esqueceu da universidade. Não é verdade, não é verdade. Nós temos eh. dados que mostram mudanças muito significativas na estrutura do Ensino Superior. Vamos lá, o Ensino Superior nos últim... em 4 anos, de 94 a 98, se expandiu 28%. De 80 a 94, havia se expandido só 20%. Então, houve uma expansão. Nós introduzimos uma avaliação, o Provão está aí, o Provão teve muita... eu tive muita resistência da universidade, vocês todos se lembram, pra implementar o Provão. O Provão não foi a coisa mais importante que eu fiz no Ministério da Educação, uma coisa mais importante de tudo foi o FUNDEF, mas o provão foi o que deu mais polêmica. Foi uma coisa eh... foi.. eu diria...ehh.. assim ..às vezes ameaça física por causa do Provão, não é? Muito bem. Tivemos, mas implantamos o Provão. Mudamos a forma de credenciamento do sistema de Ensino Superior. O sistema de Ensino Superior era um sistema que credenciava uma vez, de uma vez por todas, nunca mais aquela universidade que tinha o direito de funcionar, funcionava o resto da vida. Hoje não, hoje a universidade funciona por 5 anos, ela tem que se renovar e ela, ao se renovar, ela ahn.. nós ahn.. criamos a necessidade da avaliação. Que não é só o Provão, temos a avaliação, temos as visitas dos.. dos pares, né? Então todas as universidades estão sendo submetidas à avaliação, inclusive as públicas. Eh.. isso é uma mudança importante. Eh... nós tivemos

J:
raiz das dificuldades?

[
Mas, qual é a

MPR: Eu acho que é um pouco a natureza da da da própria universidade, a natureza das questões que.. que dizem respeito à universidade, nós estamos lidando com uma .. um público que é muito han.. muito mais han.. crítico, não é? Que é um público muito mais exigente que é dos professores universitários, dos alunos e por isso

GM:
mais poder de pressão, Ministro?

[
Não é um público que tem

MPR: Como?

GM: Não é um público que também tem mais poder de pressão?

MPR: Muito maior, muito maior.

[
GM: () que a grande maioria não tem?

MPR: Tem, tem acesso aos meios de comunicação, tem acesso a todas as.. as.. as formas de expressão que a grande maioria da população não tem. Isso é que explica que nós tenhamos, no passado, investido muito mais em Ensino Superior do que em Ensino Fundamental.

J: Ministro, nesse aspecto de investimento, quer dizer, a gente eh... o senhor diz que no passado nós investimos... essa é uma realidade que continua, continua aí, quer dizer, não é verdade que o Brasil tenha deixado de investir mais no Ensino Superior do que nos outros ensinos..

MPR: No âmbito federal, porque se formos olhar o conjunto, não.

J: Os... os dados da Unesco deixaram claro eh.. quer dizer, a (comparação) por aluno é gritante como o aluno, aliás, os alunos só .. só perde pro Paraguai nesse q i.., nessa comparação quanto custa um aluno do Ensino Superior e um aluno do Ensino Fundamental. Eu... queria um.. uma conversa.. uma opinião muito franca do senhor a esse respeito. O senhor é a favor de cobrar mensalidade eh.. nas universidades públicas ou não? Quer dizer, a universidade deve ser eh gratuita ou ela deve passar a cobrar de quem pode pagar?

MPR: Eh. Olha, essa é uma pergunta..

AP: Eh.. só um pouquinho pra dar um espacinho para o telespectador aqui, que tem muitas perguntas e essa também é a pergunta de Luis Antônio Cordeiro Jr., de 35 anos, casado, de Piracicaba, interior de São Paulo.

[
MPR: Esse.. esse é um tema que é muito polêmico e é uma questão muito delicada, não é? Por quê? Porque se a gente olha, assim, de uma maneira geral, quer dizer, assim, por que que uma pessoa, um jovem que pagou toda a sua anh.. o seu Ensino Médio numa escola particular, de repente deixa de pagar porque entrou na melhor universidade, não é? Eh.. então, isso é realmente uma questão de justiça e eu acho que esse é um tema que se.. se imporá na discussão brasileira nos próximos anos. Agora, nesse momento, se me perguntarem: esse é o maior problema da universidade pública, não é. O maior problema da Universidade pública é o que você colocou: é o problema do custo, é o problema da ineficácia, da ineficiência. Isso precisa ser corrigido primeiro. Então, por isso é que nós temos... a nossa idéia é vincular todo o recurso pra universidade, recurso público, sem entrar em.. na discussão do..do.. do ensino pago ou não. Vamos vincular todo eh.., desculpe, vamos fazer com que a universidade pública tenha mais alunos, que seja mais eficiente, que baixe seu custo através da política de autonomia universitária e de de dirigir as verbas para a universidade em função do seu produto e isso já está sendo feito.

J: Para depois começar a cobrar.

MPR: Isso não, o problema.. o problema... o problema é que.. além disso...

J: Quer dizer que o senhor não é contra a questão da cobrança...

MPR: Eu acho que é um tema mui.. mui.. haverá discussão, eu acho que, nesse momento, eu tenho a responsabilidade de ver o que que é mais... o que que é prioritário. Prioritário nesse momento é tratar da maior eficiência do.. do uso do recurso da universidade, recurso público, não é?

[
GM: Não se trata também da universidade cumprir melhor os seus objetivos?

MPR: Exatamente, mas isso vai... isso faz parte da eficácia, da eficiência

[

GM: Eu queria .. colocar a questão da formação do professor, então, só porque ela é do

Ensino Superior

[

MPR: Só um pouquinho... só pra terminar...só pra terminar esse ponto, só pra... esse ponto eu acho que é muito importante eh... concluir, né? Nós estamos fazendo isso já, nós estamos colocando o .. o ... a universidade numa situação em que o recurso vai para a universidade em função dos.. do seu produto, não do que ela simplesmente custa pro governo, né? Então, a Universidade que tiver mais aluno, vai Ter mais dinheiro, a que tiver mais pesquisa vai Ter mais dinheiro, quem fizer a melhor pesquisa vai Ter mais dinheiro... Essa é a idéia que está por trás eh.. isso implementado, isso eu acho que no futuro.. eh.. a sociedade vai discutir isso também, por quê? Porque, hoje, não é verdade, vamos dizer assim, que os pobres pagam o Ensino Superior e os ricos não pagam. Os pobres não chegam à universidade infelizmente em nosso país, nem sequer chegam ao Ensino Médio.

[

J: Mas ()

MPR: O mesmo.

[]

GM: Mas há uma diferença entre aluno de escola pública e aluno de escola particular...

MPR: O perfil sócio-econômico. Nós temos com os dados do Provão, do questionário que fazemos, o perfil sócio-econômico dos alunos que estão lá na escola .. na universidade pública e na particular é o mesmo. Então, é a mesma classe social, é só classe média e classe média alta.

[

J: Ministro, o seu argumento...esse argumento que o senhor quer.. esse ponto que o senhor acaba de lançar é um argumento a favor de quem acha que deve cobrar, quer dizer, os pobres não chegam à universidade.

MPR: Os pobres, infelizmente, não. Agora, vão começar a chegar.

[

J: Há um problema... há..

MPR: Agora vão começar a chegar. Vão começar a chegar, porque .. porque esse aumento de 57% no Ensino Médio é uma situação que está acontecendo na classe média, na classe média baixa, na... eh.. começam os pobres a chegar ao Ensino Médio e vão chegar ao Ensino Superior e aí () vai ser logo, vai ser logo, logo.

[

J: Mas eu tô falando..... sim, mas o senhor falou...

MPR: Em 4 ou 5 anos vamos ter esta situação e aí vai se colocar muito claramente a questão do financiamento de uma forma global e aí sabe o que que vai se discutir, é o que vai Ter que se discutir, o aluno não pelo tipo de instituição, mas pelo tipo de renda que ele tem. Nós vamos Ter que financiar gratuitamente quem necessita, esteja em que universidade estiver, essa vai ser a discussão do futuro.

[

J: Mas o incompreensível é porque tem que esperar tanto tempo, quer dizer, se é só problema de foco, quer dizer, o gasto, o chamado gasto social claramente não tá chegando aos mais pobres, por que temos que esperar anh... sei lá, 5 ou 10 anos..

MPR: Não é que eu acho que nós temos que esperar. Nós temos tarefas que são mais importantes, mais prioritárias, não é? Que são tarefas que precisam ser enfrentadas agora, que é essa questão da eficácia, da eficiência do.. do recurso público.

[

AP: Ministro, desde que o senhor entrou no governo, eh... relativo a isso, o senhor tenta aprovar a emenda e negocia a emenda da autonomia universitária. Acho que faz 4 anos, pelo menos, que ela...

MPR:

[
É... 4 anos.

J: Eh... e todas essas questões têm a ver com a autonomia, quer dizer, ehh... uma das razões pelas quais, me parece, o senhor acredita que não é hora de discutir o pagamento da mensalidade é porque antes, né, (tais como) o que o senhor tá dizendo. Ahn... o que que acontece? O que que é, quer dizer, isso é um pouco o reflexo disso que a gente tá discutindo, né?

MPR: [Nós estamos avançando. Nós estamos avançando.

J: [É a Fazenda que não... É a fazenda que não deixa?

MPR: Não, eu acho que aqui...por que que não houve uma discussão muito clara de autonomia, vamos falar muito claramente isso aqui, por que que não foi aprovada ainda aprovada a emenda da autonomia, porque de um lado, eh... quando nós aprovamos a autonomia em São Paulo, nós aprovamos a autonomia dizendo o seguinte: o montante de recursos que vai para a universidade será mantido, será garantido.

J: Uma porcentagem da arrecadação

MPR: Pois é, mas essa proposta nunca foi aceita pelas.. pelas universidades federais, pelos reitores, nunca... quando eles vão discutir autonomia, se pega um projeto antigo que existe na Câmara, que aumenta o gasto nesse momento em 20%. Se eu tivesse mais 20% eu já teria gasto na universidade, né? Se eu tivesse mais 20% pra botar dentro da universidade federal, eu já teria posto. Nós não temos, né? Então, esse, este é o ponto, de um lado, né, é claro que .. que.. eh.. que o ...quem cuida do Tesouro tem que Ter o cuidado de não querer vincular recursos, eu acho isso natural. Também a discussão em São Paulo, quando eu era.. fui reitor, quando nós fizemos autonomia foi essa.

J: Que é isso que os reitores batem o pé, não é?

MPR: Mas eu não..

J: [A nossa autonomia desvinculada, queremos garantia. E têm razão nisso, né?

MPR: Garantia, mas a garantia do recurso de hoje é o que sempre se ofereceu. Quando chega a hora de discussão, isso não serve. É sempre um pouco, um tanto a mais. Então, hoje, o custo da universidade federal é 4 bilhões por ano, a parte antiga da universidade, 4 bilhões de reais por ano. Quando se vai discutir o problema da autonomia, passa o custo a cinco e seiscentos.

FR: Que a grande crítica, na verdade, que existe no setor universitário é que o governo tem uma política que é pro setor privado, esses 28% de expansão que houve no ensino particular, foi em que setor? Dividido?

MPR: Não, mas nunca houve expansão no Ensino Superior público.. já houve agora, tá certo, 17% de crescimento na matrícula do setor público, vincular, isso é uma coisa muito importante.. se diz assim, muito bem, o governo não tem política para a universidade pública, vamos lá, não é? O governo definiu um programa de eh.. gratificação para a .. de estímulo à docência que vincula o aumento do salário à produtividade do.. do professor, produtividade em termos de nº de aulas dadas, avaliação do seu trabalho de pesquisa, não é? E quem produz mais, tem mais dinheiro. Isso é uma política que nunca houve no país. Então, foi implementada nesse governo, não é?

J: [Sim, durante a greve. Durante a greve, não é?

MPR: Não senhor, porque a nossa proposta era a mesma, nossa proposta era a mesma. Nós entramos.... a única coisa que houve na gratificação de estímulo à docência diferente do que havíamos proposto inicialmente antes da greve foi que a nossa proposta vinculava apenas ao desempenho docente e nós

ampliamos para o desempenho acadêmico, ou seja, docência, pesquisa, extensão. E a outra é que nós excluíamos os inativos na 1ª instância; na aprovação, incluímos os inativos, mas não como se inclui, normalmente, os inativos com salário pleno, apenas 60% da gratificação máxima dos ativos. Então, foram as duas coisas que nós cedemos. O resto foi, realmente, o que estava sendo proposto desde o começo pelo governo. Além disso, tivemos programas importantes de de incenti.. de investimentos na área de informática, de bibliotecas; temos um programa que está sendo agora, já na etapa final, de investimentos em equipamento de laboratórios. Então, quando se diz que tem eh.. política só para a universidade privada, isso é uma falácia.

J: Então..

AP: Eh... Eu vou Ter que interromper. Agora nós vamos para o intervalo.

XX
XX

AP: Ministro, os telespectadores querem perguntar e eu estou aqui garantindo o espaço deles e a Ana Marisa, que se assina estudante do 2º grau aqui de SP eh.. decidi entrar nessa discussão a respeito da questão da universidade. E... ela pergunta: o senhor diz que a universidade pública deve ser produtiva. Qual o sentido da produtividade? É a produção para o mercado, que gera lucro ou é a produção do conhecimento?

MPR: É a produção que usa bem o recurso público, porque a universidade é pública, ela não é gratuita, alguém paga pela universidade. Quem paga?

J: O conjunto da sociedade.

[
MPR: O contribuinte.. o conjunto da sociedade. Quem paga a maior parte dos impostos? Os pobres, que estão sustentando a universidade. Então, é nossa responsabilidade exigir que a universidade seja o mais eficiente possível, mais do que uma universidade privada. Sabe que me indigna essa coisa, me indigna essa coisa de achar que porque é público não pode se exigir, não pode Ter produtividade, não pode se cobrar...(
)

[
J: Mas é essa..

MPR: É isso que eu quero, isso que eu quero, que ela faça mais pesquisa pra beneficiar a população, que ela faça mais eh...que ela tenha mais alunos, que ela não pode Ter uma relação aluno-professor de 8 pra .. 8 alunos pra um professor. Isso é um absurdo, não existe em nenhum lugar do mundo , nem nas universidades de pesquisa melhores do mundo. Isso é o que nós temos que exigir, nós temos que exigir que a universidade pública receba alunos de transferência no 2º, 3º ou 4º ano porque não recebe. Isso, eu fui reitor, eu sei que nós temos uma resistência brutal dentro da universidade. Nós temos que conseguir que... que o aluno que.. que.. se há vaga sobrando.. eu cansei de formar turma na universidade com oito, dez alunos. O Fernando sabe disso, quantos alunos.. quantas turmas dentro da universidade têm só 10 alunos.. Isso é que nós temos que exigir: mais eficácia, mais produtividade.

AP: Mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da universidade, a gente não corre o risco de esquecer a contribuição que a universidade pública deu ao país e tem dado, ou o senhor acha que não deu?

[
MPR: Não, não se esquece, não é? Isso não se esquece porque não há dúvida que toda pesquisa no nosso país é feita dentro da universidade. Nós temos contribuições impotantes, eu fui reitor da Unicamp, eu sei do que eu estou falando. Nós temos contribuições importantes, a Unicamp deu, na área das telecomunicações, na área da engenharia anh química, na área dos alimentos, na área da economia, da tecnologia do petróleo, não é, nós temos a UFRJ na área do petróleo, nós temos as universidades de Viçosa, Rural do Rio de Janeiro na área da agricultura, nós temos a USP na área das ..das telecomunicações também, na área da engenharia elétrica. Enfim, eu acho que eh.. a universidade pública brasileira tem dado uma contribuição importante; agora, isso não exime, não a exime de fazer mais ainda com o recurso público que tem.

[
GM: Ministro, eu gostaria de fazer uma... Ministro, por favor, uma das perguntas que eu acho que procede nessa discussão do Ensino Superior e pra não ficar apenas discutindo a própria universidade porque nós temos uma tendência de fazer, de olhar no próprio umbigo e como nós todos aqui somos universitários de alguma maneira, a universidade nos interessa mais. No entanto, nós sabemos que entre esses serviços que a universidade vem prestando ao país está a formação de professores para o Ensino Fundamental e Médio. Digamos assim, é, talvez, o serviço de maior dimensão social, não no sentido tecnológico, é óbvio, que a universidade vem prestando. Então, eu perguntaria: já que existe uma reforma em andamento, tanto no Ensino Fundamental quanto no ensino Médio, a Universidade, seja ela pública ou particular, ela está preparada pra formar professores que possam trabalhar dentro do espírito dessa nova reforma?

MPR: Eu acho que é uma coisa importante .. porque .. essa é uma pergunta eh importante porque me parece que até agora, nós, como universidade, como anh o próprio governo nunca deixou... nunca tivemos muito claro o que que é formação de professores, não é? Agora nós estamos discutindo isso e agora nós estamos definindo anh nós estamos com um projeto das diretrizes curriculares pronto pra enviar ao Conselho Nacional de Educação, diretriz curricular para a formação de professores, não é? Tivemos recentemente um decreto que procurou organizar um pouco essa.. essa.. pelo menos.. a discussão e a implementação das políticas em função da nova lei de Diretrizes e Bases porque me parece que...ahn.. nós temos uma ahn, sem dúvida, se nós olharmos hoje, no centro-sul, não é, a.. a formação de professores está na mão do setor privado, basicamente, das universidades privadas, particulares e no norte e nordeste elas estão nas públicas, né?

GM: Sobretudo nas públicas estaduais, não é, ministro, no norte e nordeste?

MPR: Sobretudo nas públicas estaduais, mas nas federais também... No norte as federais têm um papel muito importante na formação de professores, né? E eu acho que é preciso agora, né, que nós levemos adiante, aprofundemos essa discussão da formação de professores, estabelecendo diretrizes claras, né, para que o professor tenha.. esteja eh.. digamos, preparado para essa reforma da educação que nós estamos implementando. A reforma da educação que exige interdisciplinaridade. O professor tem que saber inter-relacionar o conhecimento, tem que saber, como os pedagogos dizem, contextualizar o conhecimento, não é? Fazer... trazer... é preciso um tipo de professor que não é esse professor tão especializado nas matérias como havia anteriormente. É um professor que sabe ensinar

[
GM: E o senhor acha que a Universidade tão dividida como ela é em departamentos, em institutos etc., ela pode fazer este trabalho de de intercâmbio entre as áreas?

MPR: Bom... ela deve fazer, não é? A lei de diretrizes e bases, ela abre uma outra alternativa que são os Institutos Superiores de Educação, né, que a própria idéia do nosso saudoso senador Darcy Ribeiro, que tratou o tema dos Institutos Superiores de Educação e dos Cursos Normais Superiores, sem acabar, sem terminar com a idéia da da ... sem .. sem.. isso não.. isto não é uma camisa de força pra universidade. A universidade pode manter a sua estrutura a.. atual, com os departamen... com os vários departamentos e institutos, com as faculdades de Educação na parte de pedagogia... isso pode continuar. O problema não é tanto a forma de organização, eu acho que é muito mais o conteúdo, o que que ah..ahh..aaa formação de professores deve...

[
GM: E o que o senhor teria a dizer sobre essa pesquisa do INEP que mostrou que existe uma relação entre o nível superior do professor e o melhor desempenho do aluno, mas não existe uma relação se o o professor, se o nível superior do professor é de curso de formação de professor ou é qualquer outro nível superior, seja ele engenharia, ou direito, ou agronomia..

MPR: Isso é uma...foi uma... um, digamos assim, algo que se constatou nesse estudo do INEP.

GM: Me impressionou muito esse trabalho do INEP

[
MPR: E se repete já em dois estudos, em duas vezes que se aplicou a... o SAEB, a.. a avaliação dos alunos de 1º e 2º graus, e que eu acho que deve ser um tema de reflexão para a universidade, não é? Por que a formação de professores específica não está agregando? Por isso é que nós queremos, ao definir as diretrizes curriculares da formação de professores, nós queremos chamar a atenção... nós, nesse caso, o ministério, junto com o conse.. eh enviar ao Conselho Nacional de Educação a proposta, pra chamar a atenção pra necessidade de redefinir a formação de professores para torná-la muito mais vinculada às necessidades do sistema educacional, o que me parece que hoje esse dado mostra que está... alguma coisa está falhando aí.

[
FR: Agora, Ministro... Agora, Ministro, eu fiz um curso de licenciatura na UNICAMP e foi uma piada mesmo porque o curso de licenciatura eu fiz com professores que eram professores....que os estudantes daquela faculdade não queriam Ter aula com ele e ele dava aula pros estudantes de outra faculdade. Em geral, é assim. Então, tem um problema de organização das Universidades pra oferta desses cursos. Por que baixar um decreto... o senhor acabou de colocar, a LDB oferece como alternativa os Institutos Superiores de Educação. O decreto fechou nisso, não é? Quem pode formar pra Ensino Fundamental são esses Institutos, não?

[
MPR: Não.... Não, não. Não, o decreto, ele deixa aberto essa possibilidade, de acordo com a lei. O decreto, ele diz três coisas: 1º, a formação de professores de 1ª a 4ª série se dá nos Cursos Normais Superiores...

J: Exclusivamente.

MPR: Exclusivamente. Isso é o que diz o decreto hoje. Segundo, esses Cursos Normais Superiores podem se organizar nas faculdades de Educação, nos Institutos Superiores de Educação, dentro da universidade, fora da universidade. Então, ele não limita a ... que seja, que a única forma para ...seja através dos Institutos Superiores de Educação, não é? Ele apenas diz que... e ali o que é mais importante, eu acho que mais importante do que exclusivamente, não é? é que está dito lá qual é o conteúdo que deve Ter o curso Normal Superior. Ele deve Ter três coisas: ele deve Ter metodologia de ensino, ele deve Ter metodologia de alfabetização, porque o professor, em geral, quando faz o curso de Pedagogia geral, não sabe alfabetizar. E alfabetização não só em português, em matemática... Essa etapa é uma etapa muito importante que precisa ser tratada de uma forma muito especial. Eu fui secretário de Educação e sei da dificuldade que nós tínhamos porque não temos professores que sab... que tivessem a especialização em alfabetização, não é? E, terceiro lugar, que deva Ter conteúdo. Porque estava acontecendo é que muitas faculdades de Educação tomavam um professor de Magistério, que tinha feito só o 2º grau, davam uma tintura de de pedagogia e pronto e esse professor tinha o nível superior. Não é isso, tem que voltar... que o professor saiba mais matemática, saiba mais ciências, saiba mais português... Portanto, o curso Normal Superior tem que Ter também conteúdo. Essas são as três coisas essenciais que estão contidas no decreto e me parece que ninguém pode ser contra isso.

FR: Mas tem um monte de gente contra.

MPR: Você tá falando do exclusivamente..

[
J: Ministro, eu queria...

J: A questão do exclusivamente porque dizem que aí nós estamos limitando... olha, eu tive um caso assim: a minha irmã é professora da da faculdade de Educação de Porto Alegre e ela me disse, escuta, logo que saiu o decreto, você quer acabar com pesquisa na faculdade de Educação. Mas quem vai acabar com a pesquisa? Eu simplesmente estou dizendo que o decreto são essas três coisas: tem que aprender metodologia de ensino, metodologia de alfabetização e conteúdos. Não tem nada... eh se cria um clima quando a gente quer mudar alguma coisa eh... você disse bem, né? A licenciatura na forma atual é uma coisa que anh... são os

professores pior qualificados em cada curso porque é o que não interessa para cada instituto dar. Por isso que o Darcy Ribeiro criou... anh pensou na idéia do Instituto Superior de Educação, porque ali haveria um instituto, onde teríamos todas as disciplinas dentro e os professores seriam os mais competente, não é? Agora, a universidade resiste a isso porque a universidade resiste a mudanças sempre. Nós temos dentro da universidade as corporações da faculdade de Educação, da faculdade... do instituto de física, do instituto de matemática, que impedem essa mudança... as pessoas têm, realmente, dificuldade de mudar. É incrível que isso aconteça dentro da universidade, mas é verdade.

J: Mas não seria melhor convencê-los, do que impor por decreto?

MPR: Mas nós estamos nesse processo, eu estou aqui tratando de convencê-los; eu recebi uma comissão recentemente tratando de convencê-los. Eu estou agora com as diretrizes curriculares... Eu estou disposto a ... a ... receber observações. Agora, eu quero que me digam se alguém é contra que o professor de 1ª a 4ª série saiba alfabetizar, ensinar e conteúdo das disciplinas. Isso é o que tá dito lá. Além disso, se há fórmula é uma coisa

muito discutível.

[

B: Ministro, a propósito dessa questão que ele acabou de perguntar. Eh... anh... o senhor se entusiasmou muito com a sua...com o projeto de obter continuidade, redução de custos, eficiência na universidade, etc. E... vamos dizer, ajustar a universidade, essa eu acho que é a linguagem que tem sido o tom do ministério desde o início...

MPR:

[

Não é ajustar, não é?

J: Eh... mas parece ajustar...

MPR: Não é não...

J: Ministro... parece o ministro da Fazenda da Educação, mas...

[

MPR: Não senhor. Não... não...não...não senhor, não... não.. (risos)

[

J: Deixa eu terminar a pergunta (risos) Deixa eu terminar a pergunta.. deixa eu terminar..

[

MPR: Não.. não... tudo bem, termina aí...

J: O que me parece é que esse tipo de linguagem é que, eh... vamos dizer, tem caracterizado muito o ministério, e...mas ... o mais importante é que isso, no fundo, tá me dizendo que falta.. parece... parece, né, ao ministério um projeto positivo de uma universidade de qualidade, quer dizer, algo que inspire, vamos dizer, os núcleos de alto padrão, que existe em todas as universidades brasileiras a aderir a um projeto de qualidade. E me parece sempre que anh... tá se tentando punir o ineficiente, tentando evitar que, ahn.. vamos dizer, a universidade eh... que as universidades não trabalhem... eu não sou contra aqui que.. que que não... que se cuide disso. Obviamente, a universidade tem que ser eficiente, etc., mas falta um projeto, uma espécie de (utopia) educacional que permita que o Ministro da Educação seja o líder da mudança ao invés de ser aquele que impõe a mudança.

MPR:

[

Anh... enh..

J: Acho que dá pra complementar.. só.. só .. um minutin... é um espelho, acredito, né? Todo mundo tá sabendo que aumentou 30%, nos últimos cinco anos, o nº de vagas do Ensino Superior. A olho nu, todo mundo sabe que foi no ensino privado. Aí, eu acho que, de fato...

[

MPR: Mas a universidade pública aumentou 17%, nunca tinha aumentado.

J: Mas é só olhar um out-door, ouvir um reclame de rádio, um anúncio da TV, pra ver que virou uma guerra

MPR: [ah, mas a ... () por isso não

J: Virou uma guerra selvagem... virou uma guerra selvagem pro infeliz que tá saindo do Ensino Médio, são 7 milhões que tão vindo e vão encontrar apenas abertas as portas da universidade privada porque a gente sabe que a universidade pública, como foi dito aqui, está na mão da elite e não vai sair dela tão cedo, a não ser que o senhor faça alguma coisa, eu nem imagino o quê. Vai ser meio difícil. Essa me parece uma opção política muito clara, pode não ser verdade, mas é o que todo mundo diz, isso é mais perigoso ainda, o senhor como político tem que tratar rapidamente desse assunto.

MPR: Bom, vamo lá... vamos lá...são dois temas aqui que eu queria... eu queria.... vou tratar dos dois, tá certo? A questão da .. da.. da utopia da da universidade, não é? E o que essa ... vamos passar primeiro pra questão do ajuste da universidade porque essa palavra eu não gostei, tá certo? Eu não gostei, pelo seguinte, sabe quanto aumentou...

AP: [Eu só queria fazer a colocação de um telespectador aqui que fica perfeitamente cabível. É Carlos Vergé, que pergunta: se o ministro fosse presidente da república, se o senhor fosse presidente da república, convidaria um economista para o Ministério da Educação? (risos)

(Riso geral)

MPR: (risos) Se fosse um economista como eu, convidaria, porque.. bem...eu... eu tô nessa questão da educação há muito tempo, eu fui Secretário da Educação em SP, eu fui reitor da melhor universidade brasileira do Brasil, tá certo?

J: [Ah... as outras vão ficar nervosas....

MPR: E agora... sou ministro da educação...

AP: Foi só uma brincadeira por causa do ajuste.

MPR: Tá bom... vamo lá.... Sabe quanto aumentou o orçamento da universidade pública brasileira nos últimos qua... cinco anos? 28% , não é? Isso não é ajuste.... Nós estamos agora... anh... o que... o que aconteceu? As verbas, hoje, são dirigidas com mais critério.... eu fui à Universidade Federal de Viçosa, em 96.... inaugurar uma biblioteca... dentro da biblioteca ... tinha um elevador panorâmico. Eu te pergunto: pra que um elevador panorâmico na .. numa universidade pública? Dentro da biblioteca, em Viçosa, onde não existe nenhum panorama pra ser visto.

B: Ninguém aqui é contra.

J: É com o dinheiro público.

MPR: [Não.. mas acontecia isso, Brasília. Acontecia isso. Quantos centros, shopping centers foram construídos.

J: [Mas tem universidade que não tem dinheiro pra pagar luz e água também... muito..

J: [Mas a questão...

J: [Viçosa é a universidade que tem a maior renda, uma das universidades que têm a maior renda de onnhh...convênios privados de toda natureza.

[

MPR: Sim, mas esses recursos são recursos que estavam sendo... que eram aqueles recursos que eram transferidos pra universidade e eram enhh... levados... que ficava ahn... digamos assim, a decisão de fazer, não é, o critério para investimento não era um critério que passava sequer pelo Conselho Universitário. Nós aumentamos a verba de custeio e investimento para a Universidade de cerca de 330 milhões pra 600 milhões por ano. Então...

J: [Ministro, existe elevador panorâmico numa universidade pública, também tem universidade pública que não tem dinheiro pra pagar luz e água...

MPR: Isso é... isso ()

J: [Quer dizer, tem a anedota e tem a tragédia também...

MPR: Eu diria que, hoje, é possível que ainda tenhamos alguma situação como essa... mas existe muito o problema de gestão da universidade, não é? Porque tem universi.. universidades públicas que têm contas de água que são astronômicas.. então anh...contas de luz que são astronô.... a universidade pública muitas vezes está submetida à necessidade de enfrentar o pagamento de..de de luz e não têm recursos porque as pesquisas anh... são muito importantes naquela universidade, mas a universidade não tem recurso pra pagar a infraestrutura pra pesquisa, por isso é que criamos agora, o presidente Fernando Henrique criou o fundo para apoio institucional, justamente pra acabar com esses ...com os problemas que existem ainda de infraestrutura dentro da universidade, não é? Mas, então, qual é o estímulo às coisas positivas dentro da universidade, não é? Eu acho que a gratificação de estímulo à docência cai nessa direção ... ela premia o professor...

GM: [Mas, ministro, o senhor não acha que é uma utopia?

MPR: Só um momentinho porque eu estou com duas perguntas aqui que eu não quero deixar passar, não é? Eh... ela premia o professor que tem melhor desempenho. Nós fizemos uma reavaliação na pós-graduação no nosso país, não é, que hoje nós temos um estímulo realmente a que haja grupos no país que tem este nível internacional. Nós temos financiado um intercâmbio internacional através dos acordos com a França, com a Alemanha, etc. que financiam o intercâmbio entre grupos de pesquisa. Quando a gente... quando a gente fala aqui, em geral, nós temos que ter uma relação aluno-professor adequado e isso, não é, pode se entender como uma necessidade de ajuste da universidade, nós estamos nos esquecendo de todas as demais políticas positivas que foram implementadas na área da pós-graduação, na área da graduação. Nunca se havia investido em laboratório de graduação no nosso país. Nunca. Nós tínhamos... quando eu assumi, tinha universidade que a relação computador-aluno era de 200 alunos pra um computador. Hoje não há nenhuma universidade pública que tenha uma relação de mais de 19 alunos por computador, o que é uma situação muito semelhante a de países europeus desenvolvidos, não é? Então, nós temos redes que foram criadas em torno da universidade, investimos em...em.. bibliotecas..É que as pessoas tratam de destacar só os aspectos negativos, não é? Ou não se destaca, não se discute as políticas positivas que foram...

GM: [Mas, Ministro ... uma relação professor-aluno melhor seria parte de ajuste em vez de ser parte de uma utopia? A minha pergunta é: se uma relação de professor-aluno mais justa é parte da utopia ou é parte do ajuste?

MPR: Eu acho que.. é .. é parte da utopia no meu modo de ver, é parte da utopia, por um lado. Por outro lado, é.. é muito importante destacar que na.. na universidade nós temos uma política de estimular a universidade a ter mais alunos, mais alunos de anh que possam ser alunos de transferência, como eu disse... isso é parte... isso é parte de ajuste? Não, isso é parte que a universidade tem é que cumprir mai... melhor as suas funções... a universidade é pública... não é..

J: Sabe o que é, Ministro, é que nunca quase se escuta o ministro ou autoridades ministeriais falarem de melhores doutores, (falar) em mais doutores ou se falar em eh... melhor universidade... eh, quer dizer, a linguagem toda do ministério é uma linguagem, vamos dizer... vamos dizer eh... uma linguagem ... não quero repetir...mas é uma linguagem, vamos dizer, eh... de .. de .. de economista, de fato. Desculpe, mas eh... () não é porque é o ministro da economia... (risos)

[
MPR: Não é de economista.. quero dizer o seguinte: quando eu assumi o governo, a universidade pública brasileira tinha, dentro de seus quadros de professores, uma proporção de 22% de doutores apenas, hoje tem mais de 30%. Isso é linguagem de economista? Não, é que eu gosto de.. de ver com números) e as pessoas não podem dizer que eu estou sucateando a universidade e não apresentar números... eh... eu tenho a obrigação de apresentar números... Isso é ser economista ou é ser uma pessoa racional? Porque, números, todos nós temos que trabalhar com números...

J: É que a gente nunca escuta o ministério falar em ter melhores doutores... é sempre mais doutores..

MPR: Mas, como que não? Como que não, se nós avaliamos o ... se nós reavaliarmos a pós-graduação... mudamos totalmente a pós-graduação ... a avaliação, o critério, por quê? Para Ter melhores doutores, não apenas mais doutores, certo?

MA: Por falar em quantidade, voltando à minha pergunta, agrada ao senhor a quantidade... a relação professor-aluno numa escola privada, que tem, por exemplo, 100 alunos numa sala de aula, isso é produtividade? São as faculdades que estão sendo abertas aí...

[
MPR: Não... a relação em média... a relação em média é da ordem de vinte, vinte e poucos alunos por professor, a relação média, sabe?

J: Média... média ()

[
MPR: () que deu aula na Sorbone, quantos alunos ele tinha na sua sala... às vezes tinha 300 alunos na sala, não é? Dependendo da sala, dependendo da matéria... Se é uma aula magna, é possível Ter, é possível Ter 100 alunos numa sala, claro, nós não vamos Ter em todas as matérias, não em uma matéria que tem que Ter experimentação, não é? Não é possível Ter mais do que 50 alunos numa sala, ou 30, ou 20, isso depende...

J: Ministro, dependendo, acho que 20 está muito bom.

MPR: Agora, veja o seguinte, numa sala...

J: Eu sou professor...

MPR: Eu também sou profes...

[
J: Vinte alunos numa sala é uma tourada.

MPR: Eu sei.. veja o seguinte, a universidade.. as melhores universidades de pesquisa, Harvard (Michigan), têm uma relação em média de 16, 20 alunos. Por que que a Universidade federal tem que Ter uma relação de dobro?

J: Mas por que que não incomoda ao MEC salas com 100 alunos... Eu também me incomodo com salas com 8 alunos..

MPR: Mas nós temos... nos incomoda, sim. E por que que eu criei o provão? Pra quê? Foi pra perseguir a universidade pública? Ou foi pra ir atrás das piores universidades particulares?

J: Eu quero ver uma fechar primeiro pra comemorar... comemorar.

MPR: Mas.. veja que... veja onde é que está...os processos..

J: [Mas, ministro, precisa de provão pra saber o que é ruim no ensino superior brasileiro?

MPR: Eu... precisa documentar porque senão vão atrás na Justiça e ganham... Eu, aqui em SP, quando eu fuisecretário de Educação tentei fechar, e fechei, dois colégios ehh...que davam diplomas falsos de professores e meus antecessores tentaram por anos e não conseguiram... porque ganhavam na justiça. Eu tenho que Ter documento... Eu justamente fiz o provão porque eu tinha que Ter um documento, pra não Ter pressão política pra me pressionar a abrir outras novas universidades...

J : Mas, Ministro ()

[GM: Eu gostaria de pegar um gancho nessa sua colocação porque eu não comemoraria em nenhuma hipótese de uma universidade fechar. A pergunta que eu faço é: o que que o ministério tem a fazer pra responder a essa demanda da sociedade, já que não tem vaga nas universidades públicas, já que existe um número enorme de alunos buscando o ensino superior. Se fechar uma faculdade, o que que nós vamos fazer com essa demanda, quer dizer, quem responde a essa demanda da sociedade. Eu acho que existe uma questão social maior aí, e política, a ser respondida. Se a universidade pública não pode responder e se a universidade privada não pode porque ela vai ser fechada, quem é que vai atender à demanda da sociedade, Ministro?

MPR: Eh... Esse é um ponto importante. Eu sempre disse que o meu objetivo não é fechar a universidade, nem nenhuma faculdade, o meu objetivo é fazer com que elas melhorem... eu não quero.. eu não acho que há universidades em excesso no Brasil..

[GM: Ao contrário.

MPR: Há universidades ruins em excesso. Isso é que nós temos que fazer com que melhore. Há um estudo da.. feito pela entidade que congrega as escolas de anh.. administração, a administração... o curso tem 4 anos de provão. O estudo mostra que 80% dessas faculdades já mudaram seus métodos por causa do provão, por causa da avaliação ... Isso é o que eu quero, quero que elas melhorem. Agora, as que não melhorarem serão fechadas e você vai ver. Agora em maio, nós vamos Ter o prazo final das doze primeiras ... se elas não tiverem melhorado, fecharão. Não é o meu objetivo, mas elas fecharão.

(Todos falam ao mesmo tempo)

J: Ministro, o senhor disse que o FUNDEF foi o grande, digamos... a coisa mais importante que o senhor fez no ministério, e.. no entanto a imprensa, diariamente seria exagero, mas com uma frequência escandalosa eh... de denúncias de desvio do dinheiro do FUNDEF, quer dizer, tem muita gente com medo de que seria uma boa idéia que simplesmente não vai... eh... vai, simplesmente, abrir caminho pra corrupção , pra () etc.

MPR: [Ela está fechando o caminho da corrupção.

J: Como que o senhor vê essa crítica?

MPR: Apesar de todas as denúncias, o FUNDEF está fechando o caminho do desvio da corrupção, tá? Vamos ver por que... Esse é um ponto muito importante... vou dizer claramente o seguinte: primeiro, hoje está se desviando muito menos dinheiro da educação do que se desviava, hoje está se roubando muito menos dinheiro da educação do que se roubava... e entretanto... há mais denúncias...

J: Como saber...como o economista gosta de mostrar..

MPR: Agora vamos ver..

J: Então me mostra os índices oficiais... Por que há menos...

MPR: Agora, eu vou ser economista, não é?

[

J: Como provar que há menos... há menos...

MPR: Vamos lá...Em SP, antes do FUNDEF.. eh... dos 568 municípios de SP, apenas 68.. eh... dos 648 municípios, apenas 68 tinham rede municipal de ensino fundamental. Todos os demais tinham que gastar 25% da arrecadação em educação e não tinham escola. Onde é que gastavam esse dinheiro? Pavimentavam a rua na frente da escola, construía ginásio de esporte, compravam carro pro prefeito e diziam que era transporte escolar.

[

J: () e também na creche, na pré-escola, que muitos deles fecharam por causa disso.

[

MPR:

Não... não, se nhor ... não

fecharam...

não houve fechamento de creche e pré-escola, não... não é verdade.

[

J: Houve fechamento de creches e escolas. Houve, sim. O ministério não tem (regulado) isso muito bem, ainda, não é?

MPR: Não.. mas olha, eh.. eh.. eu .. eu quero.... nós reservamos pro FUNDEF 15% da arrecadação dos município, os outros 10% tem que gastar em educação e eu quero que me provem que não podem fazer uma boa creche, uma boa pré-escola de qualidade, né? Mas vamos voltar ao FUNDEF. Então, esse dinheiro que ia para outras finalidades, hoje está indo para dentro da sala de aula, não é?

J: Ou não.

MPR: Bom...tá porque senão o prefeito perde esse dinheiro. Ele tem que gastar 60% de salário, é obrigado, o FUNDEF obriga a gastar 60% de salário. Então, salário é um dinheiro que vai para o salário do professor. Os salários de professores em SP, no estado de SP, em função do FUNDEF, aumentaram eh.. de.. o piso salarial de cerca de 250 reais pra mais de 600 reais em menos de 5 anos. No nordeste, os salários aumentaram 50% num ano, nos municípios do nordeste. Então, o que que aconteceu aqui...nós temos... eh... o dinheiro está indo pra dentro da sala de aula, está deixando de ser desviado. Outra coisa muito importante..

[

J:

Mas, ministro, tem um desvio de 60 milhões no Ceará,

de 100 milhões no Piauí..

MPR: Mas são 15 bilhões do FUNDEF. É claro que hoje há mais denúncias, por quê? Porque antes não... o FUNDEF criou uma conta especial. O dinheiro do FUNDEF vai praquela conta. Se o prefeito assinar um cheque, como assinou pra pagar indenização, do não sei o quê, do estupro e tal. ahn.. na hora que ele assinou o cheque, você sabe que o dinheiro foi desviado, não é? Antigamente, o dinheiro era da educação em geral. Mas no final do ano só que tinha que comprovar o uso .. o uso do dinheiro. Então, o prefeito podia fazer o que quisesse durante o ano , no final do ano chamava o contador e o contador, nós sabemos, o contador ajeita tudo e ajeitava dizendo que era dinheiro da educação. Hoje, essa conta do Banco do Brasil só pode ser usada pro FUNDEF. Então , ficou mais transparente, (por isso) que nós temos mais denúncias, não é? Está se roubando menos e temos mais denúncias. Porque antes não aparecia o roubo e não aparecia o desvio, coisa que está aparecendo hoje. E uma coisa eh.. muito importante eh... que...

[

J:

E o que vai ser feito pra evitar que eh... isso teja acontecendo....

MPR: Agora vamos ver o seguinte, são muitas denúncias... eh... e foi dito no começo do programa que quatrocentos ... o Ministério público está investigando quatrocentos...

J: [Quatrocentos municípios.

MPR: 400 municípios, foram as denúncias que chegaram para nós.

J: Hum..hum.

MPR: Nós sabemos que o Ministério público está realmente investigando cerca de 40 municípios nesse momento porque muitas denúncias... nós sabemos que não têm...são denúncias às vezes da oposição, da política do município, etc.

J: ([)

J: Então... 10%...

MPR: Mas mesmo que seja eh... quatrocentos... nós temos..

J: [Cinco mil municí...

MPR: [Cinco mil e quinhentos municípios. São 7 % dos municípios, então, onde haveria a denúncia de desvio de recursos. Nós temos que ser muito rigorosos. É inadmissível que se desvie dinheiro do FUNDEF, dinheiro da educação. Hoje há uma consciência muito maior, por isso há denúncias e há um mecanismo de fiscalizar an.. porque temos a conta especial dos recursos do FUNDEF e eu acho que nós temos que ser muito rigorosos, sim, e há prefeitos que já foram afastados, há prefeitos que tão na cadeia, e nós temos que botar... nós temos que.. não podemos admitir que essa... que essa coisa prolifere... porque senão vai voltar à situação anterior em que o desvio caía na impunidade.

AP: Eh.. eu... queria pedir licença e interromper novamente para mais um intervalo...

XX
XX

AP: Ministro, eh... tem algumas perguntas aqui dos telespectadores que vão no ponto que eu acho que é o ponto central de tudo isso que a gente tá discutindo. Então, o problema dos salários dos professores... eh... eu tenho uma amiga, que é professora, e faz uma observação que eu acho pertinente. Ela diz assim: quem é que vai querer ser, no Brasil, professor daqui pra frente? (E nós) mantidos pra atender esse ensino médio, pra atender esse ensino fundamental, pra atender toda essa demanda de estudo, precisaríamos de quantidades monumentais, industriais de professores, 70 mil professores, me parece, que é um nº que se fala que é a demanda brasileira pra professores, eh... pro ensino fundamental e médio. De onde vão vir essas pessoas.. eh... de que maneira o Ministério da Educação, na posição de dono de recursos federais, não diretamente, às vezes diretamente ligado a isso, às vezes, não; pode influir no sentido de que a gente possa Ter mais professores e, portanto, professores melhores e que possam atender a essas necessidades... necessidades brasileiras.

MPR: Bom, o problema da formação de professores, da escassez de professores em algumas áreas, em algumas regiões, em algumas matérias, é importante, esse é um problema importante por isso a nossa preocupação com programas ... inclusive com... para o ensino médio com alguns recursos de tecnologia,não é, televisão an.. computadores... estamos desenvolvendo software para utilização no ensino médio porque sabemos que, por mais que nós formemos professores, vai ser preciso contar também, especialmente para o ensino médio, com recursos da tecnologia. Agora, houve uma matéria, há umas três semanas atrás, na revista

VEJA, que mostrava uma coisa muito importante. Mostrava que está aumentando a demanda por curso de magistério, curso de professores na universidade. Inclusive na USP, na UNICAMP, não é, por quê? Porque, de certa forma, o mercado está em expansão. E expansão porque o salário está aumentando e expansão porque o emprego está aumentando. A mesma coisa foi constatada pela ISTO É, numa reportagem sobre professores no nordeste..

AP: Então, o senhor acha que não precisa de uma política pública nessa questão?

MPR: Há. Já há uma política pública. O FUNDEF é uma política pública. O FUNDEF, vamos dizer... Primeiro, o dinheiro se distribui de acordo com o nº de alunos; segundo, 60% desse dinheiro vai pro salário do professor, nós estamos obrigando os estados e municípios a melhorar os salários, o que está acontecendo.

J: Ministro, nos municípios, como é que o cidadão contribuinte, o que é que ele deve...pode fazer pra conseguir Ter acesso à aplicação do orçamento lá no município. Como é que eu ou qualquer outra pessoa pode saber se o município está aplicando corretamente o dinheiro ou não...

MPR: Se essa pessoa tiver acesso à Internet, não é, ele pode entrar no site do Ministério da Educação e lá ele terá um... o repasse eh... a cada dez dias do seu município, não é, e saberá quanto dinheiro vai para o FUNDEF e quanto de dinheiro tem que ser aplicado dentro do FUNDEF. Nós estamos também, agora, eh... negociando com os correios para termos, nas agências dos correios, esta mesma informação. Portanto, eh...nós tamos ... nós queremos também publicar no Diário Oficial, nós avisamos na Voz do Brasil (), agora, sistematicamente, qualquer município, se entrar hoje, dentro do site do Ministério da Educação, tem a informação.

J: () campanha publicitária ampla (preparar) ()

MPR: Eh... Nós tamos... eh... estive no ar, há duas semanas atrás, uma campanha ampla, sobre esclarecimentos, sobre o FUNDEF, justamente com esses pontos. Eu fui à televisão, fiz uma cadeia chamando a atenção pra isso. Agora, nós tamos...anh... esse é o ponto fundamental: divulgar a possibilidade do acesso a ...

AP: Dá licença só um pouquinho, dá licença..

J: Então, agora, ministro, o contribuinte pode saber se o prefeito tá aplicando ()

J: () (exatamente o que que ele tá fazendo...

MPR: Aí tem o seguinte: existe o conselho de acompanhamento do FUNDEF, em cada município, é muito fácil saber, ligar para o ministério de Educação, 0800 616161, nós podemos informar quem é a pessoa no município que é o responsável pelo...pelo ..pelo conselho do FUNDEF...

J: (Eu mesmo...)

MPR: Este conselho tem que Ter um acompanhamento das contas.

J: (Há mesmo um... das contas...)

MPR: (...das contas... pro prefeito...)

AP: Eh.. ministro, dá licença só um pouquinho. Eu só queria que o senhor dissesse, por favor, o site do ministério.

MPR: O site do ministério?

AP: [É. Para que as pessoas pudessem... o senhor sabe?

MPR: Ehn..ehn..

AP: [hptt... ponto mec

(risos)

MPR: enh... ehn... (risos) ponto com, não, ponto () ponto mec, ponto br. Isso.

(risos)

J: Mas esses conselhos do Fundão... FUNDEF... eles existem, já existem ou existem leis... porque, aqui em SP, eu nunca ouvi falar disso. risos

MPR: Bom, é o problema de saber eh... nós temos a pesquisa realizada há um ano atrás .. que mostrou que mais de 70% dos municípios, há um ano atrás, já tinha constituído seu conselho. Hoje, esse nº deve ser maior. Mas qualquer pessoa pode cobrar do prefeito, quem é o conselho do FUNDEF, o conselho municipal, e esse conselho tem que Ter acesso às contas e tem que acompanhar a execução ()

[GM: Ministro, esses 60% é só dos salários ?

J: [O próprio prefeito de SP, ele (tinha direito) () (risos) fica difícil....(risos)

GM: Esses 60% anh.. pra colocar com o professor é só pra salário ou pode ser usado pra (capacitação...)

MPR: [Salário ou formação de professores..

GM: Pode ser usado para...

[MPR: ..a formação de professores. Por isso é que tem eh.. o nº de professores leigos, no Brasil, tem caído vertiginosamente, por duas coisas: primeiro, porque tem se investido na formação mais e, segundo, porque o prefeito de hoje tem dinheiro pra pagar um salário que não é de 20 ou 30 reais, mas é de 300 ou 400 reais no interior do nordeste, esse prefeito deixou de contratar leigos e passou a contratar profissionais.

GM: Há algum tempo, eu... ahn.., num seminário do ministério, eu disse a respeito de um provão especial para os professores, quer dizer, um sistema de avaliação que não permitisse que entrasse no magistério pessoas que não tenham um alto padrão de qualidade, independentemente se ela vem da universidade pública ou das escolas particulares que.. ele acha que devem ser fechadas. O ministério tem alguma.. alguma .. coisa .. concluída das faculdades ruins... (? Risos?).Anh.. o ministério tem uma posição sobre isso, já existe alguma providência...

MPR: Estamos analisando propostas, inclusive em função dessa discussão do decreto que mencionamos antes, é possível que cheguemos a um acordo com os próprios sistemas universitários de estabelecer um sistema de acreditar chama acreditação do professor, não é? Que possa haver criado em cada estado, cada município, um sistema de avaliação, de exame, que o professor que tiver aquele certificado passará a Ter regalias maiores eh...

J: Ministro, só uma pergunta eh.. ingênua. Mas acho que vai Ter muita gente que vai ficar bravo quando eu fizer essa questão. O senhor freqüentemente é citado como um... um presidenciável, como um dos possíveis candidatos do ... do..., bom enh... do presidente Fernando Henrique à sucessão. O senhor alimenta esse sonho.. o senhor gostaria de .. de concluído aí o segundo mandato como ministro da Educação, quem sabe tentar a presidência da república .enh.. como o senhor vê..uhn..

MPR: Essas coisas não dependem ... não dependem de cada um de nós, não é.. dependem das circunstâncias.

J: [Não, mas eu tô perguntando no foro íntimo, o que o senhor acharia....

MPR: [Eu acho o seguinte: eu tô preocupado agora em terminar meu trabalho na educação que está sendo um trabalho bem feito. Essa é a minha preocupação central. Eu acho que eh.. o meu objetivo na vida é fazer coisas que deixem marcas, que deixem coisas positivas para os outros, pra sociedade. Enfim, que a gente faça coisas na vida que deixe alguma impressão digital aqui. Eu acho que, pelo o que eu já fiz na Educação, se eu morrer amanhã, eu .. eu justifiquei a minha vida. Eu, realmente, as mudanças, eu tenho muita clareza de que isso é a coisa mais importante que eu já fiz, e que é uma contribuição importante. Agora, eu.. eu acho que tenho pela frente muitos anos de vida, espero Ter, não é, e portanto, outras oportunidades aparecerão. Eu acho, digamos.. eu tô na vida pública já há muitos anos... mesmo antes de voltar para o Brasil, eu trabalhava num organismo público internacional, a (OIT) ; depois, quando voltei para o Brasil, sempre trabalhei na área pública, fui secretário de educação, exerci cargos políticos públicos. Eu acho que eu tenho que eh...eventualmente, terminada a minha tarefa no ministério da educação, colocar o meu nome à disposição do partido para uma disputa eleitoral, que eu acho que deve ser em SP, eu acho que o que eu posso aspirar, o que eu posso pretender é oferecer o meu nome para uma disputa legislativa majoritária, talvez o senado, ou coisa assim, mas eh... eh... eu acho que a questão da presidência é uma questão bastante distante, não depende de mim e acho que é algo que eh... prematuro discutir.

J: Ministro, ()

J: [Deixa eu só concluir a .. a pergunta. Eu queria que o senhor comentasse rapidamente a.. uma afirmação do presidente feita à revista Época numa entrevista muito ... numa entrevista que o presidente deu há coisa de um ou dois meses, que faltaria ao senhor um ...

AP: [A data é de 6 de março

J: ... 6 de março... que faltaria ao senhor um...um ... um traquejo maior na... na...

MPR: [Não, o que ele disse é que...

AP: ...no político e que não passou pelo congresso...

MPR: [..deveria Ter passado pelo congresso...

J: A relação com o congresso...

MPR: Ele disse três coisas: que eu deveria Ter passado pelo congresso, mas que eu aprendi a lidar com os políticos...

AP: E que o senhor fez um bom trabalho na educação, vou citar eh...ipsis literis..

MPR: [E que eu tenho dificuldade com a imprensa.

J: [Faz um bom trabalho na educação, aprendeu a conviver com os políticos, mas apanha muito da imprensa. O político que não passou pelo congresso sofre... não sabe..

[

MPR: Eu quero dizer o seguinte: eu tenho um acompanhamento de imprensa já há... desde o início do governo... eu tenho até por um problema de saber onde é que estão os problemas, onde é que surgem ,etc. A avaliação do ministério, a minha avaliação, mesmo da imprensa é, em geral, muito positiva, as notícias positivas são da ordem de 70, 80%, 90 às vezes, quando temos coisas assim como o Provão, etc. saltam pra 90...

J: [Mas ()]

J: Mas, volta à questão, quer dizer, a colocação do presidente não foi propriamente eh... entusiasmada em relação ao seu nome pelo menos... como é que o senhor ava... avaliaria...

MPR: [Não, eu acho que isso é ... é natural que o presidente não tem ainda definido quem será o candidato que ele apoiará, não é, e isso é... e, como eu disse, eu não estou me colocando na perspectiva de ser candidato à presidência; eu tô me colocando na perspectiva de ser candidato ao senado por SP.

J: Ministro..

J: [MPR: Heim?

J: O senhor acha que numa disputa entre o Covas e o (Serra)pode sobrar alguma coisa?

MPR: Não, eu acho que o nosso candidato, hoje, sem dúvida, é o Mário Covas. Temos anh... o Serra é um... se o governador Mário Covas não for candidato, nome do Serra é um nome que aparece em 2º lugar, nós temos o governador Tarso Jerissati que... no nosso partido tem muitos quadros que podem ser candidatos à presidência.

J: Aproveitando essa dimensão política, inegável, sua, inclusive o reconhecimento que as pesquisas dão ao seu trabalho, eu também acho que ... que tem ser dito, não é, são pesquisas, números.... aí eu vou me permitir uma provocação aqui, eu acho que ela é relevante. O senhor sentiu vontade de renunciar quando viu o seu governo jogar bombas de gás, espancar índios e manifestantes...

J: [Posso agregar uma? A coincidência da história é que o movimento chama "Brasil, outros 500 ", né, o ministério da educação tá com uma campanha que chama outros 500...

MPR: É, porque agora são os 500 da educação, a educação melhorou como nunca no país, não é? Olha, eu acho

J: [O senhor não acha que é uma fantasia o Brasil ()]

MPR: Olha, é ... é uma coisa que é muito importante nós discutirmos o seguinte, se nós olharmos... se nós olharmos as celebrações dos 500 anos, não é, se nós olharmos o que houve de (análise) da imprensa, a impressão que dá é que o país é um fracasso, que nosso país fracassou, que nós fracassamos como país, não é, e eu acho que isso é algo que não é verdadeiro. Mesmo na questão indígena, vamos lá na questão indígena. O ministério da educação tem um trabalho excelente na área da educação indígena, como nunca se fez neste país. Nós temos... o nosso país já demarcou 11% do seu território como território indígena, não é? É claro que nós temos problemas, nós temos anh... nós temos demarcado o equivalente à área total da Alemanha e da França juntos... O que fizeram os outros países com seus índios? O que fez os Estados Unidos com seus índios? Onde é que botou? Confinou nas montanhas. Aqui estão demarcados nas suas terras, nas terras dos índios, não é? A população indígena, em 1970, era de 100 mil, dados do jornal Estado de SP; hoje, são 350 mil. Está crescendo, voltou a crescer ... a população indígena no nosso país. Portando, é claro que há problemas. Mas, eu acho que há um grande exagero, não é, em destacar, em realçar só os nossos problemas. Eu vi um jornal eh... outro dia... ()

J: [Mas jogar bombas de gás? Agressão física?

MPR: Não... mas é um problema..

J: [Não houve sensibilidade, a meu governo, porque, de repente, se tivessem recebido as reivindicações, atendido...

MPR: Mas isso ... isso o nosso governo sempre () sempre ()

J: [() mostrou uma imagem que ficou, terrivelmente ruim.

MPR: O presidente sempre teve uma () mas () queriam mostrar essa imagem, queriam mostrar a imagem, vamos ser muito claros, o que as pessoas queriam era mostrar a imagem...

J: [No início, no início do governo do presidente Fernando Henrique, tanques invadiram eh.. uma manifestação grevista, no Rio de Janeiro quando foi (), tanques!

MPR: [Mas ali ... eh.. eh.. hum.. ontem, nós tivemos uma manifestação de força também nos Estados Unidos, em relação à questão da libertação daquele menino lá em Miami, não é? Houve repressão igual; eu não vi a imprensa brasileira, nem a imprensa internacional, tratar a repressão nos Estados Unidos que foi... eu vi, deu na televisão, mais violenta do que houve aqui. Eu não vi tratar negativamente. Eu acho que há, realmente, um exagero, em nós nos auto ... flagelarmos no nosso país, não é? Nós temos ... eu vi um jornal dizer, na manchete do dia 22, diz o seguinte: "a oitava economia do mundo produziu 30 milhões de miseráveis". Como se fosse...a produção fosse hoje, não fosse uma questão histórica, como se nós não tivéssemos tido a escravidão e não tivéssemos tido a... o...

J: [Ministro, bater.. bater em quem se auto-flagela me parece uma (perolição / prerorição), bater em quem auto, em quem se auto-flagela parece uma (perolição) até semântica.

MPR: Não é...não... agora você está fazendo aqui uma...não...(risos)

J: Não ... o senhor fugiu um pouco do assunto também.

MPR: Não, eu tô falan... eu tô dizendo o seguinte: que aqui houve claramente, está havendo uma tentativa de mostrar que o país ... está tudo ruim, que é um fracasso e as manifestações, claramente, foram manifestações para que aparecesse na imprensa internacional, uma imagem negativa do nosso país. Eu acho que isso é muito claro, muito claro. Houve a disposição do governo de receber, de conversar... Houve sempre essa disposição. Tivemos lá o MST, também protestando. Nunca se demarcou tanta terra para a reforma agrária, nunca se desapropriou tanta terra para a reforma agrária. O que nós desapropriamos equivale a toda área de Holanda, Bélgica, Portugal e Áustria juntos.

J: Mais ou menos ()

J: [() faz parte da democracia

MPR: A pessoa pode se manifestar, muito bem.. Então, havia uma manifestação oficial, marcada há mais de ano, num determinado local. As outras pessoas querem ir lá atrapalhar essa manifestação, para que não ocorra. Aqui há o respeito também pela manifestação dos outros, manifestação oficial... por que que é só a manifestação de oposição que tem direito de se manifestar onde quiser, não é? Eu acho que isso é uma coisa que tá acontecendo muito, não é? (As pessoas usarem o palco dos outros para fazer a sua manifestação) Isso está acontecendo no mundo inteiro, é um fenômeno dos últimos tempos, isso não acontecia no passado.

Quando se fez maio de 68, na França não se incorporou nenhum palco, se fez ali o palco; quando se fez aqui a marcha dos 100 mil, se fez ali o palco, não é? Isso eu acho que mudou, infelizmente, o meio de comunicação faz isso, com que se procure o palco dos outros para...

J: ()

AP: Ministro, eu queria colocar algumas questões da área da educação que me parecem importantes na sua presença aqui. O senhor disse que uma parte do recurso do FUNDEF pode ser usado pra formação de professores. O ministério tem acompanhado o pagamento que as secretarias estaduais e municipais pagam às universidades públicas, sobretudo estaduais, em alguns casos também federais, pra que elas formem professores, caracterizando o duplo financiamento da universidade pública, quer dizer, ela recebe dinheiro do orçamento e ela depois, ainda, recebe pra cumprir uma coisa que ela é obrigada a fazer de graça. Anh... e eu vi esses dados, inclusive, no próprio MEC, quer dizer, anh...o curso de formação de professores em universidades públicas, sobretudo no Nordeste, e algumas estaduais, é de 2500 a 3000 dólares por ano, que significa aí uma média de uns 5000 dólares, que significa mais ou menos 500 reais por mês, que é o preço que cobram as particulares. No caso, não há uma grande diferença de qualidade entre universidade pública e universidade particular.

MPR: Nós temos acompanhado, mas é um problema que nós temos deixado com mais liberdade para os estados e municípios para eles aplicarem esses recursos e eu acho que o mais importante é que há um () de qualidade; muitas vezes nós sabemos que a qualidade () é nossa preocupação. O curso de formação de professores seja dado, com recursos do FUNDEF, tenha qualidade. Essa é o nosso ponto de vista.

J: Ministro, uma pequena questão... Eu vou... eu queria mostrar um...uma...

J: Só uma (coisa) que pra mim parece uma ()

[
J: Desculpe...é que eu vou... é que eu vou (complicar) é que eu vou voltar a uma questão sua.

[
J: () um duplo financiamento.

J: É que ela tinha colocado anteriormente o cenário, quer dizer, que nós (temos) enfrentado já há alguns anos que é... anh..., quer dizer, a partir do momento que você tem uma expansão, uma explosão do Ensino Médio, vai haver uma demanda enorme pra universidade. Como os recursos públicos da educação parecem crescer muito pouco e o ensino superior anh... privado mostra anh..., digamos, que ... que se expande rapidamente, mas às vezes com muito má qualidade, como é que o ministério vê isso aí se solucionar? Qual é o cenário ... como que o senhor imagina que nós possamos enfrentar esse problema no futuro? Como atender essa massa crescente de gente com qualidade?

MPR: Primeiro, fazendo o que nós estamos fazendo que é a avaliação. Melhorar a qualidade de todo o sistema, não é, e exigir mais qualidade do segmento particular. Segundo, eh... nós vamos Ter uma massa muito grande de alunos, de jovens chegando à universidade e vamos Ter que tratar a questão do financiamento de uma forma global, não é, com bolsas e com crédito, com financiamento estudantil. Nós criamos um sistema de financiamento estudantil que hoje já é o maior da história. Nós estamos com 130 mil alunos no sistema de crédito de financiamento estudantil. Este ano vamos chegar a 180 mil agora, com as inscrições que vamos abrir..

J: () o estudante que...

MPR: Nós temos que... o ensino é gratuito, então ali... o problema de financiamento é direto para a instituição. Eu acho que a tendência, no futuro, vai ser mudar o sistema de financiamento para financiar o aluno e não a instituição, não é, e, portanto, nós vamos Ter que combinar, uma combinação muito grande de

possibilidade de financiamento e de bolsas de estudo. Eu acho que este é o caminho que nós vamos tender a seguir no futuro.

J: Ministro, por enquanto, o estudante pobre que chega à universidade, que tá chegando na universidade privada, pra obter o crédito educativo, ele precisa provar que tem dinheiro pra poder conseguir o crédito.

MPR: [Não, não...

J: Pelo menos é uma reclamação que a gente ouve muito, que se exige propriedade.

MPR: Não, não se exige propriedade, mas...

J: Tem que provar que vai conseguir pagar aquele...

GM: Exige fiador ou não exige fiador?

MPR: Exige o fiador...

J: A pergunta tá recorrente...

MPR: Exige o fiador, mas o fiador não é como o fiador da... da...do aluguel que tem que Ter propriedade, etc. É o fiador... a pessoa que vai ser o responsável para o financiamento... porque se esse aluno que obtém o crédito, hoje, não pagar, ele está impedindo o aluno, amanhã, de estudar, tá certo? Porque o que nós queremos é um sistema em que o aluno estuda, tem o crédito e, depois, ao se formar, paga pra que outro aluno carente possa estudar no futuro. O sistema do financiamento é esse; o antigo sistema de crédito educativo era o contrário disso; era um sistema de, praticamente, de fundo perdido, porque a inadimplência era de 90% ao ano e era limitado a um nº muito pequeno porque o dinheiro tem que sair do orçamento. Então, realmente, não havia condições de se expandir o sistema. Nós queremos um financiamento rotativo, com o repagamento pra poder expandir o sistema.

J: Agora, ministro...

J: E os jovens e adultos que não tiveram acesso à educação na época adequada e que, agora, precisam estudar. Eles vão estudar pela televisão? Anh... tem um programa pra jovens e adultos? Uma das grandes críticas ao FUNDEF é : ele tirou recursos da educação infantil e também não cobriu a educação de jovens e adultos.

MPR: [Não, eles podem...

J: De maneira mais gera, eu queria perguntar...

MPR: Podem ser usados... Podem ser usados, sem nenhuma dúvida.

J: Podem ser usados...em supletivos....

MPR: Podem em supletivos, em qualquer tipo de... de ensino fundamental, podem ser usados em ensino fundamental pra jovens e adultos, sem nenhuma dúvida. Eh... eu acho que no futuro nós deveremos Ter, estamos caminhando pra isso, um sistema muito complexo de vários tipos de entidades em que a possibilidade de educação recorrente, permanente, será uma realidade. Essas 200 mil vagas que nós estamos abrindo no ensino profissionalizante, elas já se dão numa forma muito flexível, em que a pessoa pode ir e sair do sistema, atualizar-se, fazer alguns módulos, Ter uma certificação parcial, trabalhar, voltar. Eu acho que o sistema precisa, no futuro, pensar... o sistema todo, universidades, escolas técnicas, que as pessoas terão que aprender toda a vida e terão que Ter a oportunidade de ir e voltar do sistema, na forma presencial, na forma a distância, com meios eletrônicos, com meios tradicionais do correio. Esse é a grande diversificação

educacional que nós temos que Ter no nosso sistema educacional que não tínhamos. Nosso sistema educacional era muito rígido há 4 anos atrás.

J: E o Brasil investe o suficiente pra isso? O senhor acha que a gente investe o suficiente em educação? Ou mantém aquele discurso que investe muito, mas investe mal.

MPR: Não, eu diria o seguinte: mais dinheiro sempre é bom, não é? Eu acho que.. em educação, especialmente. Todo dinheiro bem gasto em educação é um investimento essencial para o país, pras pessoas; é o que de mais importante nós podemos fazer em nosso país, não é? Agora, eu diria, o dinheiro era muito mal aplicado, era muito desviado, ele não chegava na sala de aula. Hoje ele está chegando, não é? Se eu tivesse, antes, mais dinheiro, com o sistema anterior que eu tinha, eu só tinha uma certeza: ia aumentar o desperdício. Eu não tinha certeza que ia aumentar o benefício para o aluno. Hoje eu tenho certeza que mais dinheiro na educação leva à melhoria da qualidade porque o dinheiro está chegando na sala de aula realmente.

J: Ministro, o senhor disse que está aumentando o nº de professores e tal, até a produção tá em alta, mas além do salário, existe uma grande desmotivação na escola pública assim principalmente. Qual o remédio pra isso, qual a solução, como que...()

[
MPR: Nós estamos trabalhando, unh... tratando de ajudar o professor de várias formas: avaliação e (), TV escola, computador na escola, parâmetros curriculares nacionais...

[
J: Na periferia falta muito computador... ()

MPR: Na periferia não...não () programa que está começando, não é, nós já estamos... temos um programa pequeno, ainda, mas é um programa abrangente no país todo e temos a perspectiva de continuar crescendo. Temos que primeiro formar os professores. Não dá pra colocar o computador na escola se não tiver professor lá. Já temos 220 núcleos de formação de professores em todo o país, né? Temos já 33 mil computadores na escola e eu acho que um livro didático de qualidade, TV escola, eh...Parâmetros Curriculares Nacionais são eh... elementos todos que ajudam a motivar o professor. E o curso "Parâmetros em ação", que é um curso de treinamento para professor. Eu acredito que o professor, hoje, a professora, hoje, está mais motivado, é a minha observação de... de (experiência) na educação durante muitos anos, está mais motivado, tanto pela questão do salário quanto pela questão de que está se dando conta de que nós estamos, finalmente, o país, finalmente, está se preocupando com o professor e com o ensino fundamental.

AP: Ministro, infelizmente, nossa entrevista chegou ao fim, o programa tá no finalzinho... Eu queria que o senhor fizesse uma resposta muito breve. De todas essas coisas que o senhor parece até se orgulhar de Ter feito, de conduzir, etc. o que é que o senhor, ainda, vai lutar pra fazer até o final desse governo, o que o senhor não gostaria de maneira nenhuma de deixar de fazer, mas tem que ser bem rapidinho, ministro.

MPR: Bom, eu acho que nós temos que levar adiante a reforma do ensino médio, né, conseguir realmente dar condição pra todo jovem ter um ensino médio de qualidade, completar a reforma da universidade, conseguir completar o meu projeto de colocar equipamentos nas universidades públicas e cuidar mais da formação de professores. Eu acho que são as três prioridades que nós temos no nosso horizonte, pela frente, nos próximos dois anos e meio.

AP: Ministro, muito obrigado pela entrevista. Muito obrigado também a todos os telespectadores, nós tivemos talvez 200, 250 e-mails, fora os telefonemas, vamos passar as perguntas ao ministro. Obrigada também à bancada de entrevistadores. Boa noite.

